



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO TECNOLÓGICO - CTC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PósARQ

Carolina Bini

Atmosferas do lugar – relação entre rito e arquitetura:

o caso da Capela Universitária Jesus Mestre

Florianópolis

2019

Carolina Bini

**ATMOSFERAS DO LUGAR -
RELAÇÃO ENTRE RITO E ARQUITETURA:
O CASO DA CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maristela Moraes de Almeida.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bini, Carolina

Atmosferas do lugar - relação entre rito e arquitetura :
o caso da Capela Universitária Jesus Mestre / Carolina
Bini ; orientador, Maristela Moraes de Almeida, 2019.
168 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Rito. 3. Arquitetura. 4.
Espaço Sagrado. 5. Fenomenologia. I. Almeida, Maristela
Moraes de. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III.
Título.

Carolina Bini

Atmosferas do lugar – relação entre rito e arquitetura:

o caso da Capela Universitária Jesus Mestre

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Ayrton Portilho Bueno, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

Profa. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja Elali, Dra.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN

Profa. Máira Longhinotti Felipe, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Prof. Fernando Simon Westphal, Dr.

Coordenador do Programa

Profa. Maristela Moraes de Almeida, Dra.

Orientadora

Florianópolis, 2019.

Àqueles que acreditam na arquitetura como experiência

AGRADECIMENTOS

À Maristela, pelo conhecimento
Aos meus pais, pelo cuidado
Ao Juan, pelo incentivo

À minha família
Aos amigos e amigas
À Capes e ao PósARQ/UFSC

Esse é um tema aparentemente pequeno, simples, mas... é um negócio muito complicado. Você criar um espaço aonde a pessoa entra num... mergulha no seu interior, procurando se aproximar das coisas que a pessoa acredita, das coisas que são superiores e tal, então não é nada fácil. E isso não tem uma forma definida [...]
(COELHO, 2019)

RESUMO

BINI, Carolina. **Atmosferas do lugar – relação entre rito e arquitetura:** o caso da Capela Universitária Jesus Mestre. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

Esta pesquisa estuda a relação entre rito e arquitetura no espaço sagrado, revelando atmosferas do lugar, através da leitura sensível da Capela Universitária Jesus Mestre no campus da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR em Curitiba. Através da observação fenomenológica e em uma perspectiva sensível, buscou-se interpretar os eventos e as suas relações com a arquitetura. O percurso deste estudo apresenta-se organizado em dois momentos. O primeiro é teórico, discutindo a relação entre fenomenologia e arquitetura a partir de trabalhos anteriores. O segundo momento é prático, onde o estudo de caso da Capela é apresentado a partir da observação sistemática. O edifício é descrito em etapas, observando as características tangíveis e intangíveis do ambiente através de categorias fenomenológicas. Em um primeiro nível se considerou o exterior e entorno da Capela, através de cenários que enquadraram o edifício em diferentes distâncias. Em um segundo nível, os ambientes internos e objetos sagrados foram observados, interpretando as qualidades sensíveis materiais e imateriais. Para aprofundar o estudo, um terceiro nível observou a relação entre rito e símbolos, através das atividades das pessoas, com o mapeamento comportamental centrado no lugar, aproximando o trabalho da representação do espaço. Por fim, uma entrevista parcialmente estruturada sobre a concepção do edifício foi realizada com o arquiteto e autor da Capela, Manoel Coelho. Os achados interpretativos gerais e específicos demonstraram, através de uma leitura sensível, a relação entre os diferentes momentos do rito, dos gestos, dos percursos e atitudes das pessoas, características que conectam os elementos com o espaço, compondo o ambiente. A atmosfera do lugar faz com que o rito ganhe sentido, através do posicionamento, arranjo e forma dos espaços. Espera-se, que o desenvolvimento da pesquisa teórico/prática possa contribuir para estudos futuros em situações ou contextos similares.

Palavras-chave: Rito. Arquitetura. Atmosferas. Espaço sagrado. Fenomenologia.

ABSTRACT

BINI, Carolina. **Atmosphere of the place – relation between rite and architecture:** the case of Capela Universitária Jesus Mestre. 2019. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

This research studies the relation between rite and architecture in sacred space, revealing atmospheres of the place through the sensitive reading of the Capela Universitária Jesus Mestre on campus of Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR in Curitiba. Through phenomenological observation and in a sensitive perspective, sought to interpret the events and their relations with the architecture. The course of this study is organized in two moments. The first is theoretical, discussing the connection between phenomenology and architecture from previous work. The second moment is practical, where the chapel case study is presented from systematic observation. The building is described in steps, observing the tangible and intangible characteristics of the environment through phenomenological categories. At first it was considered the exterior and surroundings of the chapel, through scenarios that frame the building at different distances. On a second level, the indoor environments and sacred objects have been observed, interpreting the material and immaterial sensitive qualities. For further study, a third level observed the connection between rite and symbols, through people activities with place-centered behavioral mapping, approaching the work of space representation. Lastly, a partially structured interview about the building conception was conducted with the architect and author of the Chapel, Manoel Coelho. The specific and general interpretative findings demonstrated through a sensitive reading the relation between the different moments of the rite, the gestures, the pathways and people's attitudes and features that connect the elements with the space, composing the environment. The atmosphere of the place makes the rite get direction through positioning, arrangement and shape of spaces. It is expected that the development of theoretical / practical research can contribute to future studies in situations and similar contexts.

Key-words: Rite. Architecture. Atmospheres. Sacred Space. Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Diagrama de temas e autores.....	24
Figura 2. Diagrama com a relação dos objetivos específicos e procedimentos metodológicos.....	30
Figura 3. Diagrama síntese da estrutura da dissertação.	32
Figura 4. Interior do Museu Guggenheim, de Frank Lloyd Wright.	37
Figura 5. Escadaria da Escola de Filosofia, Nova York, Steven Holl.	38
Figura 6. Termas de Vals, Vals, Peter Zumthor.....	38
Figura 7. Capela Universitária Jesus Mestre.	54
Figura 8. Croquis do plano diretor da PUC-PR planejado por Manoel Coelho.	55
Figura 9. Antigamente, arquibancada do hipódromo e hoje, museu universitário.	56
Figura 10. Edifício administrativo.....	58
Figura 11. Vista da capela e da biblioteca.	58
Figura 12. Posição do bosque e da Digital Arena em relação à capela.....	59
Figura 13. Ideia de implantação da praça, capela e possível teatro na PUC-PR.	61
Figura 14. Primeira proposta para a capela.....	61
Figura 15. Segunda proposta para a capela.....	62
Figura 16. Planta baixa do mezanino da segunda proposta.	62
Figura 17. Mapa de percurso e cenários.	66
Figura 18. Cenário 1.....	67
Figura 19. Cenário 2.....	68
Figura 20. Portal de acesso PUC-PR.	69
Figura 21. Jardim Japonês.	69
Figura 22. Vista do alto da capela a partir da biblioteca.	70
Figura 23. Cenário 3.....	71
Figura 24. Cenário 4.....	72
Figura 25. Cenário 5.....	73
Figura 26. Ambientes da Capela.	77
Figura 27. Fachada leste da capela e sua integração com o entorno.....	78
Figura 28. Fachada norte e seu entorno.....	79

Figura 29. Fachada sul e seu entorno.	80
Figura 30. Fachada oeste e seu entorno.	81
Figura 31. Capela às 8h.....	82
Figura 32. Capela às 12h.....	82
Figura 33. Capela às 17h.....	83
Figura 34. Capela às 19h.....	83
Figura 35. Movimentação de pessoas em frente a capela em dia de sol.	84
Figura 36. Movimentação de pessoas em frente à capela em dia de chuva.	84
Figura 37. Adro ou hall da capela.	85
Figura 38. Batistério, com pia batismal dourada.....	86
Figura 39. Capela mãe de deus.....	86
Figura 40. Nave vista a partir do presbitério. No canto inferior esquerdo está o acesso pelo adro.	87
Figura 41. Presbitério visto do mezanino.....	88
Figura 42. Capela do santíssimo (tabernáculo e lâmpada do santíssimo).....	89
Figura 43. Secretaria da capela.....	90
Figura 44. Sala destinada ao atendimento individual.	90
Figura 45. Sacristias e cozinha de apoio.	91
Figura 46. Coro durante a missa.	91
Figura 47. Objetos sagrados na Capela.	94
Figura 48. Painel até 1999 "Cristo Mestre e Pantocrátor".....	95
Figura 49. Painel indicando o Bom Pastor, Cristo e Nossa Senhora.....	95
Figura 50. Via sacra.....	96
Figura 51. Escultura de Nossa Senhora Educadora.....	97
Figura 52. Painel de Marcelino Champagnat.....	97
Figura 53. Vitrais que compõem a fachada de acesso.	98
Figura 54. Reflexo dos vitrais a noite.....	98
Figura 55. Qualidades sensíveis da Capela.	102
Figura 56. Participantes e celebrantes durante o rito da missa no domingo.....	104
Figura 57. Início do rito da missa na capela.	105
Figura 58. Rito de comunhão.....	105

Figura 59. Mãos estendidas em oferencimento à crença.	106
Figura 60. Finalização do rito da missa na capela.	106
Figura 61. Participantes em descanso durante a fala do celebrante.	107
Figura 62. Pessoas de pé na missa.....	107
Figura 63. Pessoas ajoelhadas durante a missa.	108
Figura 64. Interior da capela em horário que não há missa, durante a semana.	109
Figura 65. Participantes durante a missa em dia de semana.	110
Figura 66. Pessoas em oração nos bancos e mais a frente, no tabernáculo.....	111
Figura 67. Rito da missa do santíssimo.	112
Figura 68. Mapeamento comportamental centrado no lugar em horário de missa.	115
Figura 69. Mapeamento comportamental centrado no lugar quando não há missa.	116
Figura 70. Mapa síntese de atmosferas da Capela.	129
Figura 71. Diagrama de considerações iniciais e procedimentos metodológicos.	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Síntese dos ambientes da Capela	76
Quadro 2. Síntese dos objetos sagrados da Capela.....	93
Quadro 3. Roteiro e observações do estudo em campo.....	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLA	Comissão de Liturgia da Arquidiocese
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
1.1	INTRODUÇÃO	19
1.2	A PESQUISA	22
1.3	OBJETIVOS	25
1.3.1	Objetivo Geral	25
1.3.2	Objetivos Específicos	26
1.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
1.5	ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	31
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
2.1	CONSTRUINDO ATMOSFERAS: A FENOMENOLOGIA NA ARQUITETURA	35
2.2	A CONSCIÊNCIA DO LUGAR ATRAVÉS DOS SENTIDOS	39
2.3	O RITO E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO SAGRADO	42
3	UMA LEITURA SENSÍVEL DO LUGAR: ESTUDO DE CASO NA CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE	52
3.1	RECONHECIMENTO DO LUGAR, SUA HISTÓRIA E ARQUITETURA	54
3.2	RELAÇÃO ENTRE PESSOAS E AMBIENTE A PARTIR DE DIFERENTES DISTÂNCIAS	64
3.3	TRANSIÇÃO ENTRE EXTERIOR E INTERIOR	74
3.4	CARACTERÍSTICAS SENSÍVEIS NO INTERIOR DA CAPELA	85
3.5	AS PESSOAS E O RITO	103
4	ACHADOS INTERPRETATIVOS	120
4.1	ACHADOS INTERPRETATIVOS ESPECÍFICOS	122
4.2	ACHADOS INTERPRETATIVOS GERAIS	131

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
5.1 POTENCIALIDADES DO TRABALHO	138
5.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS	138
5.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES ATRAVÉS DE CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS	146
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA PARCIALMENTE ESTRUTURADA	150
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA ABERTA	151
ANEXO A – TCLE ACEITO PELO ENTREVISTADO	167

Nós percebemos, entendemos e descrevemos nosso mundo experiencial considerando a nós mesmos como o ponto de referência e centro.
(MCCARTER; PALLASMAA, 2012, p.11, tradução nossa)



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, o tema e os principais conceitos do estudo são apresentados. As inquietações e questões de pesquisa são formuladas, assim como os objetivos e a descrição dos instrumentos utilizados para desenvolver este trabalho.

1.1 INTRODUÇÃO

A arquitetura possibilita a comunicação entre pessoas e ambiente por meio de fenômenos, viabilizando atividades através de espaços. Os acontecimentos que ali ocorrem condicionam as emoções e sentimentos dos indivíduos, que sensorialmente buscam referências que os conectem com sua essência, com seu centro, como um modo básico de experienciar o mundo.

Ao mesmo tempo em que a arquitetura propicia acesso às emoções através das atmosferas do espaço de maneira imaterial, possibilita atividades de forma material e concreta. Imaterial quando se observam as qualidades intangíveis do espaço, como a luz, o vento, a temperatura, e o silêncio, por exemplo. E materiais quando as qualidades tangíveis são consideradas, como as cores, texturas e objetos que conformam o ambiente. A associação entre as duas delimitações – material e imaterial – faz com que o lugar seja observado através da relação entre pessoas e ambiente, com atenção aos fenômenos que possibilitam as experiências vivenciadas no lugar.

Por este caminho, pergunta-se como projetar a relação das pessoas com o espaço, tanto em funcionalidade como em significado. O lugar, a partir da ótica do ser, é percebido através de fenômenos que expressam a arquitetura como uma experiência. A linha de pesquisa que dá suporte para esse enfoque é a fenomenológica, ou o estudo dos fenômenos, que pressupõe a vivência do espaço de forma consciente, e tem a experiência da própria pessoa como referência.

Atenta-se, neste estudo, para os fenômenos que permitem essa comunicação a partir das atividades que acontecem em um lugar por meio de um rito. O rito pode ser conceituado, neste caso, como a organização de atividades em uma determinada sequência, refletindo em objetos e em gestos a representação de símbolos, que dão significado ao lugar e ao acontecimento. Esses, quando se repetem ao longo do tempo, configuram a essência de uma crença.

A procura pelo conhecimento dos ritos se deu a partir do conceito antropológico e depois seguiu para a pesquisa na arquitetura, através da relação entre pessoa e ambiente, onde o rito é encontrado na observação de atividades no espaço. Assim, as pessoas frequentam um lugar, ou fazem alguma atividade para manifestar o significado de algo, como uma passagem. Isso se reflete no modo de vida e comportamento das pessoas, através das emoções e sentimentos concedidos à tal atividade. Os ritos acontecem tanto em situações corriqueiras, como ao acordar, se levantar, se arrumar e sair de casa, como em momentos marcantes, representando a passagem de um momento a outro da vida, através de histórias, objetos e comemorações, simbolizando, por exemplo, características de uma religião.

Esse conceito levou a pesquisa para o caminho das celebrações religiosas, quando ações se encadeiam através de relações entre pessoas e objetos, simbolizando momentos históricos marcantes e figuras em destaque. O espaço sagrado é um dos lugares em que a procura pelos ritos se mostra de maneira direta, pois tem os símbolos como principal conexão entre o sagrado e o profano. Nesses lugares, os ambientes expressam o significado da religião e da história através dos objetos, seus materiais e sua relação com as pessoas. Para aprofundar o conhecimento em relação aos ritos sagrados, a pesquisa percorreu a história das religiões, entendendo que o rito está presente nas celebrações e comemorações da crença, organizando as atividades em uma determinada sequência significativa.

Além da pesquisa sobre as religiões em geral, se encontrou amplo material sobre a religião católica na Comissão de Liturgia da Arquidiocese (CLA) em Florianópolis. Essa comissão é composta por uma equipe multidisciplinar que analisa projetos de espaços sagrados em todo o estado de Santa Catarina. O grupo é formado por voluntários que participam de funções na religião e na arquitetura e, em maio de 2018, ofereceram um curso sobre espaços sagrados e litúrgicos. Esse curso proporcionou maior conhecimento sobre a análise e concepção arquitetônica de espaços sagrados no Brasil, e diversos exemplos foram apresentados. Foi possível, a partir dessas informações, se aproximar da relação entre rito e arquitetura.

Um dos espaços apresentados no curso foi a Capela Universitária Jesus Mestre, projetada por uma equipe de especialistas em arquitetura e arte sacra. Esse edifício, que era desconhecido pela pesquisadora, possui qualidades arquitetônicas tangíveis, como a escolha de seus materiais partindo da natureza, suas cores destacando os símbolos sagrados e as texturas polidas dos objetos sagrados,

e intangíveis, como o efeito da luz filtrada pelos vitrais e o silêncio propiciado pelas paredes espessas. Essas características revelam suas atmosferas, que condicionam as atividades e ritos no espaço.

Questiona-se então, qual a contribuição da arquitetura na relação entre qualidades sensíveis do ambiente e atividades ali realizadas. A arquitetura permite a comunicação entre objetos e pessoas através do rito, que precisa de lugares para compor a sequência da atividade. O projeto do espaço deve considerar, além da funcionalidade, os significados pertencentes ao seu uso, pois as atividades precisam acontecer corretamente e para isso, as sensações e símbolos devem ser evidenciados.

A partir da pesquisa sobre o espaço sagrado e o rito, interpreta-se como as atmosferas do lugar revelam a relação entre rito e arquitetura no espaço sagrado, estudando a Capela Universitária Jesus Mestre e descrevendo a sequência e movimentação das pessoas em relação aos objetos e ambientes. Antes de ir a campo, a revisão de literatura foi realizada e a partir da abordagem fenomenológica, os principais temas discutidos foram o **rito**, a **arquitetura como experiência** e o **espaço sagrado**, além dos **sentidos humanos**, responsáveis pelo contato direto entre pessoa e ambiente.

Partindo da base teórica, se deu início a parte empírica do trabalho, a partir de uma leitura sensível, que investigou o contato direto entre pessoas e ambiente em um espaço sagrado. Através da observação sistemática, a Capela foi reconhecida em um estudo exploratório. Cenários, categorias fenomenológicas, mapeamento comportamental e entrevista aberta fizeram parte dos procedimentos metodológicos, como forma de dar suporte à pesquisa e interpretações, entendendo a relação entre rito e arquitetura no espaço sagrado.

Ao final, uma reflexão é apresentada, a partir dos achados interpretativos em considerações gerais e específicas, que permitiram, através de uma leitura sensível, entender a relação entre os diferentes momentos do rito, dos gestos, dos percursos e atitudes das pessoas, revelando as atmosferas do espaço.

1.2 A PESQUISA

A arquitetura tem papel primordial na relação entre pessoas e ambiente, pois dá condições para que atmosferas e atividades aconteçam a partir de configurações espaciais, que permitem a experimentação do espaço. Por isso, a arquitetura como experiência (MCCARTER; PALLASMAA, 2012), ou como vivência (RASMUSSEN, 1998; BOLLNOW, 2008) é abordada, investigando qualidades sensíveis no espaço. Na investigação dessas experiências sensoriais o problema de pesquisa foi compreendido: **a relação entre rito e arquitetura através de estudos das atmosferas do lugar.**

Arquitetos fenomenólogos que fundamentam o estudo, defendem que a vivência do espaço é fundamental para que se perceba o mundo, encontrando as atmosferas do lugar através de uma leitura sensível que potencializa as conexões entre o ser e seu habitat. Mais do que apenas direcionar as pessoas de um espaço a outro para cumprir tarefas do cotidiano, a arquitetura é intrinsecamente sensível e se refere à experiência do indivíduo em relação aos espaços, de modo que características e qualidades sensíveis do lugar revelem sentimentos nas pessoas através de experiências. Essas experiências devem ser multi-sensoriais (PALLASMAA, 2000, tradução nossa).
Ainda para o autor,

a falta de humanismo da arquitetura e das cidades contemporâneas pode ser entendida como consequência da negligência com o corpo e os sentidos e um desequilíbrio de nosso sistema sensorial. O aumento da alienação, do isolamento e da solidão no mundo tecnológico de hoje, por exemplo, pode estar relacionado a certa patologia dos sentidos”. (PALLASMAA, 2011, p.17).

A atenção às experiências do corpo através dos sentidos podem ser estimuladas por características sensíveis do ambiente – como as cores, texturas, luzes, cheiros, temperatura, vento – que por meio de atmosferas potencializam as sensações e sentimentos no ser humano. A vivência em lugares onde a essência tem papel principal na relação entre pessoas e ambiente é um dos espaços onde essas características se apresentam, conectando o indivíduo com o que acreditam através de ritos e objetos simbólicos.

O espaço sagrado é um dos lugares onde mais se estabelecem conexões – entre as pessoas e o transcendente – e onde o ser se aproxima de sua essência (OTTO, 1985), do ser no mundo (HEIDEGGER, 2002), tornando o corpo o centro do mundo das experiências

(MERLEAU-PONTY, 1999). A arquitetura como experiência tem estreita relação com o espaço sagrado, pois condiciona ritos através da relação entre pessoas e objetos que representam o sagrado, criando situações que remetem a histórias e crenças de vida.

A vivência ou experiência com o local é essencial para sua leitura sensível. O espaço sagrado é o lugar que o indivíduo procura para reencontro e conectividade com o transcendente (ELIADE, 1992), se relacionando com símbolos e ritos para remontar histórias e criar experiências significativas através da relação entre ser e ambiente. Se procurou, a partir de detalhes do ambiente, interpretar sua essência observando tanto aspectos materiais como imateriais, que para Holl (2016), por exemplo, podem ser a tectônica do material, a luz, os cheiros ou as texturas. A relação entre essas características cria as atmosferas do ambiente, tornando-o especial para um uso.

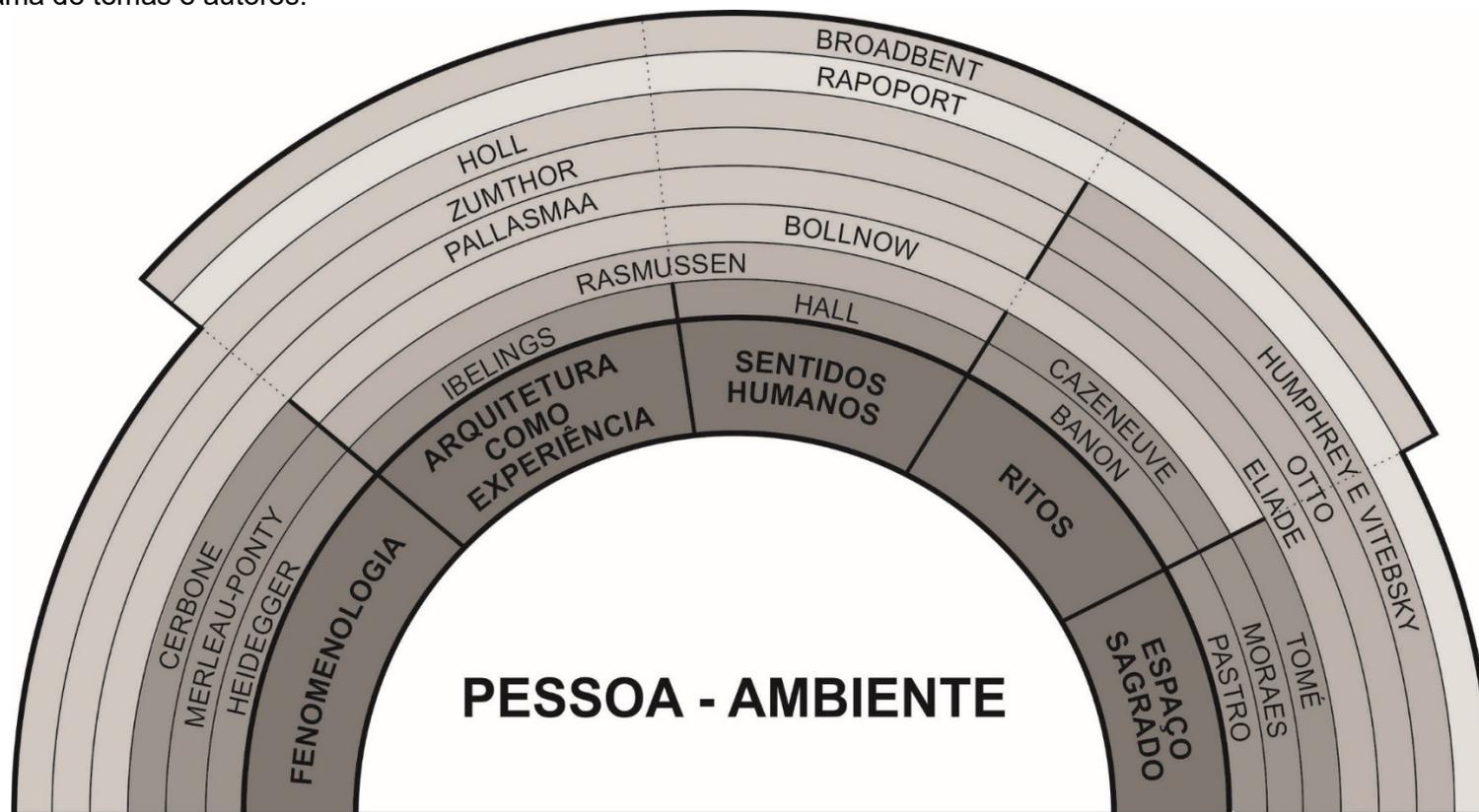
A experiência da pessoa é o meio mais importante e mais apropriado de avaliar a arquitetura (MCCARTER; PALLASMAA, 2012, tradução nossa). Deste modo, a pesquisa foi delimitada no campo da arquitetura, investigando os arquitetos fenomenólogos que trabalham criando atmosferas arquitetônicas. O campo da filosofia, psicologia e antropologia foram percorridos para dar contexto à discussão. A seleção de autores e teorias da arquitetura teve como foco a **relação do rito com a arquitetura**.

A partir das leituras e da abordagem fenomenológica, três autores foram destacados: Pallasmaa (2011), Zumthor (2009) e Holl (2016), que expressam a arquitetura de forma sensível, como experiência. Eles fazem a conexão entre filosofia e arquitetura, pois falam da fenomenologia como um modo de descrever o espaço a partir da pessoa como centro. Por meio desse contexto, se estudou a fenomenologia na filosofia e na arquitetura. A arquitetura como experiência foi abordada a partir daí, juntamente com os sentidos humanos. A procura pela essência do ser humano levou a pesquisa ao conceito de rito e por meio dele, leituras sobre as religiões foram realizadas, chegando nos espaços sagrados e depois, nos espaços sagrados católicos. Os assuntos se inter-relacionaram e um diagrama foi realizado para identificar as associações entre autores e temas.

No centro do diagrama, há o tema geral da pesquisa, a relação entre pessoas e ambiente. A partir dele, o estudo se divide em cinco partes e os autores são citados em semi-círculos maiores, de acordo com os temas que discutem. Heidegger (2002), Merleau-Ponty (1999) e Cerbone (2014) embasam a pesquisa fenomenológica. Ibelings (1998), a arquitetura como experiência. Hall (1989) explica a relação dos sentidos humanos com o espaço e Rasmussen (1998) relaciona a arquitetura vivenciada com os sentidos do corpo. Sobre os

ritos, Cazeneuve (1985) e Banon (2010) fundamentam o estudo, e Bollnow (2008) permeia os três temas citados anteriormente. Pallasmaa (2011), Zumthor (2009) e Holl (2016) falam da arquitetura e da fenomenologia, focando no corpo como referência. Rapoport (1984) e Broadbent (2013) são amplos e relacionam ritos e arquitetura. Sobre os espaços sagrados, Pastro (2014), Moraes (2009) e Tomé (2007) discutem especificamente os espaços na religião católica e Eliade (1992), Otto (1985) e Humphrey e Vitebsky (2002) associam o rito e o espaço sagrado. Os autores, além de outros presentes no estudo, fundamentam os temas e discussões realizadas no trabalho (Figura 1).

Figura 1. Diagrama de temas e autores.



Fonte: elaborado pela autora.

Ao contrário da filosofia ou da arte, a arquitetura tem potencial para se comunicar com todos (HOLL, 2016) e a partir dessa linha de pensamento, onde a arquitetura é vista como ponto de relação entre pessoa e ambiente, é fundamental que o profissional entenda que seu trabalho se destina a perdurar até um futuro distante (RASMUSSEN, 1998) e portanto, deve pensar em uma arquitetura sensível que possibilite a vivência durante o tempo permitindo que as pessoas sintam empatia pelo lugar (IBELINGS, 1998, tradução nossa).

Nesse sentido, a arquitetura considera a pessoa como figura principal no espaço. A empatia pelo lugar pode ser demonstrada através de uma leitura sensível, percebendo as sensações por meio das atmosferas que o ambiente propicia. A partir dessa contextualização, a pergunta de pesquisa se apresenta da seguinte forma:

Como a relação entre rito e arquitetura é expressa através de atmosferas do lugar?

Como caminho para encontrar a resposta para a pergunta de pesquisa, os objetivos geral e específicos da pesquisa foram definidos.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

A partir da discussão anterior e da formulação da pergunta, o objetivo geral da dissertação é:

Interpretar a relação entre rito e arquitetura através das atmosferas do lugar.

Para que o objetivo geral fosse atingido, os objetivos específicos foram definidos, organizando e dando sequência às etapas da pesquisa.

1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos foram definidos para sequenciar e permitir que cada etapa se realize de forma planejada e aprofundada e assim, se dividem em três etapas:

- 1. Estudar, a partir da abordagem fenomenológica a arquitetura como experiência e sua relação com ritos;**
- 2. Conhecer o espaço sagrado e objetos simbólicos;**
- 3. Interpretar através de um estudo de caso a Capela Universitária Jesus Mestre, encontrando resultados a partir de achados específicos e gerais.**

Cada um dos objetivos específicos foi definido para delimitar uma etapa da pesquisa. Em cada uma delas, um planejamento foi realizado através de instrumentos para executar as atividades de maneira rigorosa. Os procedimentos metodológicos apresentam cada uma dessas ferramentas, para entender detalhadamente a sequência da pesquisa.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que a teoria e prática do estudo possam se conectar, os procedimentos metodológicos foram pensados para atingir as diversas etapas realizadas. A pesquisa se considera um estudo de caso, que se inicia com uma revisão de literatura (YIN, 2015). Assume a abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo (LAVILLE; DIONNE, 1999), dividida em cinco capítulos.

Se considera qualitativa por entender a arquitetura como uma qualidade, estudando uma obra em profundidade. Tem seu caráter exploratório no sentido investigativo, observando as características e atmosferas do ambiente a partir de uma leitura sensível. É descritiva quando decide relatar e interpretar os atributos do ambiente. Tal pesquisa contribui para a comunidade de arquitetos e interessados em arquitetura como experiência, construindo um processo de descrição e interpretação do ambiente de modo sensível.

Para atingir os objetivos, o estudo foi dividido em dois momentos. O primeiro se caracterizou pela **fundamentação teórica** (GIL, 2008), que através da revisão de literatura (LAVILLE; DIONNE, 1999) considerou o mapeamento de produção bibliográfica existente sobre o tema, incluindo teses, dissertações, livros e artigos publicados em periódicos e eventos nacionais e internacionais. O texto se distribui em temas que abordam a fenomenologia, sua relação com a arquitetura, a concepção do espaço através da arquitetura como experiência, os sentidos humanos, os ritos e o espaço sagrado, além de documentos específicos sobre o edifício estudado. Essa etapa foi a base para estruturar a saída em campo.

O segundo momento constituiu a parte empírica da dissertação, onde o estudo de caso da Capela Universitária Jesus Mestre, no campus da PUC em Curitiba, PR, foi realizado. O edifício foi estudado em diferentes escalas a partir da **observação sistemática** (RICHARDSON, 1999). Esse instrumento permite a observação do edifício de forma detalhada, sistematizando as qualidades a serem avaliadas de acordo com um tempo e sequência determinadas. A observação sistemática é utilizada quando o objeto de estudo já foi anteriormente reconhecido, possibilitando a elaboração de um plano da coleta de dados para auxiliar o registro de informações. Esse instrumento foi construído em etapas, de modo a conhecer e descrever o edifício com cuidado e rigorosidade.

O primeiro passo, foi o reconhecimento do local, desconhecido pela pesquisadora, que aconteceu em agosto de 2018, durante dois dias. A partir de um estudo exploratório, foi possível se familiarizar com o lugar e perceber como ele se configurava, além de vivenciar suas atividades. Depois de identificar o local, várias observações foram anotadas para planejar a próxima etapa, dessa vez mais rigorosa e atenta aos detalhes. Nesse roteiro, a intenção não foi prever o movimento das pessoas ou sua relação com o lugar, pois a abordagem fenomenológica defende que se deve observar o que no lugar existe. Por isso, o planejamento serviu como um lembrete, acompanhando as atividades, como a marcação da data, horário, temperatura e clima, por exemplo. O roteiro ocupou a função de um caderno de anotações diárias no campo, que foi fundamental para entender o contraste entre o campus, o edifício, os ritos e as pessoas.

A partir disso, novas etapas da observação sistemática foram definidas e a Capela foi observada durante sete dias. O planejamento seguiu da seguinte maneira: primeiro era preciso entender o entorno do lugar e percursos de acesso ao edifício, para depois investigar seu interior em detalhes, seguindo de um estudo mais amplo para um mais específico, para enfim descrever as atividades que ali aconteciam. Cenários foram determinados, a fim de observar essas três escalas adequadamente. Raios foram estabelecidos a partir de distâncias determinadas pela relação da pessoa com o edifício (GEHL, 2010) para entender sua capacidade de perceber os detalhes. Essas particularidades foram descritas a partir de categorias fenomenológicas (BULA, 2015), que serviram como base para uma observação sensível das qualidades da Capela. As descrições foram anotadas em uma planilha, que considerou as categorias em colunas nos dias de observação.

Este procedimento demandou contato e vivência com a área estudada, pois os aspectos investigados dependem da descrição do lugar. Assim, as observações ocorreram durante sete dias seguidos, como forma de presenciar as dinâmicas rotineiras do lugar e das pessoas que o frequentavam. Durante as observações, a posição das pessoas em relação aos objetos na Capela foi documentada a partir de anotações, fotos e vídeos. A representação em desenho, que é a principal linguagem e forma de comunicação da arquitetura, aconteceu depois das observações e representou essa relação de maneira ilustrativa. Um mapeamento, influenciado pelo mapeamento comportamental centrado no lugar (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008) permitiu identificar, a partir da marcação dos lugares que as

pessoas ocupavam e suas movimentações, a relação delas com os objetos sagrados na Capela e a maior ou menor permanência nos lugares. Dois mapeamentos foram realizados: um em horário de celebração e outro em horário livre, quando não havia celebração.

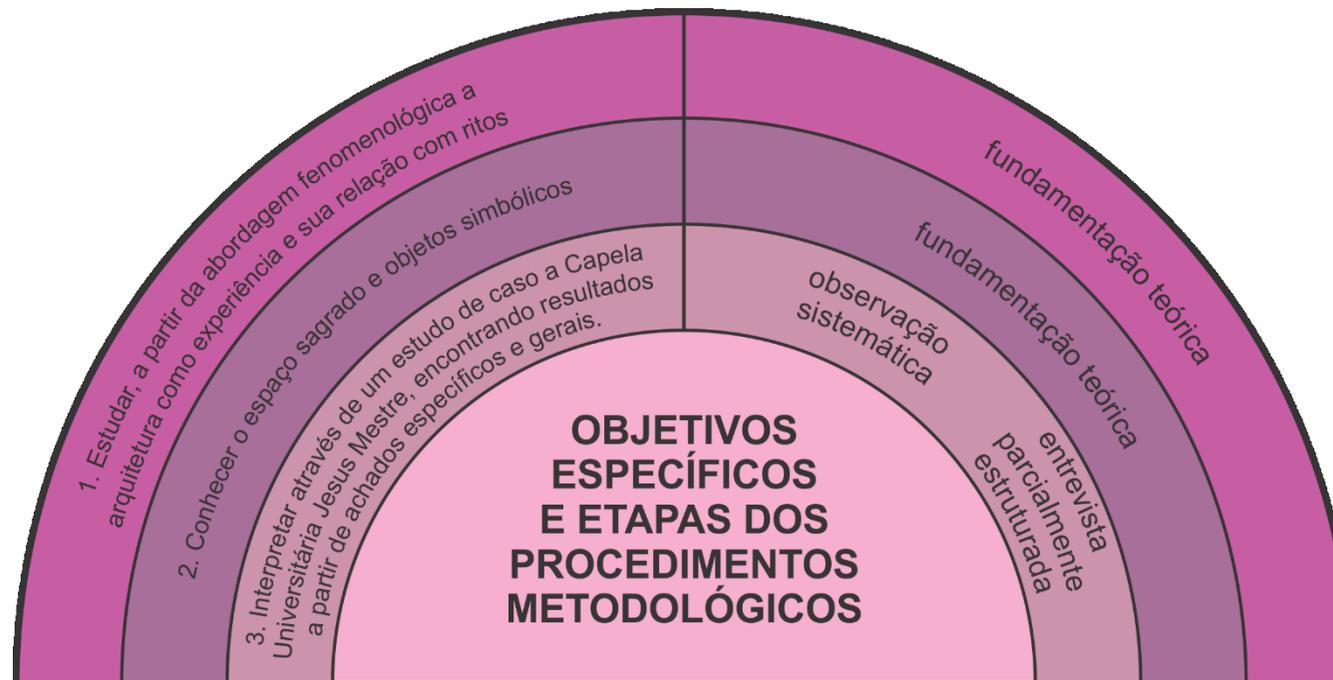
Após o estudo em campo, as informações e coleta de dados foram descritas e caracterizadas a partir de seus detalhes e relação com qualidades materiais e imateriais do lugar, contribuindo para os resultados do estudo em relação às atmosferas do espaço. Durante a exploração das informações coletadas, dúvidas surgiram em relação ao edifício em estudo e sua concepção arquitetônica. Perguntas se manifestavam ao observar o espaço e sua conformação, como a altura, dimensões, ângulos, layout, materiais, texturas, luz, ventilação, por exemplo. E assim, uma **entrevista parcialmente estruturada** (LAVILLE; DIONNE, 1999) foi elaborada para o autor da Capela, o arquiteto Manoel Coelho. O roteiro de entrevista (Apêndice B), juntamente com o projeto de pesquisa e o cronograma de realização foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e depois de aprovado, foi realizada com o entrevistado em seu escritório em Curitiba. A entrevista, que teve seu conteúdo gravado em áudio, foi transcrita. Vários trechos que descrevem o processo de projeto do arquiteto e a concepção arquitetônica da Capela complementam a interpretação realizada através das etapas detalhadas anteriormente.

Nos resultados, foram elencados, através de achados interpretativos e reflexões, os esclarecimentos sobre a observação e descrição da Capela através de uma leitura sensível. Nas considerações finais, as conclusões, dificuldades e recomendações foram apresentadas.

O percurso para o encontro do tema através do método de pesquisa constatou na relação entre pessoas e ambiente a inquietação que proporcionou esse estudo. Para organizar os objetivos específicos e instrumentos utilizados, um diagrama foi elaborado relacionando as etapas do trabalho (Figura 2).

Nos semi-círculos maiores ao lado esquerdo do diagrama (Figura 2), em sequência, se organizam de 1 a 3 os objetos específicos. Ao lado direito, se encontram as etapas para realizar a pesquisa. O primeiro e segundo objetivos foram realizados com a fundamentação teórica, com pesquisa sobre os temas. O terceiro, através do estudo de caso, com a observação sistemática na Capela e depois com a entrevista parcialmente estruturada com o arquiteto. Esses objetivos propiciaram as reflexões críticas do trabalho por meio de achados interpretativos específicos e gerais.

Figura 2. Diagrama com a relação dos objetivos específicos e procedimentos metodológicos.



Fonte: elaborado pela autora.

1.5 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Para a organização da pesquisa e conexão dos conteúdos, a dissertação se divide em cinco capítulos. Este capítulo introduz e apresenta de forma geral os conceitos da pesquisa, incluindo a problematização, justificativa e relevância do estudo, assim como a pergunta de pesquisa. Aponta os objetivos geral e específicos e descreve os procedimentos metodológicos e suas etapas. A estrutura e organização da dissertação finaliza o capítulo, resumindo os temas estudados.

O segundo capítulo, de fundamentação teórica, define os principais conceitos através da revisão de literatura. A fenomenologia é apresentada, assim como sua relação com a arquitetura, sua experiência e ritos. Os sentidos humanos são discutidos de maneira sensível e o espaço sagrado é detalhado. Esse capítulo é a base para a etapa empírica, próximo capítulo da dissertação.

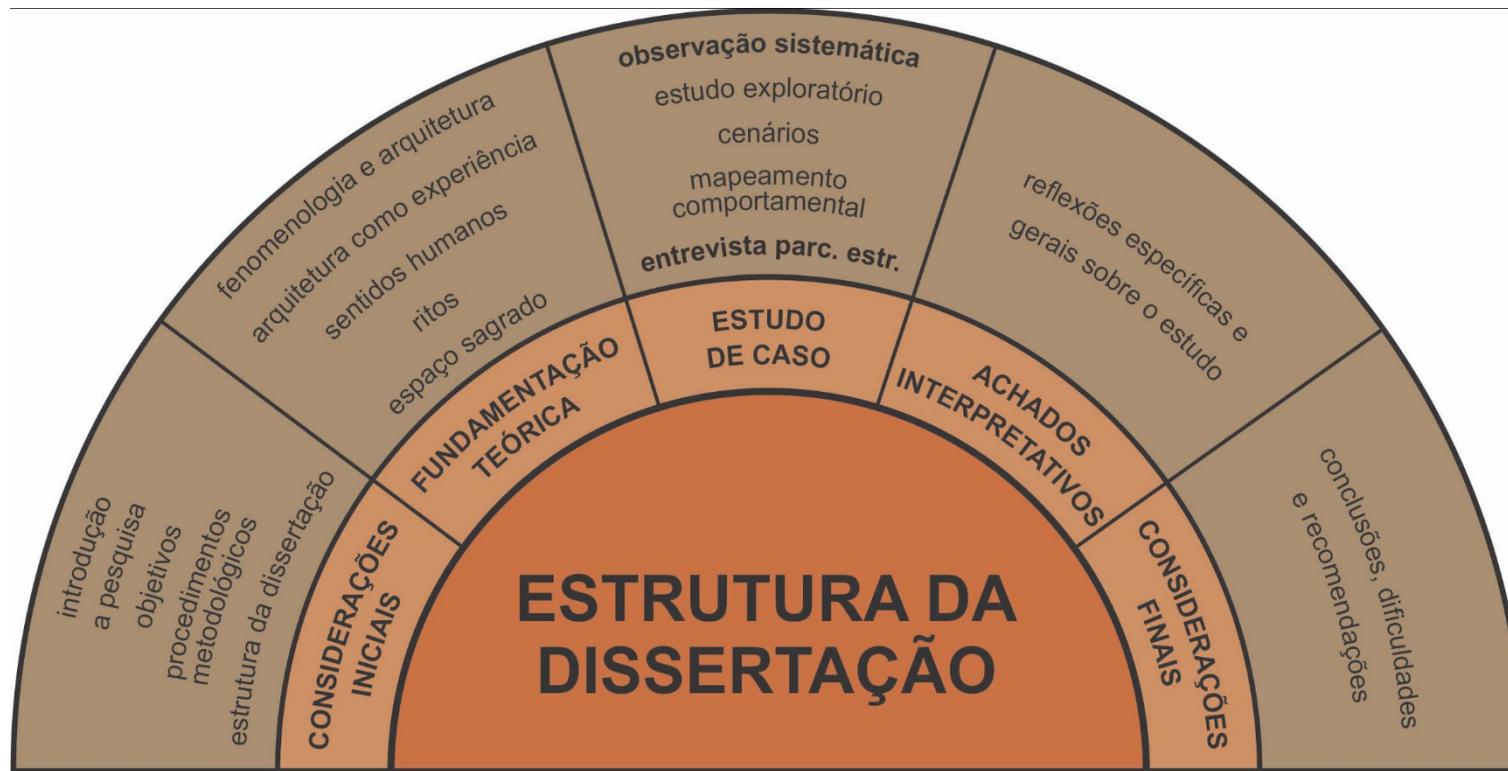
O capítulo três expõe a etapa empírica do trabalho, descrevendo os instrumentos de pesquisa realizados. Se discute o espaço sagrado através da relação entre rito arquitetura, interpretando a Capela Universitária Jesus Mestre em Curitiba – PR através da observação sistemática. Inicialmente há o reconhecimento através de um estudo exploratório e o relato das observações por meio de cenários que observam a Capela em três escalas. Em seguida há descrição e interpretação do lugar, através de textos, fotos e mapas esquemáticos. As etapas são complementadas com a entrevista parcialmente estruturada com o autor da Capela. O capítulo tem como desfecho a percepção das características sensíveis da Capela, que são interpretadas no capítulo seguinte.

O quarto capítulo mostra a interpretação da leitura sensível realizada no edifício. Os esclarecimentos são divididos em achados interpretativos específicos, reconhecendo as características próprias do lugar e em achados interpretativos gerais, que identificam atributos universais, presentes em outros espaços sagrados. As reflexões se baseiam na fundamentação teórica e nos instrumentos realizados em campo, através do corpo como referência de percepção do espaço.

As considerações finais, presentes no quinto e último capítulo, mostram as conclusões, as dificuldades encontradas ao realizar o trabalho e as recomendações para estudos futuros em situações e contextos similares. O diagrama a seguir (Figura 3) sintetiza a estrutura da dissertação relacionando o capítulo e seu conteúdo.

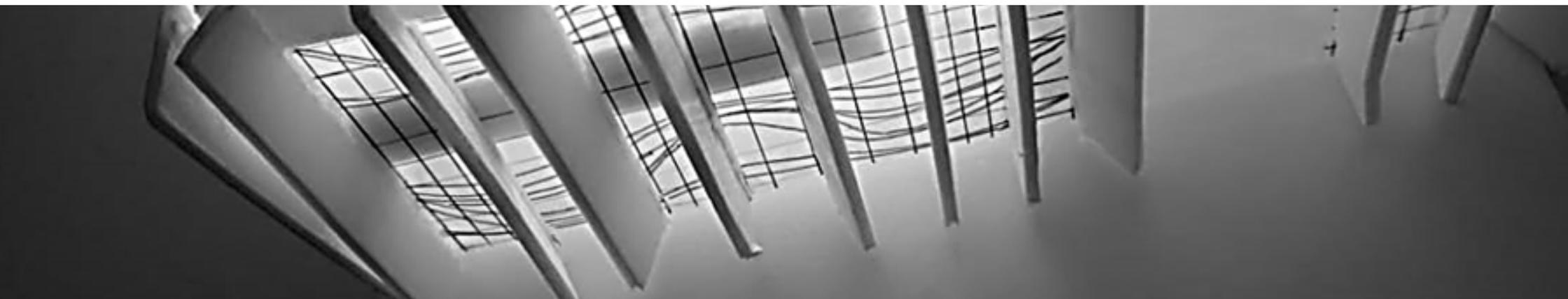
No centro do diagrama, o título organiza a divisão dos capítulos em cinco partes. A primeira parte, ao lado esquerdo do diagrama presente em um semi-círculo maior as considerações iniciais da pesquisa. A segunda, fundamentação teórica, mostra os temas estudados e sua ordem de apresentação no capítulo. A terceira é o estudo de caso, que através da observação sistemática identifica as etapas do procedimento, além do mapeamento comportamental do lugar e entrevista com o autor da obra. Os achados interpretativos são sintetizados a partir de reflexões críticas, e as considerações finais apresentam as conclusões, dificuldades e recomendações da pesquisa.

Figura 3. Diagrama síntese da estrutura da dissertação.



Fonte: elaborado pela autora.

O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo.
(PALLASMAA, 2017, p.7)



2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica da pesquisa, iniciando com a conceituação da fenomenologia, através da filosofia e sua relação com a arquitetura. A abordagem dos fenômenos traz para a discussão a relação entre pessoas e ambiente, através do corpo, que está diretamente conectado com o significado dos objetos por meio dos sentidos humanos, também investigados. A partir desse entendimento, se desenvolve a relação entre arquitetura e rito, que são mediadores das atividades que acontecem nos lugares, revelando suas atmosferas. O ambiente em estudo, neste caso, é o espaço sagrado, especialmente o católico, que é o suporte para o estudo de caso.

2.1 CONSTRUINDO ATMOSFERAS: A FENOMENOLOGIA NA ARQUITETURA

A arquitetura, além de cumprir as funções técnicas, é também o lugar habitado, que conecta as pessoas aos espaços através de características sensíveis, revelando as atmosferas dos ambientes. As atmosferas são percebidas através de sensações presentes no espaço, de forma material e imaterial, tangíveis e intangíveis, possíveis de serem sentidas e observadas pela vivência dos lugares, pois geram significados e sentimentos às pessoas, que se concentram na experiência do lugar.

Com a intenção de interpretar os lugares através dos sentidos humanos, a partir de uma leitura sensível, se estudou a relação entre as pessoas e o espaço, por meio da base teórica da fenomenologia na arquitetura, que aborda os fenômenos do lugar, ou a experiência que a pessoa tem ao se relacionar com a arquitetura, pois o espaço vivido é o espaço das experiências de mundo (MALARD, 2006).

A fundamentação teórica buscou discutir autores na arquitetura que defendem a fenomenologia e a estudam tanto teoricamente, quanto aplicada no processo de projeto, pesquisando de que forma esses entendem a arquitetura como experiência. Nesse sentido, a fundamentação teórica foi realizada através de revisão de literatura, estudando as teorias sobre a arquitetura como experiência, que compreende a vivência cotidiana dos espaços (MCCARTER; PALLASMAA, 2012, tradução nossa).

Para entender como a fenomenologia se relaciona com a arquitetura, seus conceitos básicos na filosofia foram procurados, pois essa é uma escola de pensamentos que se aplica em diferentes disciplinas do conhecimento. A fenomenologia defende a percepção do lugar de maneira realista e consciente, através de um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido a partir do corpo como referência. É a tentativa de uma descrição direta da experiência tal como ela é (MERLEAU-PONTY, p. 3, 1999).

A fenomenologia estuda intenções (CERBONE, 2014), que são ações conscientes do indivíduo ao se relacionar com o ambiente e com seus objetos (SOKOLOWSKI, 2000).

É um pensar a realidade de modo rigoroso. O que a caracteriza não é ser ou procurar ser esse pensar, mas o modo pelo qual age para perseguir essa meta. [...] Os procedimentos, [...] são inseparáveis do fenômeno interrogado e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, a *priori*, categoria, intersubjetividade (BICUDO, 1994, p.17).

Assim, a arquitetura pode ser observada, descrita e interpretada a partir de fenômenos, que permitem a comunicação entre pessoas e ambiente. A partir do momento em que a pessoa se relaciona com o ambiente, está se relacionando com a arquitetura, que pode ser compreendida como experiência, reforçando a realidade e identidade pessoal do indivíduo (PALLASMAA, 2011). A arquitetura faz parte da vida das pessoas, mesmo que indiretamente e não é suficiente apenas a enxergar, é preciso vivenciar e observar como ela foi projetada (RASMUSSEN, 1998).

O ser humano se reconhece a partir do lugar que habita, a partir de sua cultura, costumes e paisagens. Ele habita, na medida em que conduz sua própria essência (HEIDEGGER, 2002). A natureza do ser sustenta suas crenças a partir de atividades realizadas no espaço e quando esse adquire significado, se torna um lugar (TUAN, 1983). Isso indica que a arquitetura media os fenômenos entre as pessoas e o espaço, compreendendo as experiências no ambiente construído.

Nessa linha, a arquitetura se torna atemporal e considera as experiências além da forma e da função. Cria, a partir de metáforas, lugares para a existência do ser no mundo (PALLASMAA, 2011). Essa arquitetura prioriza automaticamente a experiência direta, sensorial

do espaço, dos materiais e da luz (IBELINGS, 1998) através do corpo que não deve ser inerte, mas ativo às sensações do ambiente (BOUTINET, 2002).

Permeando a arquitetura do século XX, se encontram pensamentos divergentes sobre a concepção do espaço. Ao mesmo tempo em que a arquitetura modernista defendia a casa como máquina de morar, a arquitetura orgânica se apropriava do uso dos materiais locais e das sensações do ambiente para criar lugares que produzissem experiências, priorizando o usuário e a escala humana, pois acreditavam que um edifício deveria expressar emoções e sensações aos espectadores.

Para Montaner (2007, tradução nossa), um desses arquitetos foi Frank Lloyd Wright, que criou seu próprio processo de projeto em meio ao pensamento modernista, indo de encontro aos conceitos que prevaleciam na época. Sua arquitetura, assim como a de Alvar Aalto, se baseava no reconhecimento total da condição corporal humana e na multiplicidade de reações instintivas escondidas no inconsciente humano (PALLASMAA, 2011) (Figura 4).

Esses dois arquitetos se tornaram referência para outros profissionais em formação no pós-guerra, que continuaram defendendo a humanização da arquitetura em um momento de racionalização. John Lautner, foi aluno no Taliesin de Frank Lloyd Wright (SPEICHER, 2018), e Louis Khan foi a referência para Steven Holl (HOLL, 2016, p. 239). Juhani Pallasmaa deu continuidade à ideia de Alvar Aalto, que “se preocupava de modo consciente com todos os sentidos em sua arquitetura” (PALLASMAA, 2011, p.67).

Figura 4. Interior do Museu Guggenheim, de Frank Lloyd Wright.

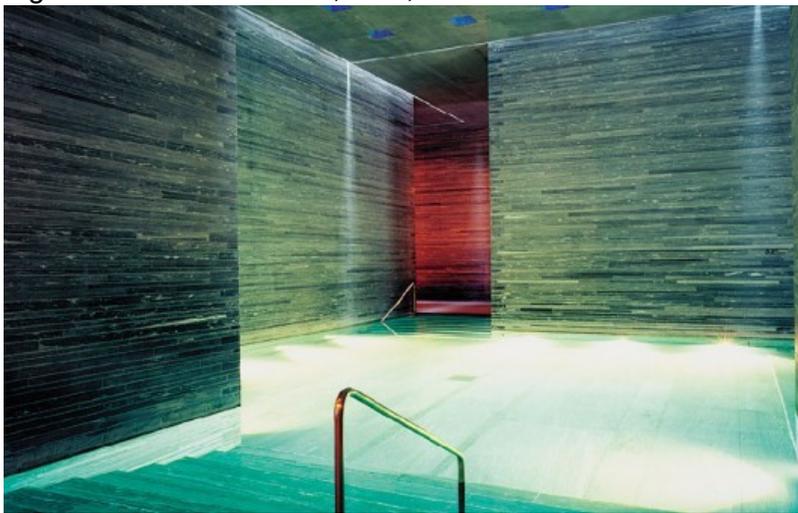


Fonte: <https://www.guggenheim.org/location-shootshttps:ca52c588950c69cf049388d3a25ae2c3.jpg>. Acesso em ago. 2018.

A arquitetura, a partir dessa vertente, orgânica e humanista, deve se constituir de atributos sensíveis que emocionam pela experiência de vivenciar um espaço. A diversidade de experiências sensoriais é ressaltada nas obras de Steven Holl (Figura 5) e Peter Zumthor (Figura 6) (PALLASMAA, 2011), pois se percebe nas linhas projetuais desses arquitetos a necessidade de criar atmosferas provendo as sensações nos edifícios, promovendo a arquitetura como experiência.

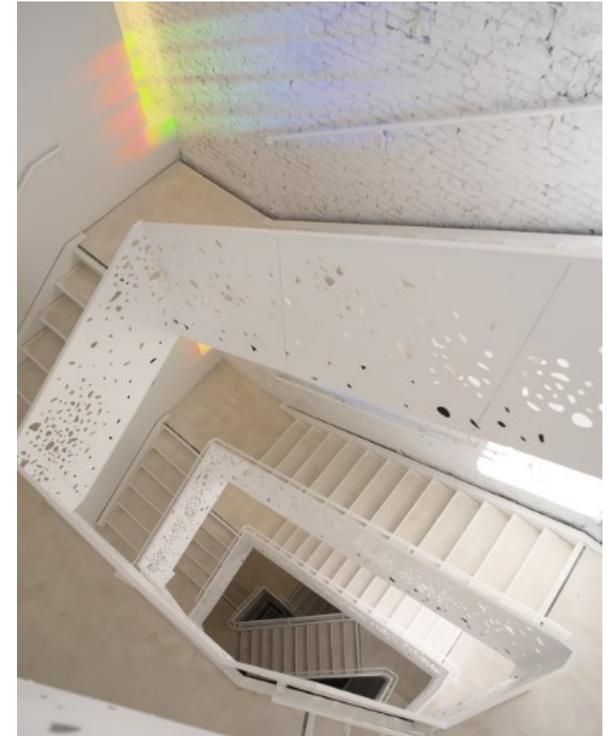
Zumthor (2006) vê a arquitetura através dos sentimentos, e essas emoções formam as atmosferas que definem o espaço. Ele descreve, a partir desse olhar, a experiência através do corpo como referência: “eu entro em um edifício, vejo a sala, e – em uma fração de segundos – tenho um sentimento sobre isso” (ZUMTHOR, 2009, p.13). Ele explica que a vivência do

Figura 6. Termas de Vals, Vals, Peter Zumthor.



Fonte: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/09.027/1794>. Acesso em ago. 2018.

Figura 5. Escadaria da Escola de Filosofia, Nova York, Steven Holl.



Fonte: <http://www.stevenholl.com/projects/nyu-philosophy-department?>. Acesso em ago. 2018.

lugar depende das sensações do espaço, que se dão através de características sensíveis e sua relação com os sentidos humanos, pois a percepção da arquitetura se dá pela capacidade de captar esses detalhes, que são experienciados diferentemente por cada pessoa, averiguando os fenômenos através das atmosferas do lugar (ZUMTHOR, 2006).

Nessa perspectiva, se investiga o papel dos sentidos humanos na experiência dos fenômenos no espaço.

2.2 A CONSCIÊNCIA DO LUGAR ATRAVÉS DOS SENTIDOS

As relações que o corpo estabelece no espaço e dentro do espaço estão relacionados à condição humana (DISCHINGER, 2000, tradução nossa), que recebe os estímulos do ambiente através dos sentidos. Existe uma multiplicidade de reações instintivas escondidas no inconsciente humano (PALLASMAA, 2011), mas a visão é considerada o centro do corpo, enquanto os demais sentidos são secundários.

A predileção pelo sentido da visão em relação aos demais sentidos é inegável no pensamento ocidental (PALLASMAA, 2011). Hall (1989) afirma que o tato e as experiências espaciais visuais estão tão interligados que não podem ser separados. O tato é o sentido que mantém contato entre o corpo e o mundo, recebendo estímulos que originam as sensações no corpo humano. O tato pode participar dando atenção àquilo que está presente de forma tangível ou intangivelmente presente (HOLL, 2011), pois ele é a interface entre a pele e o ambiente (PALLASMAA, 2011).

Aqui se verifica a importância da experiência e vivência do lugar, reconhecendo os detalhes no local determinados por condicionantes únicas e características particulares. Além disso, o estímulo dos sentidos aperfeiçoa a percepção do ambiente, que pode ser entendido de diversas maneiras a partir do olhar, do toque, dos aromas, sabores, sons ou diferenças de temperatura. McCarter e Pallasmaa (2012) acreditam que,

[...] a arquitetura [...] envolve uma experiência incorporada, determinada pelo alcance e pela compreensão de nossa mão, o toque de nossos dedos, a sensação de calor e frio em nossa pele, os sons de nossos passos, a postura que tomamos e a posição de nossos olhos (MCCARTER; PALLASMAA, 2012, p.5, tradução nossa).

Da mesma forma Broadbent (2013) sustenta uma compreensão do espaço de forma multi-sensorial, pois a

[...] a arquitetura afeta inevitavelmente vários sentidos ao mesmo tempo: visão, audição, olfato, sensação de calor e frio (através da pele) para não falar de sentidos mais esotéricos como os do equilíbrio e das posturas e movimentos de nossos músculos e articulações (cinestesia) (BROADBENT, 2013, p.146).

Assim, projetos multi-sensoriais fazem com que os sentidos sejam aguçados na percepção da obra arquitetônica, avaliando o espaço a partir do corpo. Pallasmaa (2011) diz que o tato é o sentido inconsciente da visão, pois essa revela o que o tato já sabe. Sobre o olfato, argumenta que o corpo humano é capaz de detectar mais de dez mil odores. E além da importância da visão, do tato, e do olfato, a audição estrutura e articula a experiência para o entendimento do espaço (PALLASMAA, 2011), compreendendo as sensações do ambiente através da multi-sensorialidade do corpo.

Essa multissensorialidade não precisa considerar apenas a visão ou o tato como sentidos principais. O sentido auditivo também ajuda a compreender os espaços, como a sensação dos ecos e outros efeitos acústicos mais sutis (PAPANNEK, 1995, p.96). Em outro ponto de vista, Rasmussen (1998) analisa a audição sobreposta aos outros sentidos.

A maioria das pessoas diria provavelmente que, como a arquitetura não produz sons, não pode ser ouvida. Mas ela tampouco irradia luz e, no entanto, podemos vê-la. [...] Recebemos uma impressão total da coisa para a qual estamos olhando e não prestamos atenção aos vários sentidos que contribuíram para essa impressão. Por exemplo, quando afirmamos que uma sala é fria e formal, [...] essa afirmação é decorrente de algo que *sentimos*. Ou talvez as cores sejam frias e, nesse caso, a impressão advém de algo que *vemos*. Ou, finalmente, pode ser que a acústica seja áspera, de modo que o som – especialmente os tons altos – reverbera nele; portanto, tal impressão é proveniente de algo que *ouvimos*. (RASMUSSEN, 1998, p. 233).

E Bollnow (2008) conclui que a partir do corpo, o eixo vertical e o plano horizontal, juntos, formam o esquema mais simples do espaço humano concreto, por meio das direções, pois,

à frente é o que está à minha frente, na direção do meu rosto ou de modo mais geral, do meu corpo. Mas posso virar-me, e então o que era à frente será (por exemplo) atrás – ou à direita – ou qualquer direção entre estas. E ainda é, todavia, significativo

que se eu me viro, então eu não viro meu espaço como se fosse um sistema de coordenadas amarrado ao corpo, mas eu me viro *no* espaço, de modo que o espaço é fixo fora de mim e sou eu quem me viro. Ou seja: meu corpo com o sistema de coordenadas nele situado não tem valor de sistema de eixos do espaço, de modo que eu de certo modo possa carregar meu próprio espaço. [...] Eu não movimento meu espaço, mas eu me movimento no espaço (BOLLNOW, 2008, p. 49).

Dessa maneira, a abordagem multissensorial é um conjunto dos sentidos, considerando a arquitetura através da experiência que promove ao corpo, pois

[...] uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada. Ela oferece formas e superfícies agradáveis e configuradas para o toque dos olhos e dos demais sentidos, mas também incorpora e integra as estruturas físicas e mentais, dando mais coerência e significado à nossa experiência existencial. (PALLASMAA, 2011, p.11).

Uma das formas de investigar essa concepção é observar as qualidades sensíveis do lugar, materiais ou imateriais, já que o ambiente expressa mensagens que podem ser recebidas por nossos sentidos de acordo com a experiência pessoal do observador (BROADBENT, 2013). Além dos sentidos já conhecidos, há ainda o julgamento das sensações ocultas, como a orientação, gravidade, equilíbrio, estabilidade, movimento, duração, continuidade, escala e iluminação (PALLASMAA, 2014, tradução nossa), características imateriais.

Para entender essas qualidades ocultas no espaço, se investiga a relação entre arquitetura e rito, pois é essa ligação que revela as atmosferas no espaço, através das atividades humanas. É necessário que as pessoas interajam com os ambientes e objetos para produzir significados – que vão gerar sensações e emoções – e esses se organizados e repetidos, configuram um rito, que deve ser realizado em um ambiente que condicione essas dinâmicas.

2.3 O RITO E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO SAGRADO

Um rito é configurado pela sequência de atividades que acontecem em um espaço, gerando significados. Ele pode ser individual ou coletivo, mas sempre permanece fiel a certas regras que constituem o que há nele de ritual, como um gesto ou uma palavra (CAZENEUVE, 1985, p.10). A organização de um espaço pode acontecer por meio de um rito que para Rapoport (1984), é uma necessidade do ser humano. O rito dá encadeamento para atividades a partir da relação entre pessoas e objetos.

A participação da arquitetura acontece por possibilitar a conexão através da concepção do projeto arquitetônico, responsável pelo planejamento dos lugares onde o rito acontece. Os detalhes e características sensíveis do espaço determinam e direcionam, muitas vezes, a sequência dos acontecimentos, já que um rito designa desde cerimônias até simples hábitos sociais, através da maneira de agir por meio costumes (CAZENEUVE, 1985).

Essas características, que podem ser chamadas de qualidades sensíveis, permitem observar, além dos atributos materiais, os imateriais, que são invisíveis ou ocultos e só depois de se vivenciar o lugar são percebidos através das atmosferas do ambiente. A partir de detalhes, a arquitetura é desafiada a formar um todo de inúmeras peças singulares que se diferenciam em forma e função, no material e no tamanho (ZUMTHOR, 2009).

Para Pallasmaa (2017), a arquitetura se divide em dois campos,

[...] além do ato de **habitar**, a arquitetura deriva do ato de **celebrar**. O primeiro constitui um modo de definir o domicílio de alguém no mundo, o segundo é a celebração, a reverência e a elevação de atividades sociais, ideias e crenças distintas. Essa segunda origem da arquitetura dá lugar às instituições religiosas, culturais, sociais e mitológicas. (PALLASMAA, 2017, p.8).

Se entende, por esta via, a função do espaço sagrado, que é um lugar de celebração e reverência dos humanos ao divino, um ambiente que o indivíduo frequenta quando tem necessidade de procurar sua essência, e o local que habita quando dá prioridade às emoções e experiências, através do rito. Um rito religioso revela a necessidade que as pessoas têm de procurar o poder (CAZENEUVE, 1985, p. 190), no sentido de se tornar puro perante as impurezas do mundo profano.

O rito religioso acontece através de símbolos, que carregam significados a partir de formas e figuras (CAZENEUVE, 1985, p. 195). Essa dinâmica é representada na celebração, que,

fenomenologicamente, é uma ação simbólica fora do habitual, composta de gestos, símbolos, materiais e palavras que se relacionam entre si. [...] celebrar é algo que está imerso na vida do homem e na história, tanto religiosa como profana, na humanidade. [...] Celebra-se aquilo que interessa profundamente. (TOMÉ, p.2, 2007).

As atividades são celebradas em lugares pensados para determinadas funções e por isso pergunta-se como compreender, através da obra construída, as intenções projetuais. Essa compreensão passa por investigar a experiência espacial nos ambientes construídos a partir da relação entre o corpo humano e a arquitetura (ALMEIDA, 2001).

Essa relação se dá através do rito, que designa a participação das pessoas na organização do universo, e tem por missão abrir vias de comunicação com o divino (BANON, 2010). Para que esses fenômenos sejam percebidos, os símbolos são fundamentais. Estes são representados por objetos que compõem o espaço sagrado, portando significados e fazendo com que o ser humano se conecte com a essência da criação, como forma de se sentir mais próximo de sua origem. É através da arquitetura que tais significados são transmitidos, posicionando e configurando o espaço corretamente. A repetição dos ritos é o meio de renovar a força vital de uma pessoa ou de um povo em relação a algo. Para Rapoport (1984),

Em todas as situações tradicionais e particularmente naquelas que estão nas origens da arquitetura, os esquemas de ordenação são frequentemente baseados no sagrado, uma vez que a religião e o rito são o centro (embora outros esquemas também desempenhem seu papel). Se os meios ambientes construídos são humanizados, locais onde se pode viver, então, para a maioria dos povos tradicionais, eles devem ser, por definição, consagrados ou santificados. Uma vez que o mundo tem uma visão religiosa das sociedades tradicionais, o meio ambiente construído – que engloba ideais – deve englobar o sagrado já que isto representa o significado mais importante (RAPOPORT, 1984, p.33).

A experiência do ser humano com o transcendente remete ao início dos tempos, onde as sociedades primitivas organizavam o espaço. Como forma de arranjá-lo, parte do território era delimitado como espaço sagrado, o lugar mais importante e de maior qualidade

no sítio, e o restante era destinado às atividades profanas, de caráter secundário. A explicação para isso, era a crença em algo divino ou transcendente e essa conexão com um ser superior era e ainda é tratada com importância pelo ser humano.

Por meio de ritos de passagem desde o nascimento até a morte, atividades são realizadas durante a vida e posturas são adotadas ao longo do tempo, gestos e objetos ganham significados, que fazem a conexão entre profano e sagrado. Essas atividades precisam de um lugar para acontecer e agrupam pessoas para assistir à transição entre uma e outra. Ainda, para Rapoport (1984) independente da religião, desde o princípio, esses lugares eram diferentes, e em cada caso, o que importava era que se fizesse a distinção, a diferença entre os demais edifícios.

A visão do espaço sagrado pode ser entendida como a conexão que o ser humano preza com o divino (HUMPHREY; VITEBSKY, 2002), ou com outra dimensão. O espaço sagrado é o centro, o eixo do mundo (MORAES, 2009, p.49) ou é um ponto fixo que orienta a ordem da sociedade (ELIADE, 1992). Ainda, para Eliade (1992), todos os símbolos e rituais que se relacionam aos templos, às cidades e às casas, derivam da experiência primária do espaço sagrado. E esse espaço não se resume apenas ao espaço de culto, mas a uma organização espacial significativa ou a intensa sensação do lugar como a impressão de algo sagrado (PALLASMAA, 2013).

Por meio dessa linha de pesquisa, são interpretadas qualidades sensíveis no espaço sagrado – lugar que conecta o indivíduo com sua essência – procurando entender a relação entre o rito e a arquitetura, e a arquitetura como experiência, pois são as experiências e vivências que constituem o fundamento da religião (OTTO, 1985), e é a arquitetura que propicia as atmosferas para essas situações.

Desse modo, para Humphrey e Vitebsky (2002), a adaptação da arquitetura deve evoluir de acordo com as teologias, para exprimir as novas ideias e crenças, pois a consagração de um edifício é o ato criativo ou o ritual que transforma uma simples estrutura material num elo funcional com o divino.

O estudo se direciona para o rito no espaço sagrado católico, que se mantém presente como a religião mais pregada no mundo. Se estuda a partir daqui a arquitetura desse espaço e o desenvolvimento do rito nas celebrações, observando a relação das pessoas com os objetos no ambiente sagrado.

Dos 7 bilhões de pessoas no mundo, 2,18 bilhões dizem professar a fé cristã. Desses, 51,4% são católicos, 36% são evangélicos, e 12,6% são ortodoxos (CNBB, 2017). No Brasil, 86,6% da população segue a religião cristã, sendo que 64,6% são católicos e 22,2%, evangélicos (IBGE, 2012).

Aprofundando o conhecimento, os ritos católicos foram estudados e se encontrou na Comissão de Liturgia da Arquidiocese (CLA) de Florianópolis, amplo material de pesquisa. A CLA é uma equipe multidisciplinar que analisa projetos de espaços sagrados no estado de Santa Catarina. O grupo é formado por voluntários que participam de funções na religião e na arquitetura e oferecem cursos, eventualmente, sobre conteúdos relacionados com o espaço sagrado. Um deles foi um curso sobre os espaços sagrados e litúrgicos. Esse curso proporcionou maior conhecimento sobre a análise de espaços sagrados católicos e apresentou bibliografia sobre história, ritos e concepção arquitetônica dessa categoria de edificações.

Para se realizar um rito, é necessário que exista um local específico e preparado para a recepção das pessoas e do celebrante. Na religião católica, esse espaço é a Igreja, e seu significado não se refere apenas a um templo ou construção para abrigar o rito, mas significa também o ato da reunião. Desse modo, a Igreja, ou templo,

é um local de culto, espiritualidade, contemplação, é claro. Mas, acima de tudo, de um ponto de vista humanista, é um portal. A pessoa vem ao mundo por meio da Igreja ou templo. Ela deixa-o por meio da Igreja. Além disso, em cada uma das passagens importantes de sua vida, a pessoa mais uma vez passa pela Igreja ou templo (ALEXANDER, 2013, p.333).

O significado da palavra Igreja também se refere à sociedade, ou a associação de muitas pessoas, que realizam uma finalidade de ação comum (ARNS, 2002). Nesse espaço, tudo converge e parte de um personagem principal, e este deve ser lembrado através da atualização do rito, que se realiza em uma celebração no espaço sagrado, a missa.

Na história, o espaço sagrado católico se configurou de diferentes maneiras. A celebração litúrgica se iniciou na Igreja doméstica e depois passou por diferentes mudanças, através de Igrejas românicas, góticas, barrocas, rococós, neogóticas, modernas e pós-modernas, de acordo com os costumes de cada época e a dinâmica dos ritos da celebração (ARAÚJO, 2009).

No Brasil, a colonização portuguesa estabeleceu um processo de evangelização católica, iniciado no período colonial e escravista, quando as capitânicas hereditárias se instalaram e avançaram nas terras indígenas a partir de 1531 (BEOZZO, 2002). Essa época foi marcada por uma arquitetura românica e barroca simplificada, com igrejas cristãs retangulares para formas paredes, vertentes do telhado e pavimento (ZEVI, 2009). Inicialmente, as missões percorreram o litoral do território brasileiro, durante um século e meio, até a expulsão dos holandeses em 1654, acompanhando o ciclo de extração do pau-brasil e da cana de açúcar. Depois, expandiu-se para o sertão, onde o gado era a atividade econômica predominante.

Um século depois se deu início às missões no território maranhense e na Amazônia, percorrendo os rios da região. No território mineiro, o processo de evangelização aconteceu sem a presença das ordens religiosas. No século XIX, com os portos e capitais, o café no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, a borracha na Amazônia, o cacau na Bahia e o algodão no nordeste, o progresso do país trouxe imigrantes estrangeiros, principalmente para trabalhar nos cafezais e colonizar o sul do país (BEOZZO, 2002). A Igreja, nessa época, decidiu reformular sua liturgia, pois até então, dependia do Estado. O novo catolicismo encontrou lugar nas áreas de imigração estrangeira na região sul, que aceitaram a sua aproximação com o culto pertencente à Europa.

Com a crise mundial de 1929, o monopólio do café teve fim e houve uma nova configuração de organização do país. A Igreja volta a se relacionar com o Estado e ganha um papel social até o pós-guerra, onde entra em declínio, pela descrença do povo. Para ganhar evidência, nas capitais se constroem as catedrais neogóticas, como símbolos do poder da religião. Além disso, houve a criação dos colégios católicos e depois a ampliação para o ensino superior, com a primeira Universidade Católica no Rio de Janeiro em 1942, depois em São Paulo em 1946 e em outros estados, como forma de ampliar o conhecimento dos jovens sobre a religião católica.

O Concílio Vaticano II, entre 1961 e 1962, foi um momento de mudanças, reorganizando e atualizando os ritos e a relação das pessoas com os celebrantes e objetos sagrados (BEOZZO, 2002). Assim, por exemplo, a missa celebrada em latim passou a ser realizada na língua oficial de cada país e o celebrante, que antes realizava os ritos de costas para o público passou a falar voltado a eles. A Igreja católica se reestruturava nas décadas de 1960 e 1970, através da atualização dos ritos e mudanças de comportamento das pessoas na missa, que caminhavam até o altar e gesticulavam conforme as solicitações do celebrante, por exemplo. As visitas do Papa João Paulo II

nas décadas de 1980 e 1990 aumentaram a quantidade de crentes que esperavam por uma renovação nos ritos católicos, que aconteceu de forma carismática e se afastou em alguns momentos, do rito inicial ou de origem que preservava a história religiosa (BEOZZO, 2002). A partir dos anos 1980 e 1990, ressurgiu em alguns lugares a preocupação com o espaço de celebração litúrgica em relação à construção de Igrejas (MORAES, 2009). A liturgia deveria ser seguida para a realização da celebração, indicando as etapas e os objetos simbólicos a serem usados, pois ela é o roteiro da celebração. A religião católica atualmente passa por diversas mudanças e o foco delas se destina às minorias, antes afastadas pela religião.

Essa relação entre ser humano e sagrado se discute a partir do rito, que pode ser um rito de passagem, quando uma pessoa percorre uma fase da vida, ou um rito de repetição, lembrando a história do início da religião e seus objetivos a serem seguidos. Na religião católica, se deve percorrer alguns ritos de passagem durante a vida, que se chamam sacramentos. São eles o batismo, que é a iniciação à religião católica, seguido pela eucaristia, ou comunhão, como símbolo de conexão entre o indivíduo e o transcendente, a confirmação, reafirmando o batismo e a crença na fé católica. Depois, o matrimônio, união de pessoas que vivem em harmonia e a unção dos enfermos, o último rito que finaliza o ciclo de passagem do indivíduo pela religião, que se dá com sua morte (ARNS, 2002).

A principal celebração da religião católica, através de um rito de repetição, é a missa, que lembra a história e os símbolos sagrados. Ela se divide em momentos e em cada um deles há um objeto de significado importante para a religião. Os objetos têm relação com a posição e gestos dos participantes e é a composição do espaço sagrado que condiciona tais ritos. Essa celebração, para Tomé (2007), é o momento no qual a atitude vital de adesão da religião se torna algo simbólico, ritual e festivo, representando a liturgia.

Os sentidos, corpo e espírito, se fazem presentes no rito católico, pois os gestos corporais também são litúrgicos. Segundo Araújo (2007), cada gesto do corpo recebe um simbolismo próprio, a serviço de todo o ato celebrativo. Assim, as **mãos**, por exemplo, quando se erguem, simbolizam louvor ou súplica ao divino. Quando se estendem, abertas, estão em oferecimento ou em oferta e quando se juntam, significam recolhimento.

Quando os participantes estão **sentados**, ficam em posição confortável que favorece a escuta e atenção ao ministrante. Quando estão **de pé**, demonstram respeito e indicam disposição a participar do rito, e quando estão de **joelhos**, declaram homenagem e credo

ao sagrado, juntando as mãos para demonstrar confiança (TOMÉ, 2007). Os **sinais** também fazem parte do rito, como traçar o sinal da cruz, que significa a relação entre o transcendente e o ser humano (ARAÚJO, 2007).

Os **olhos** também são aguçados durante o rito católico, assim como os **ouvidos**. Durante momentos litúrgicos, é importante que o indivíduo veja os movimentos que se realizam no altar (ARAÚJO, 2007), como a elevação do pão e vinho, assim como é importante que perceba os ruídos do ambiente que completam o rito. Ainda, para o autor, o **olfato** se torna presente ao sentir o cheiro dos incensos e flores e o **paladar** ao sentir o gosto da hóstia. Já o **tato** está presente na imposição de mãos nos ritos sagrados e no toque dos objetos simbólicos.

A celebração da missa é realizada diariamente no espaço sagrado e seu principal objetivo é lembrar o passado acontecido há dois mil anos. O culto é realizado a partir da liturgia, que é a história contada por meio de **passagens** e **símbolos** sagrados. Há uma divisão na conformação do rito, que introduz, celebra, relembra e finaliza a ação sagrada. A partir disso, se percebe que a missa não é apenas uma celebração, mas um rito que retorna, através de passagens históricas, ao início da religião católica.

Nessa divisão, a missa começa através dos **ritos iniciais** (TOMÉ, 2007) e apresenta a celebração aos participantes através do canto e da caminhada até o altar realizada pelos ministrantes do culto. A saudação de recepção é feita e um momento de silêncio é solicitado, como forma de mudança de **ritmo** na **atmosfera** do espaço, distinguindo o momento **profano** do momento **sagrado**.

Após o distanciamento do momento profano, a celebração continua lembrando o motivo da presença das pessoas no espaço sagrado, a celebração da fé católica (TOMÉ, 2007). No **rito da palavra**, segundo momento da celebração, a história é lembrada através de leituras e os **símbolos** utilizados neste momento, como o **altar** e o **ambão**, são o foco principal do ministrante.

No **ambão**, se realizam as leituras, retiradas da Bíblia, registro histórico da religião. A primeira leitura, geralmente do antigo testamento é realizada retomando a história. A segunda leitura, relembra algum ensinamento, que propõe a reflexão dos participantes. A próxima leitura, relembra uma passagem do novo testamento, novamente focando no personagem principal da religião. É neste momento que há a interação dos espectadores com o ministrante da celebração para atualizar o rito, lembrando das pessoas através de leituras realizadas pelos participantes.

O objetivo da celebração, é relembrar a história. Novamente, se percebe a necessidade humana de conexão com algo sagrado, superior, divino e transcendente. Toda a celebração e símbolos utilizados na religião católica não representam somente o objeto, mas tem significados que conectam as pessoas à religião.

Após os ritos iniciais e da palavra, há o momento mais importante da celebração, o rito sacramental (TOMÉ, 2007), que é o momento onde o pão e o vinho são apresentados, como símbolos sagrados. É durante essa etapa que se percebe que a missa pode ser considerada como uma grande ceia, assim como há dois mil anos atrás, pois há uma mesa – o altar – e o alimento sólido e líquido presente na maioria das ceias. Além disso, uma ceia significa festa, encontro, união, comunhão, comemoração, homenagem, amizade, presença, confraternização, diálogo, ou seja, vida (TOMÉ, 2007).

Alguns destes aspectos podem ser encontrados na missa, que depois das mensagens e ensinamentos, oferece o alimento. Esse rito acontece desde o século II. Inicialmente, o rito acontecia com a celebração de uma ceia, com o pão e o vinho em uma mesa (TOMÉ, 2007). O momento mais importante da celebração é a apresentação do pão e do vinho, pois esses

foram os elementos utilizados na última ceia, mas eles possuem todo um significado especial: o pão e o vinho representam a vida do homem, o que ele é, uma vez que ninguém vive sem comer nem beber. [...] representam também o que o homem faz, pois ninguém vai à roça colher pão nem na fonte buscar vinho. (TOMÉ, 2007, p.5).

Depois da apresentação do pão e do vinho, há o rito da comunhão (TOMÉ, 2007), que é quando os participantes se dirigem ao altar para receber a hóstia, que simboliza o pão. É o momento de conexão entre o ser humano e o sagrado na religião católica. Após a reflexão há o recebimento do símbolo sagrado e o retorno à reflexão, em momento de silêncio. Por fim, a celebração caminha para os ritos finais (TOMÉ, 2007), terminando a celebração com avisos sobre os acontecimentos e a bênção final, que prepara o indivíduo para a volta ao espaço profano.

Essas etapas da missa identificam as demonstrações de acontecimentos históricos através de gestos e objetos no espaço sagrado, que conectam através de palavras, saudações e alimento, a pessoa com o divino. A arquitetura dá condições para essa conexão, possibilitando o uso de ambientes para a realização de atividades, recebendo participantes e celebrantes para a realização dos ritos.

Através do estudo realizado nesse capítulo, a abordagem fenomenológica foi relacionada com a arquitetura e essa com o rito, que expressa, através de qualidades sensíveis, as atmosferas do lugar. Como forma de mostrar o espaço sagrado no tempo presente, se considera, em um estudo de caso, a observação e vivência no espaço, descrevendo a relação entre pessoas e ambiente através do corpo como referência.

a arquitetura memorável envolve uma experiência incorporada, determinada pelo alcance e pela compreensão de nossa mão, o toque de nossos dedos, a sensação de calor e frio em nossa pele, os sons de nossos passos, a postura que tomamos e a posição de nossos olhos.
(MCCARTER; PALLASMAA, 2012, p.5, tradução nossa).



3 UMA LEITURA SENSÍVEL DO LUGAR: ESTUDO DE CASO NA CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE

Este capítulo apresenta o estudo de caso da Capela Universitária Jesus Mestre, localizada no campus PUC-PR, na cidade de Curitiba. Após aprofundar os conceitos na fundamentação teórica, este espaço sagrado foi visitado para aplicar a teoria em campo. A observação sistemática, instrumento selecionado para o estudo, se dividiu em etapas, visando uma aproximação gradual ao lugar.

Como primeira etapa, um estudo exploratório foi realizado, reconhecendo o edifício. Com base nesse reconhecimento, um planejamento foi elaborado para observar o local de maneira rigorosa, durante sete dias por meio de etapas que se complementaram. Cenários foram determinados a partir de diferentes distâncias em que a pessoa se relaciona com o edifício, e características sensíveis foram percebidas por meio deles e por meio de categorias fenomenológicas do lugar que resultaram em um quadro síntese sobre os atributos materiais e imateriais do ambiente. Foram considerados três cenas em diferentes localizações no exterior do edifício, para observar sua relação com o entorno. Depois, o interior do edifício foi contemplado, descrevendo cada ambiente. Por fim, se observou as atividades das pessoas, para entender a relação delas com os objetos e ambiente em estudo.

No decorrer dessas etapas, **o corpo foi a referência**, por meio dos sentidos, experienciando as sensações do lugar através das atmosferas. O lugar foi observado em dias seguidos, durante horários em que havia ou não celebração na Capela. Se percebeu que a descrição em texto, fotos e vídeos precisam de algo a mais para apresentar a relação das pessoas com o lugar e seus objetos. A representação em desenho, linguagem da arquitetura, completou a interpretação, através do mapeamento comportamental centrado no lugar.

Para confirmar as observações em campo, uma entrevista parcialmente estruturada (Apêndice C) foi realizada com o arquiteto que descreveu a Capela a partir das pranchas do projeto original, realizado em 1985. Ele relatou detalhes sensíveis que proporcionaram a compreensão de detalhes do edifício. Suas falas se distribuem ao longo do estudo de caso, complementando as informações do texto.

Essas etapas constroem o que se chamou nessa pesquisa de **leitura sensível do lugar**, entrelaçando a interpretação do ambiente, do edifício e das pessoas. A seguir, essa leitura é apresentada através de textos, imagens, croquis e desenhos técnicos, que ilustram e interpretam as descrições e se constituem de duas narrativas, uma verbal e outra visual (PALLASMAA, 2018, p.7).

3.1 RECONHECIMENTO DO LUGAR, SUA HISTÓRIA E ARQUITETURA

Ao estudar a Capela Universitária Jesus Mestre (Figura 7), alguns pontos foram levados em conta para determinar sua escolha. A pesquisa por espaços sagrados católicos definiu que o edifício deveria possuir um projeto arquitetônico e bibliografia existente, apoiando o estudo e conhecimento do lugar. Poucas obras foram encontradas além das reconhecidas no país, como a Igreja da Pampulha ou a Catedral de Brasília. O intuito aqui era estudar um local pouco conhecido, para se desprender dos pré-conceitos e análises anteriores. Assim, algumas arquiteturas embora contassem com um projeto arquitetônico, não apresentavam registros de sua construção ou concepção arquitetônica. Outras possuíam registro, mas suas concepções arquitetônicas desviavam-se do caminho desse trabalho. O edifício escolhido foi o que atendia a maior parte dos pontos de interesse, havendo ainda a possibilidade de contato com o autor da obra.

O primeiro passo para estudar a Capela foi seu reconhecimento, que se deu através de um estudo exploratório. Em agosto de 2018, durante dois dias – domingo e segunda-feira – uma visita no edifício foi realizada, assistindo à missa e o comportamento antes e depois desse rito. Através do edifício e seu entorno, procurou se saber quais os motivos para a Capela se situar no lugar em que está.

Figura 7. Capela Universitária Jesus Mestre.



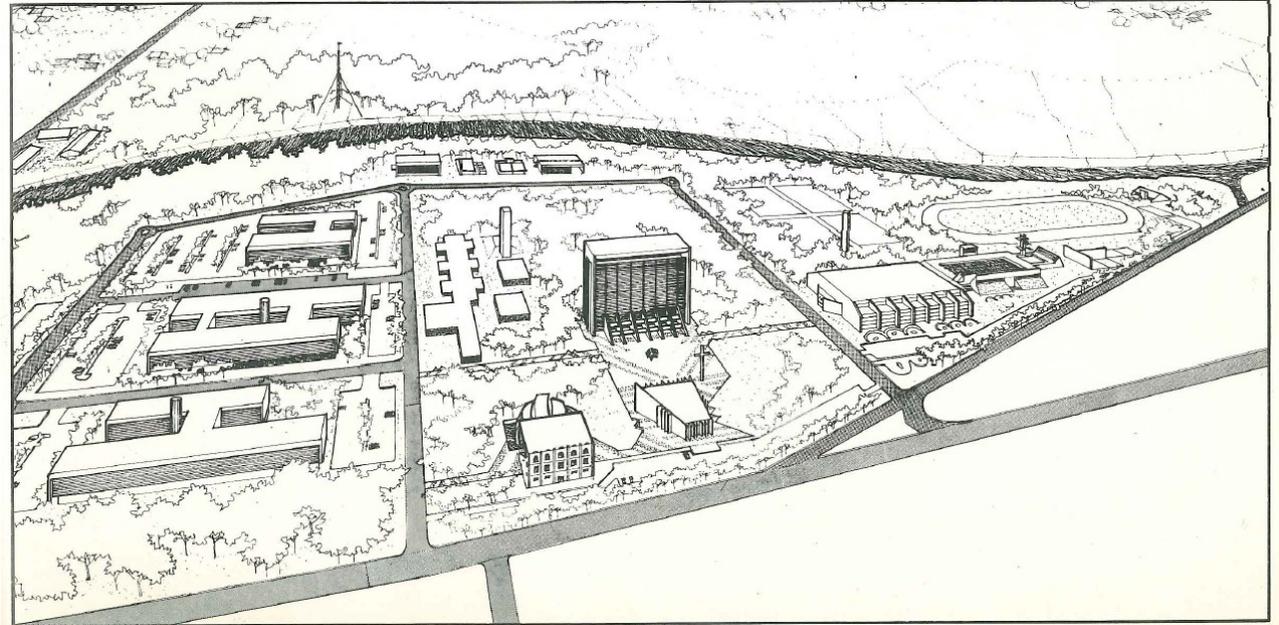
Fonte: elaborada pela autora.

A partir da exploração do lugar e de pesquisa bibliográfica sobre o edifício, foi conhecida sua história, assim como a sua concepção arquitetônica, comentada por autores que escrevem sobre a história da Universidade. Depois, foi detalhada pelo autor da Capela, o arquiteto Manoel Coelho, durante a entrevista. Através da primeira visita, foi possível organizar as informações e planejar o que era preciso para uma observação mais rigorosa e detalhada da Capela em um segundo momento. Inicialmente, sua história foi pesquisada, para entender de que forma foi implantada e por quê.

A ideia de construir a Capela surgiu na década de 1980 e seu projeto foi planejado por uma equipe formada por um arquiteto, Manoel Coelho, que se responsabilizou pela concepção da forma e funcionalidade, pelo pró-reitor de planejamento da Universidade, Irmão Clemente Ivo Julliatto, que colaborou com seu conhecimento sobre liturgia e ritos católicos e por um artista plástico especializado em arte sacra, Cláudio Pastro, que propôs a iconografia e a posição dos objetos sagrados no espaço, fundamentais para a realização do rito. O diálogo entre os três responsáveis pela concepção da obra

compatibilizou áreas do conhecimento, e o lugar foi projetado pensando no rito em si e sua relação com as pessoas e com os espaços. A Capela se posiciona no centro cívico da Universidade, na Praça da Cultura (Figura 8), como o único edifício sagrado do campus.

Figura 8. Croquis do plano diretor da PUC-PR planejado por Manoel Coelho.



Fonte: folheto da Capela Universitária Jesus Mestre (SCHENER et al, 198-).

Ao longo das leituras sobre a localização dos edifícios na Universidade, se percebeu que alguns deles já estavam presentes antes do terreno sediar a Instituição. O terreno possui uma história antiga. Este lugar era conhecido por abrigar o hipódromo da cidade (Figura 9). Ao passar do tempo, com a mudança dos costumes e atividades, o hipódromo se mudou para um lugar maior e se considerou que este local não era mais apropriado para a corrida de cavalos.

O terreno ficou sem uso e os colaboradores das faculdades, que eram segmentadas em diversos lugares de Curitiba, reuniram forças para implantar uma Universidade no possível terreno. Em longas reuniões entre o governador do Estado, Moysés Lupim e o arcebispo metropolitano, Dom Emanuel da Silveira D'Elboux, o terreno foi doado para a sociedade Paranaense da Cultura, a entidade que mantinha a Universidade, para a construção de um novo campus.

Em homenagem à memória local, a arquibancada do antigo hipódromo permaneceu e se tornou o Museu Universitário (Figura 9). O lugar recebeu diferentes dinâmicas a partir da implantação e união de vários cursos superiores (JULIATTO, 2017).

Figura 9. Antigamente, arquibancada do hipódromo e hoje, museu universitário.



Fonte: curitibaantigamenteeregiaoemfotos.blogspot.com e elaborada pela autora.

Em 14 de março de 1959, a Universidade Católica do Paraná foi fundada (HOERNER JUNIOR, 1998), unindo as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras dos Irmãos Maristas, existente desde 1950, a escola de Serviço Social, fundada em 1956 pelas Irmãs Filhas do Coração de Maria, a escola de Ciências Médicas, também de 1956, além da escola de Enfermagem, administrada pelas Irmãs de São José desde 1957, a escola de Direito, administrada pelos Jesuítas desde 1957 e depois, a escola de Administração e Economia, cuidada pelos franciscanos até 1964.

Em um primeiro planejamento, em 1969, o campus de Curitiba teve a contribuição do arquiteto carioca Sergio Bernardes, que projetou dois blocos de tijolo à vista – a reitoria e a biblioteca – atualmente parte da pastoral universitária (HOERNER JUNIOR, 2009). Em 1974, a parceria com outro arquiteto, Manoel Coelho, foi criada. Natural de Florianópolis, seguiu carreira em Curitiba, onde se graduou. O profissional começou a trabalhar para a PUC reformulando a Universidade. Em 1973, fez o projeto de um plano diretor para o campus, assim como o projeto de edifícios administrativos e de educação (HOERNER JUNIOR, 2009). Esses, formaram o centro cívico junto à praça da cultura, que se tornou o ponto de encontro do campus. Outros dois edifícios completaram esse centro, a Capela e depois a biblioteca. Na entrevista, o arquiteto iniciou a conversa falando sobre a concepção do plano diretor, para depois pensar cada edifício de forma isolada. Para ele, o arquiteto,

[...] tem que pensar no todo [...] Aí eu fiz um rabisco de um zoneamento. Você pode ver lá que tem a área de esportes, tem todo esse setor cívico, [...] depois veio a Capela e depois veio a biblioteca. E tem o setor didático. Do outro lado do rio tem um setor de laboratório [...] (informação verbal)¹.

Assim, na Capela, “a frente volta-se para o Prédio da Administração, ficando à direita do espectador o Museu Universitário, a Concha Acústica e os quatro Centro Universitários, e à esquerda, o Complexo Esportivo” (SCHERNER et al, 198-, p.4). Todos esses

¹ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

edifícios foram projetados por Manoel Coelho, compondo uma identidade para a Universidade, além do paisagismo e áreas de circulação no campus. Grande parte do fluxo de pessoas passa pela praça, que fica em frente ao acesso principal da Capela, na fachada leste.

O entorno é formado pelo Prédio da Administração, que fica em frente à Capela e foi o primeiro a ser construído, abrigando todas as áreas burocráticas da Instituição. É o edifício mais alto do campus. O acesso se dá pelas fachadas leste e oeste, onde bancos e canteiros, nas laterais, permitem a permanência ou espera (Figura 10).

Além dele, outros edifícios foram construídos posteriormente. Um deles, foi a biblioteca (Figura 11), que se situa à direita da Capela. Sua forma foi projetada para marcar imponência. A entrada é delimitada por um pórtico, convidando as pessoas a entrar no edifício. É o segundo prédio mais alto e chama a atenção de quem o observa da praça. Para o arquiteto, o prédio deveria representar dignidade e imponência, marcando grandiosidade².

Figura 10. Edifício administrativo.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 11. Vista da capela e da biblioteca.



Fonte: elaborada pela autora.

² Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

Outra preocupação do arquiteto, era o impacto da biblioteca em relação ao entorno e sua grandiosidade comparada à Capela. Segundo ele,

[...] eu não queria que a biblioteca passasse dessa linha da Capela, e acabou passando um pouco... ela tem um recuo, então não... eu não queria que ela ofuscasse a Capela. Queria que ela formasse o conjunto todo (informação verbal)³.

Na outra lateral da Capela, no lado esquerdo, há a presença da cruz, ou cruzeiro, principal símbolo externo da Capela representando a religião católica. Ele é emoldurado por um bosque, com vegetação que já estava presente no terreno quando a Universidade foi fundada⁴. Ao lado do bosque está um dos edifícios mais atuais do campus, a Digital Arena (Figura 12), preparado com auditórios e cinema 4D, voltado a exposições e tecnologia.

A Praça da Cultura, que está no meio de todos os edifícios citados, teve sua execução em conjunto com a Capela. Os desenhos no piso acompanham as formas do espaço sagrado, chamando as pessoas para a Capela⁵. Observou-se que a Capela possui papel central em relação aos outros edifícios da praça e os motivos de sua construção foram a relação da Universidade com a religião.

Figura 12. Posição do bosque e da Digital Arena em relação à capela.



Fonte: elaborada pela autora.

³ Id., 2019.

⁴ Ibid., 2019.

⁵ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

Com a consolidação da Universidade e ampliação dos cursos de graduação, na década de 1980, a Instituição procurou um vínculo próximo com a Igreja, e a possibilidade de um contato direto com a Santa Sé, que controla a jurisdição da Igreja Católica em Roma e descreve atividades e dinâmicas dos cursos oferecidos pelas instituições, além da conexão com a religião católica. Assim como em outros Estados, a Instituição almejava o título de pontifícia, decidindo se aproximar da religião. Planejou então, a construção de um local sagrado como símbolo da religião no campus.

Em 8 de novembro de 1985, a Congregação para a Educação Católica conferiu o título de pontifícia à Universidade (JULIATTO, 2017), como sinal de proximidade à religião católica. Para homenagear a mudança, o projeto já em andamento, se tornou o símbolo da união entre religião e ciência. O dia do recebimento do título de pontifícia foi marcado pela inauguração da Capela.

Através das leituras e conhecimento histórico sobre o lugar, surgiu a inquietação de entender como o projeto da Capela foi concebido e de que modo ela foi implantada na Universidade. Durante a entrevista, o arquiteto foi questionado sobre o seu o processo de projeto e disse que,

[...] é uma coisa intuitiva [...] que me parece muito natural. No momento que você enfrenta um problema de arquitetura, você vai procurar saber [...] tudo sobre esse tema. Vai se informar do que tem, do que existe e ver exemplos, ver como outros arquitetos resolveram esse mesmo problema, analisar cada projeto, [...] definir e identificar o que [...] não conseguiu resolver e aí vai. E aí, vai partir para a tua própria solução, tua própria proposta para aquele tema (informação verbal)⁶.

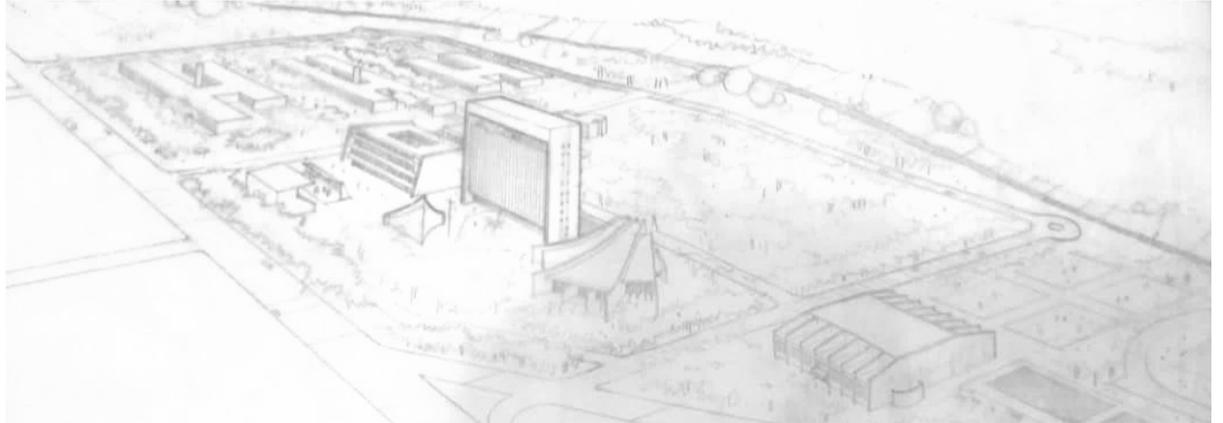
Durante a conversa com o arquiteto, em uma mesa com as pranchas do projeto original, se encontrou a evolução da proposta que foi executada, pois algumas ideias anteriores foram pensadas para solucionar o tema da Capela, assim como possíveis entornos antes da construção da biblioteca e da arena digital. Nas propostas, a implantação não se modificou e a posição do edifício em relação à praça tinha o intuito de chamar as pessoas em direção à fachada de acesso. O que se modificava era a forma, ora curva, ora pontiaguda. A ideia do entorno nas laterais e parte posterior do edifício era arborizado, dando condições de visualização da Capela de longe.

⁶ Ibid., 2019.

Em um desenho em perspectiva sobre as propostas para o campus, o edifício administrativo já existia e os demais blocos institucionais eram idealizados. Havia a figura de um teatro ao lado direito da praça e diferentes blocos apareciam (Figura 13), como a biblioteca ao lado esquerdo da praça já com a ideia de um átrio. O teatro hoje existe, mas interno à um dos blocos didáticos e a biblioteca foi construída próxima ao lugar planejado.

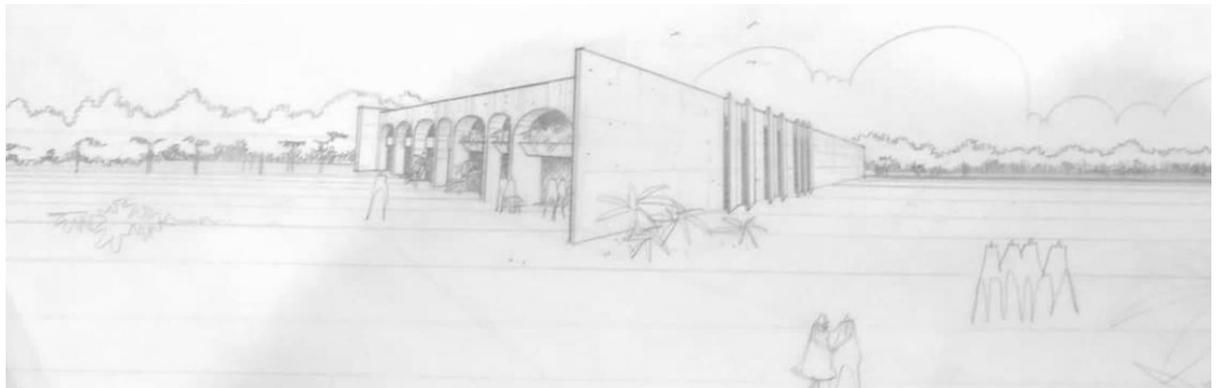
A primeira proposta da Capela era composta por arcos (Figura 14), que formavam curvas na fachada de acesso. A implantação se situava no mesmo local, prevendo o bosque como emolduramento e a escala das pessoas em relação ao edifício. As laterais da Capela também mantinham o desenho atual, assim como a ideia de canteiros.

Figura 13. Ideia de implantação da praça, capela e possível teatro na PUC-PR.



Fonte: projeto original do arquiteto Manoel Coelho, foto registrada pela autora.

Figura 14. Primeira proposta para a capela.



Fonte: projeto original do arquiteto Manoel Coelho, foto registrada pela autora.

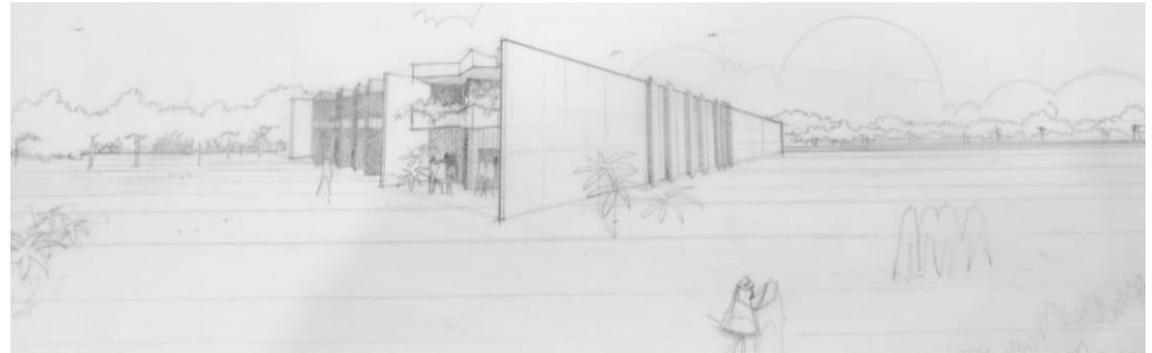
A segunda proposta (Figura 15) evoluiu e se tornou mais parecida com a proposta que se executou. Nessa proposta, as laterais e entorno se assemelham à anterior, mas a fachada de acesso se diferencia, identificando formas pontiagudas nas marquises. Outra característica que esteve presente em todas as propostas são os elementos verticais marcantes, que rompem as superfícies que delimitam o espaço interno.

Figura 16. Planta baixa do mezanino da segunda proposta.



Fonte: projeto original do arquiteto Manoel Coelho, foto registrada pela autora.

Figura 15. Segunda proposta para a capela.



Fonte: projeto original do arquiteto Manoel Coelho, foto registrada pela autora.

Nessa proposta, a planta baixa foi desenvolvida (Figura 16), lembrando o layout atual, com diferenças nos brises da fachada leste e oeste, posicionados em diferentes ângulos. A concepção arquitetônica da proposta definitiva, que é fruto das duas propostas anteriores,

[...] tentou definir o caráter religioso da edificação, compondo com as demais um conjunto sóbrio, de linhas harmoniosas. A utilização dos materiais na sua forma natural permitiu a definição de um tratamento uniforme para os acabamentos, evitando o rebuscamento e garantindo a dignidade necessária para o conjunto. A passagem para o corpo principal [...] realiza-se através de um espaço estreito, de teto baixo, a lembrar um túnel, um útero, um mergulho batismal, a morte. É aí que se encontra a pia batismal, uma concha em latão. E esta passagem leva à vida plena, à luz, à ressurreição, expressas pela abertura ampla do espaço e pela transparência dos vitrais. São os vitrais que possibilitam a integração entre o interior e o exterior da Capela, enriquecendo o interior com os movimentados efeitos das cores filtradas pelos raios solares. Assim, o conjunto de todos os elementos proporciona o espaço desejado e necessário para que nele se desenvolva o diálogo harmonioso entre a Ciência e a Fé. (SCHERNER et al, p.6, 198-)

Como exploração formal, o edifício, que tem predominância horizontal na fachada de acesso à praça, se destaca pela forma modernista e pelo material, brutalista. Suas laterais, mais altas na fachada de acesso, formam trapézios, que direcionam o caminhar das pessoas para o centro, o presbitério, lugar sagrado.

Através de sua forma e de seus detalhes artísticos, a edificação possibilita uma experiência profunda de vivência da dimensão transcendente da existência, reconhecendo a identidade pessoal do indivíduo (JULIATTO, 2008, p.100). A presença de um espaço sagrado em um ambiente de aprendizado traz um ambiente de reflexão, de conexão como que se acredita e concentração para as pessoas que ali estudam e planejam o seu futuro.

Como etapa inicial do estudo, o conhecimento da história foi fundamental para compreender a implantação da Capela no campus. A partir desse caminho, outros passos da pesquisa se seguiram, retornando a campo. É preciso entender, além da história e implantação da Capela, a sua relação com o campus e entorno imediato, para saber como o edifício é visto, se é muito ou pouco frequentado, que público o frequenta, em que horário há maior ou menor movimento e quais as atividades realizadas no espaço sagrado.

Nessa próxima etapa, os cenários são abordados, estudando a Capela a partir de seu entorno até seu interior e atividades ali realizadas. O planejamento encontrou nos cenários um caminho adequado para observar o exterior do edifício, a partir de diferentes distâncias entre pessoa e edificação, que fazem com que a percepção dos detalhes e da escala seja diferente, mais detalhado. As cenas foram registradas através de um percurso ao caminhar pela Universidade e esse percurso foi decidido a partir das visões que se tinha da Capela, pois ao percorrer os caminhos, a referência se deu pela cruz presente no exterior do edifício. As observações foram descritas a partir de textos e imagens que ilustram as percepções através do corpo como referência.

Já no interior da Capela, onde os cenários consideram cada ambiente em particular, os atributos baseados em categorias fenomenológicas foram observados, se concentrando nas qualidades sensíveis do ambiente, materiais e imateriais. Essas foram sintetizadas em um quadro (Apêndice A), que auxiliou na escrita e na sequência de informações para a descrição e interpretação da Capela. Essa etapa é apresentada do macro para o micro, em três níveis e a interpretação da experiência do lugar é relatada por meio das sensações vivenciadas no lugar, a partir das atmosferas encontradas.

3.2 RELAÇÃO ENTRE PESSOAS E AMBIENTE A PARTIR DE DIFERENTES DISTÂNCIAS

A contemplação do espaço sagrado requer concentração e interiorização por parte do espectador. A conexão com o lugar é a primeira etapa para que essa manifestação se torne possível, através das dinâmicas humanas que ali acontecem. Essa ligação se faz possível não apenas pelos atributos físicos do espaço, como o edifício, seu entorno e localização, mas também pelos atributos que o conformam invisivelmente, como a história do lugar e sua relação com as pessoas que o frequentam.

O campus da PUC-PR em Curitiba, fica localizado próximo ao acesso principal da cidade, facilitando a chegada de alunos, professores e visitantes pela Av. Imaculada Conceição, traçada desde a época imperial no Brasil. Durante a exploração, se percebeu que a fachada posterior da Capela é vista a partir do passeio, na rua, surgindo de forma discreta na paisagem da Universidade, pois a arborização dificulta a visualização da edificação.

Para compreender o percurso até a Capela, distâncias foram tomadas como referência para registrar observações, pois a pessoa percebe o lugar de diferentes formas de acordo com a proximidade do destino, reconhecendo-o ao caminhar e ao se deparar com ângulos e visões do edifício.

Esses intervalos são percebidos pelo corpo através dos sentidos. Para Gehl (2010), de 100 a 25 metros de distância, há pouca interpretação das atividades, como o reconhecimento de silhuetas e captação de movimentos. A partir dos 25 metros, a comunicação entre pessoas e ambiente se intensifica e quanto mais perto se chega, mais informações se registram. De 7 metros a menos de um metro, todos os sentidos podem ser estimulados, os detalhes podem ser percebidos e os mais intensos sentimentos podem ser partilhados (GEHL, 2010).

Essa descrição baseou a escolha de intervalos para a interpretação do exterior da Capela, onde a relação com o entorno foi observada em diferentes distâncias. Os intervalos se basearam nas distâncias de Gehl (2010) e foram enumerados da maior distância do campus para a Capela até a menor distância, próxima à fachada de acesso do edifício.

O exterior da Capela foi observado em um primeiro momento, através de cenários, ou pontos de vista (CULLEN, 2008) através de um percurso de um ponto a outro do campus. Depois, em um segundo momento, se deu atenção para os ambientes internos e após o reconhecimento desses dois pontos, se observou as atividades que aconteciam a partir da apropriações das pessoas no espaço.

O primeiro cenário, a uma distância maior que 50 metros, observa a Capela a partir da rua, fora do terreno da Universidade. Além do campus, se vê a movimentação, tanto de pedestres quanto de veículos que chegam ao terreno ou que transitam pela avenida. As pessoas que chegam de carro acessam o estacionamento e as que chegam de ônibus descem nas estações e caminham até as duas entradas principais da Universidade.

O segundo cenário evidencia ângulos diferentes de visão a partir de aproximadamente 50 metros de distância da Capela. O intervalo aborda um dos caminhos para acessar o centro cívico e por meio dele, a Capela surpreende através de seus elementos. Nesse ângulo de visão, já se vê a edificação, mas ainda não é possível identificar seus materiais e detalhes de fachada. Se observa que a Capela tem forma horizontal e marcações verticais, em tons de cinza. O que chama a atenção, nesse momento, é a cruz, ou cruzeiro, localizado próximo à fachada de acesso da Capela, ao lado do bosque.

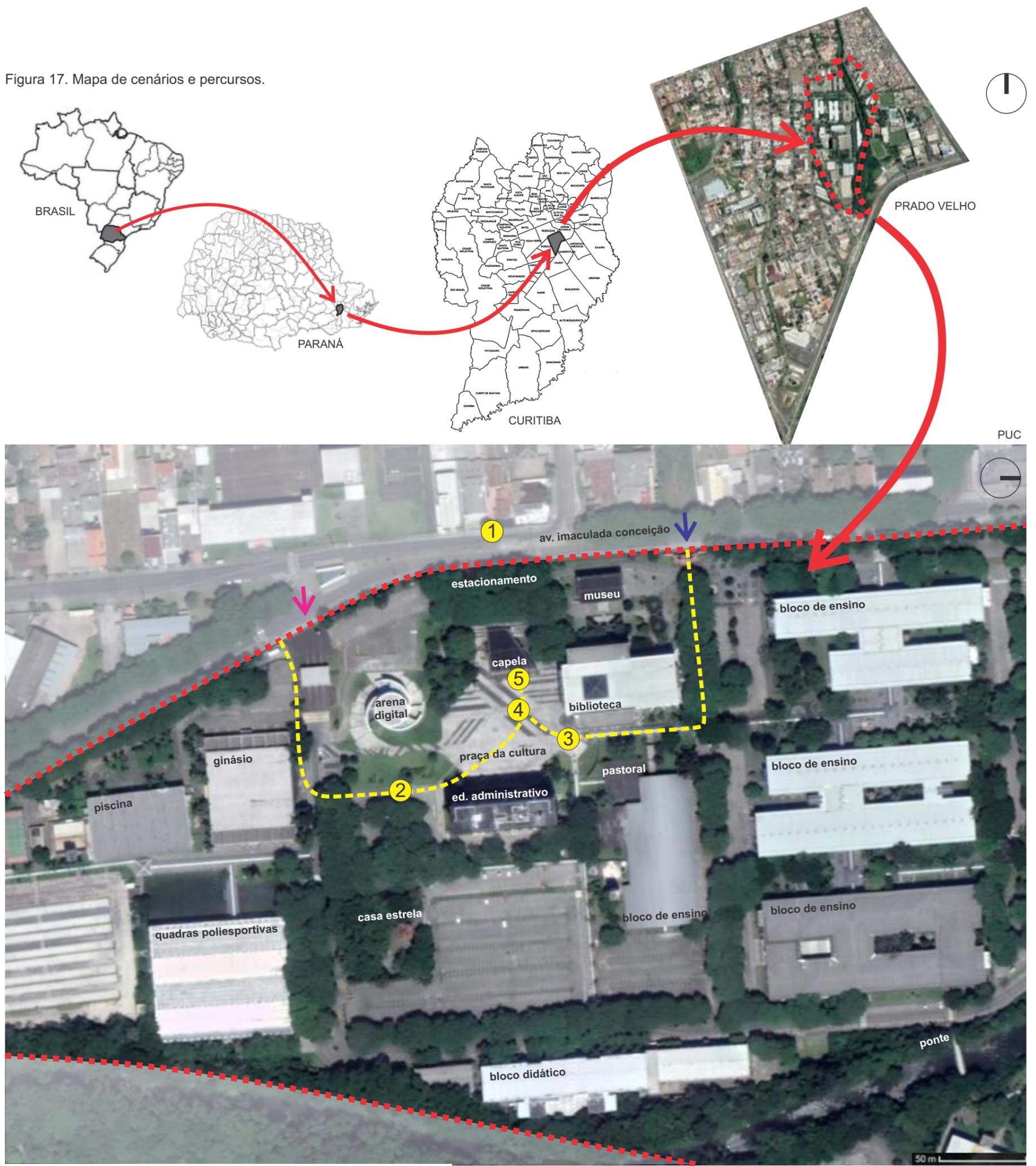
O terceiro cenário se localiza a uma distância de aproximadamente 25 metros da Capela. Nesse cenário, os detalhes do edifício começam a ficar mais claros, como as cores da fachada e diferenciações de volumes. Já se sabe que o prédio é um espaço sagrado e nessa distância há a curiosidade de descobrir mais detalhes, fazendo com que a pessoa caminhe para perto da edificação.

O cenário seguinte se localiza em frente à Capela, a menos de 7 metros de distância de seu acesso. A partir dessa distância, já se enxergam os detalhes de cada material da fachada, o concreto aparente das paredes, a divisão de cada placa, as aberturas, com os vitrais coloridos e esquadrias metálicas, e diferenciação da vegetação presente nos canteiros.

O último cenário acontece a menos de 1 metro do acesso, em uma transição, observando as diferenças entre o exterior repleto de ruídos e o interior silencioso da Capela.

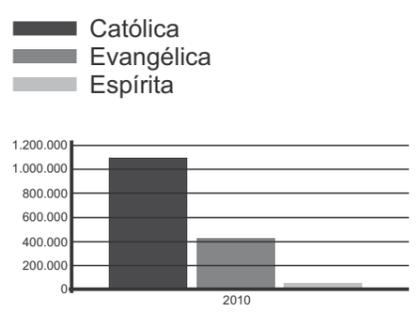
Um mapa (Figura 17) identifica o percurso realizado e enumera os cenários registrados em diferentes lugares do campus, que foram descritos a partir de texto e imagens, caracterizando o lugar e a relação dele com a percepção das pessoas.

Figura 17. Mapa de cenários e percursos.

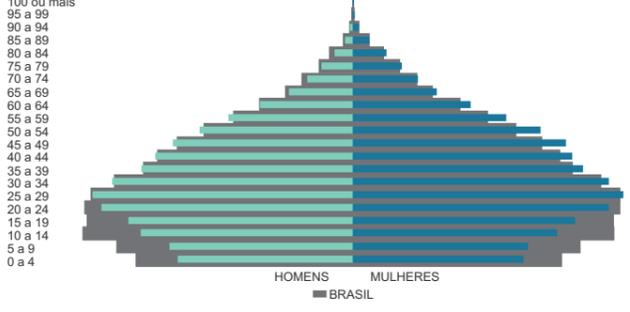


Cidade de Curitiba: população estimada 1.917.185

População por religião



Pirâmide Etária - 2010



Cenários

- ① a partir da rua, a mais de 50m do edifício.
- ② a aproximadamente 50m do edifício.
- ③ a aproximadamente 25m do edifício.
- ④ a aproximadamente 7m do edifício.
- ⑤ a aproximadamente 1m do edifício.

Percursos

Acessos



Fonte: elaborada pela autora⁷.

CENÁRIOS E PERCURSOS

No cenário 1 (Figura 18) se observou a Capela a partir da rua, em uma distância maior que 50 metros, na Av. Imaculada Conceição. Do outro lado da rua, em direção ao campus, é possível observar os carros passando, as pessoas chegando na Universidade através de veículos e ônibus, o movimento na calçada de quem vem a pé, além da iluminação pública e da delimitação do terreno da Universidade.

Olhando para dentro do terreno, se observam árvores que se alinham ao muro, e o estacionamento. Atrás do estacionamento, se enxerga a parte posterior da Capela, que não tem mais de quatro metros de altura. Além da fachada, a cobertura inclinada também é vista. Se percebe, nesse momento, que o edifício não

foi implantado para ser visto pelo público na rua, mas para ser visto por quem frequenta o campus. Apesar de a Capela ser comunitária, só se toma conhecimento dela a partir de informações vindas da Universidade ou por meio de divulgação de atividades que ali ocorrem. Um olhar atento para dentro do campus também é importante. Se o edifício possuísse dois acessos principais, um para a rua e um para a Universidade, convidaria as pessoas que passam por ali para se conectar com o que acreditam, ou mesmo conhecer o espaço sagrado.

Figura 18. Cenário 1.



Fonte: registrada no *google street view*, coordenadas (-25.4527445,-49.252131,19.25).

⁷ Mapa do Brasil. Disponível em: <<https://minutoligado.com.br/mapas/mapa-do-brasil-para-colorir/>>. Acesso em ago. 2019.

Mapa do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.planejamento.mppr.mp.br/modules/conteudo.php?conteudo=2044>>. Acesso em ago. 2019.

Mapa da cidade de Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/mapas/bairros.htm>>. Acesso em ago. 2019.

Mapa do bairro Prado Velho e da PUC. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Amcip/@-25.448482,-49.2526312,223m/>>. Acesso em ago. 2019.

Dados em texto da cidade de Curitiba. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>>. Acesso em ago. 2019.

O cenário seguinte (Figura 19), de número dois, se situa a uma distância de aproximadamente 50 metros da Capela, e está localizado no terreno do campus. Esse ponto está mais próximo da entrada principal de veículos e quem acessa o lugar pelo estacionamento faz esse percurso para chegar à praça e ao centro cívico.

A partir desse cenário, a primeira visão que se tem é a da cruz, ou cruzeiro, externo à Capela. Quando ele é notado, como um ponto focal (CULLEN, 2008) se percebe a existência de um espaço sagrado, simbolizado por esse elemento. A Capela é vista depois da percepção da cruz e se

nota, nessa distância, a marcação da fachada pelos elementos verticais. Além disso sua cor é identificada a partir de tons de cinza.

Nessa distância, se percebe que a disposição dos estacionamentos foi pensada para não interferir nos visuais do centro do campus, pois a partir dos caminhos pedonais, a visão não é obstruída e é possível observar a dimensão e proporção da Capela em relação à praça e demais edifício no entorno. Na cena, se entende que a cruz tem o dobro da altura da Capela, e se torna a referência do espaço sagrado nos lugares mais distantes do campus, pois em alguns momentos, quando o olhar é obstruído por algum edifício, em outros pontos do terreno, a cruz se mantém visível, lembrando que o lugar tem ligação com a religião católica. Tal percepção, como já se comentou, não é a mesma a partir da rua, deixando apenas para as pessoas de dentro do campus a visão do espaço sagrado.



Figura 19. Cenário 2.

Fonte: elaborada pela autora.

O terceiro cenário que se localiza a menos de 50 metros de distância da Capela e tem maior relação com a entrada principal de pedestres no campus, pois é o ponto de acesso no caminho para a praça da cultura e centro cívico. Antes de identificar a visão que se tem desse pontos, o percurso que se realizou foi descrito, pois tem importância na história e implantação das edificações da Universidade (QR Code 1).



O percurso começa a partir do acesso de pedestres, que se dá por um portal (Figura 20), existente desde a época do hipódromo, remetendo a história do lugar. Depois, há um caminho coberto, cercado por árvores que abriga as pessoas da chuva e as direciona para os edifícios do campus. Ao longo da caminhada, ao lado direito, se situa o Jardim japonês, (Figura 21), que separa o acesso da biblioteca e do museu universitário.

O jardim disfarça os sons e ruídos do exterior da Universidade, na avenida movimentada e nas paradas de ônibus ao longo do passeio. A composição do jardim que contém um lago e uma pequena queda d'água cria um novo portal através de atmosferas, que propicia um ambiente de estudo e concentração. Através do som da água, que tranquiliza, e dos diferentes tipos de vegetação, que lembram a natureza, estimulam os sentidos para percorrer o restante do caminho através de atmosferas.

Figura 20. Portal de acesso PUC-PR.



Fonte: *google street view*, coordenadas (-25.4527445,-49.252131,19.25).

Figura 21. Jardim Japonês.



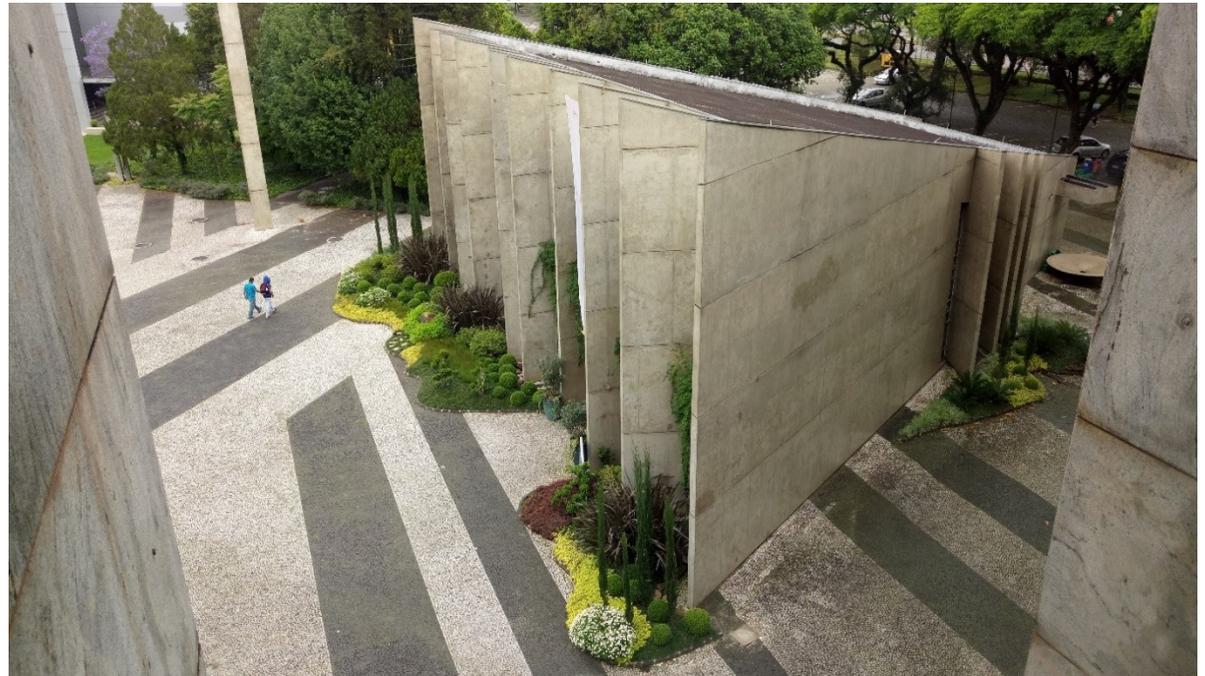
Fonte: elaborada pela autora.

Logo atrás do jardim, se situa o museu universitário, comentado anteriormente, que é tombado em nível estadual, junto com a concha acústica, projeto do mesmo arquiteto da Capela, que complementa a estrutura da arquibancada. Em entrevista com o arquiteto, se descobriu que há um projeto não executado nesse edifício. Uma cobertura translúcida, que transformaria a arquibancada e a concha acústica em um anfiteatro, como palco para a orquestra da Universidade. Hoje, alguns concertos são realizados na Capela, que possui acústica adequada para recebê-los⁸.

Em paralelo ao museu e à concha, fica situada a biblioteca universitária, também projetada pelo arquiteto Manoel Coelho. Além do acervo de livros, o edifício contém auditórios e salas de reuniões. Ao longo do percurso dos cenários, os edifícios eram visitados internamente e se descobriu que a biblioteca possibilita uma vista do alto da Capela (Figura 22) (QR Code 2).

Nessa vista, é possível perceber o entorno da Capela, que tem uma lateral relacionada com o entorno da biblioteca, a outra lateral rodeada por vegetação, obstruindo os ruídos da rua movimentada, a face posterior voltada para o estacionamento de veículos e a fachada de maior altura, que contém o acesso principal. Essa é a fachada por onde as pessoas passam, pois está voltada para a praça da cultura.

Figura 22. Vista do alto da capela a partir da biblioteca.



Fonte: elaborada pela autora.

⁸ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

Nesse percurso, se iniciou o direcionamento para a praça central do campus, que dá acesso à Capela e possibilita a visão do cenário 3.

A distância de aproximadamente 25 metros da fachada de acesso se descortina, sendo possível observar mais detalhes da edificação (Figura 23), como a existência de um mezanino.

Em exploração formal, a Capela compreende um trapézio tanto em planta baixa como nas fachadas laterais. A frente, que tem a forma de um retângulo e predominância horizontal, é demarcada por painéis verticais, que se direcionam aos dois lados da praça. Tais linhas, horizontais e verticais se complementam, pois a linha horizontal dá limite e sentido à forma, de maneira racional e a linha vertical é o símbolo do infinito, da emoção (ZIVI, 2009).

Os materiais também foram observados. Suas fachadas são de cor cinza, derivando do concreto aparente como material. Entre os elementos verticais na fachada, se percebe o recuo das esquadrias, que compõe o desenho dos vitrais. Além dos canteiros externos, se vê, entre os dois pavimentos, a vegetação na fachada do edifício. A partir dessa distância, a orientação se tornou mais clara, pois foi o ponto em que a Capela foi vista em relação à praça, assim como a percepção de sua escala e proporções. Apesar de ser pequena em relação aos outros edifícios, seu tamanho como Capela é considerável, já que a fachada de acesso possui cerca de dez metros de altura, e a cruz é ainda mais alta. Nessa distância, as linhas da cruz são mais nítidas e se compreende que o seu material é o mesmo da Capela. A praça também foi observada com mais detalhes se atentando para o desenho e material do piso, assim como a iluminação, lixeiras e

Figura 23. Cenário 3.



Fonte: elaborada pela autora.

placas de sinalização do campus. Se descobriu, na entrevista, que o projeto de comunicação visual e mobiliário foram realizados por Manoel Coelho, já que seu escritório, além de arquitetura, tem especialização em design⁹.

O quarto cenário se aproximou mais do edifício (Figura 24). Nele, existem ainda mais detalhes sobre o exterior. Sua forma, modernista, ficou ainda mais clara, e a escala em relação à pessoa demonstrou a monumentalidade do edifício. Os métodos construtivos também são visíveis, possibilitando a observação das divisões das placas de concreto que foram moldadas no local¹⁰. Os vitrais foram vistos detalhadamente, e diferenciados das esquadrias metálicas, com paginação própria, também projetada pelo arquiteto¹¹. Se observou que alguns dos vitrais tem esquadrias independentes e se abrem, de modo que a Capela possua ventilação adequada.

A diferenciação dos tipos de vegetação também foi observada, assim como os diversos tons das plantas nos canteiros. No canteiro superior, as plantas pendem sobre o acesso principal, marcando a cobertura da porta de entrada, emoldurada por dois grandes vasos com folhagens. Uma placa, instalada em um dos canteiros, indica o nome da Capela e os horários de celebração, informando o público. A cruz, símbolo sagrado externo, não chama mais a atenção nessa distância, pois o foco está no edifício e sua imponência em relação à escala humana.

⁹ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

¹⁰ Id., 2019.

¹¹ Ibid., 2019.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 24. Cenário 4.

No quinto e último cenário, a Capela é percebida a menos de um metro de distância (Figura 25). Além dos aspectos visuais, outros sentidos são estimulados, como a audição. Se esperava nesse momento, ouvir os sons do interior da Capela, mas apenas o silêncio permaneceu. Outro momento, foi a espera do sino, indicando a hora, ou momento do rito, até se perceber que a Capela não possuía campanário.

A sensação de orientação e acolhimento, aumentam e a transição entre exterior e interior acontece a partir do nivelamento da Capela em relação à praça. Ao acessar o interior do edifício, o piso tem uma leve inclinação, subindo sutilmente, recebendo as pessoas. Se nota também, a cobertura na chegada, protegendo as pessoas da chuva, do sol e do vento.

A diferenciação de materiais também é percebida, pois ao se situar no acesso, há uma delimitação entre o piso da praça e o piso da Capela. O granito polido se torna o material no chão e o concreto aparente, nas paredes e teto, assim como a volumetria, geram a sensação de abrigo, pois delimitam um lugar depois do amplo espaço da praça. Nessa distância, se observa a movimentação no interior da Capela, trazendo curiosidade ao espectador que vai acessá-la.

Esses cenários permitiram a observação do exterior da Capela, com atenção aos detalhes que a distância permite perceber. Em visão formal ao edifício, retangular em frente à praça e trapezoidal nas laterais, além da planta baixa, as características sensíveis apreendidas pelo corpo, através dos caminhos realizados no edifício, possibilitaram a interpretação de qualidades do ambiente. O acesso baixo e estreito propicia sensações de silêncio e de diferença no ritmo na caminhada, por exemplo.



Figura 25. Cenário 5.

Fonte: elaborada pela autora.

Em continuidade ao estudo de transição entre exterior e interior se segue para o segundo nível de interpretação, centrado nos ambientes de dentro do edifício. Cada um deles foi descrito em relação aos detalhes materiais e imateriais, para entender a relação da sua funcionalidade com a apropriação das pessoas. A atenção foi focada nas características do ambiente físico e nas atmosferas do lugar, formadas por atributos sensíveis e intangíveis no espaço, apresentados no item a seguir.

3.3 TRANSIÇÃO ENTRE EXTERIOR E INTERIOR

Essa etapa do estudo tem como base a interpretação realizada no item anterior, do exterior e entorno imediato da Capela e as informações a partir do quadro de categorias fenomenológicas (Apêndice A) que auxiliou a organização das descrições e interpretações realizadas em cada ambiente da Capela durante sete dias. Inicialmente, o edifício em si foi descrito e interpretado. Se deu atenção ao ritmo e velocidade de percurso ao caminhar pelo edifício, além de presenciar a transição entre interior e exterior do espaço sagrado.

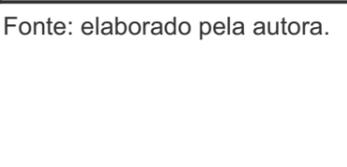
Focando em detalhes, os elementos do lugar foram observados, tanto os tangíveis, em relação aos materiais, cores e texturas, quanto os intangíveis, ou imateriais, como luz, som, aromas e temperatura. A vivência do lugar, possibilitou a experiência das atmosferas. Ela pode ser marcante, em relação à dimensão do edifício como Capela, como pode ser sutil, ao notar, através do silêncio, detalhes relacionados à religião católica, pensados para propiciar a conexão com o sagrado.

O primeiro passo para observar o interior da Capela, foi o reconhecimento e denominação dos ambientes que a constituem. Pastro (2014) e Moraes (2009), nomeiam cada espaço, assim como fazem descrições e atribuem significados. Os objetos, exclusivos da Capela, foram pesquisados em bibliografia própria da PUC-PR, em Fontoura (2009) e Scherner et al (198-).

Ao todo, um espaço sagrado católico é composto por doze ambientes: o edifício, o presbitério, a nave, o adro, o campanário, o jardim, a sacristia, o batistério, a Capela do santíssimo, a Capela da reconciliação, a Capela da mãe de deus, o coro, a secretaria e o programa iconográfico (PASTRO, 2014).

Partindo da definição de cada espaço, esses foram organizados em um quadro (Quadro 1), sintetizando as funções de cada um deles no espaço sagrado. Depois, foram enumerados nas plantas baixas do térreo e mezanino do edifício (Figura 26), para entender o acesso e posicionamento dos participantes e celebrantes na Capela.

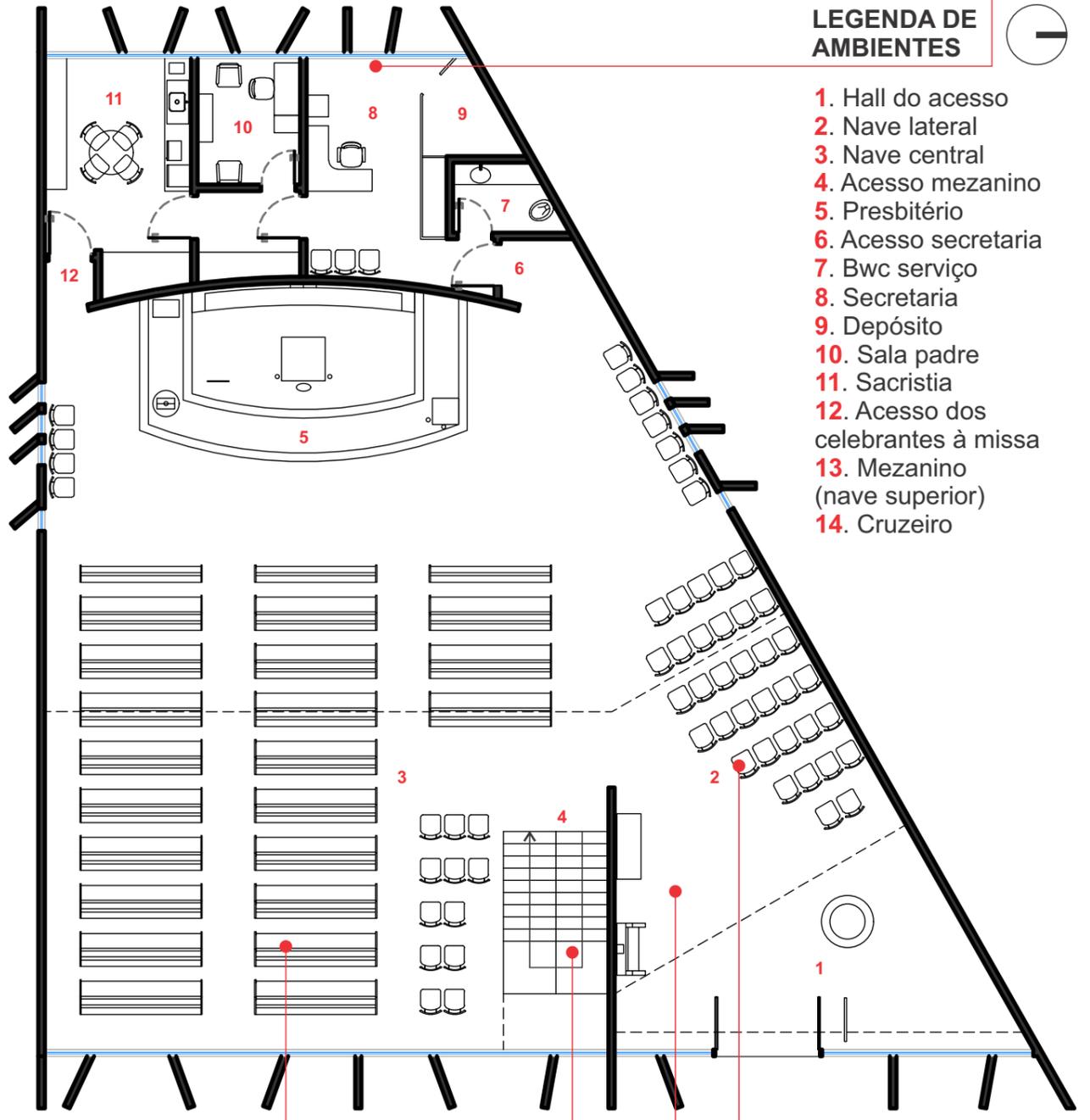
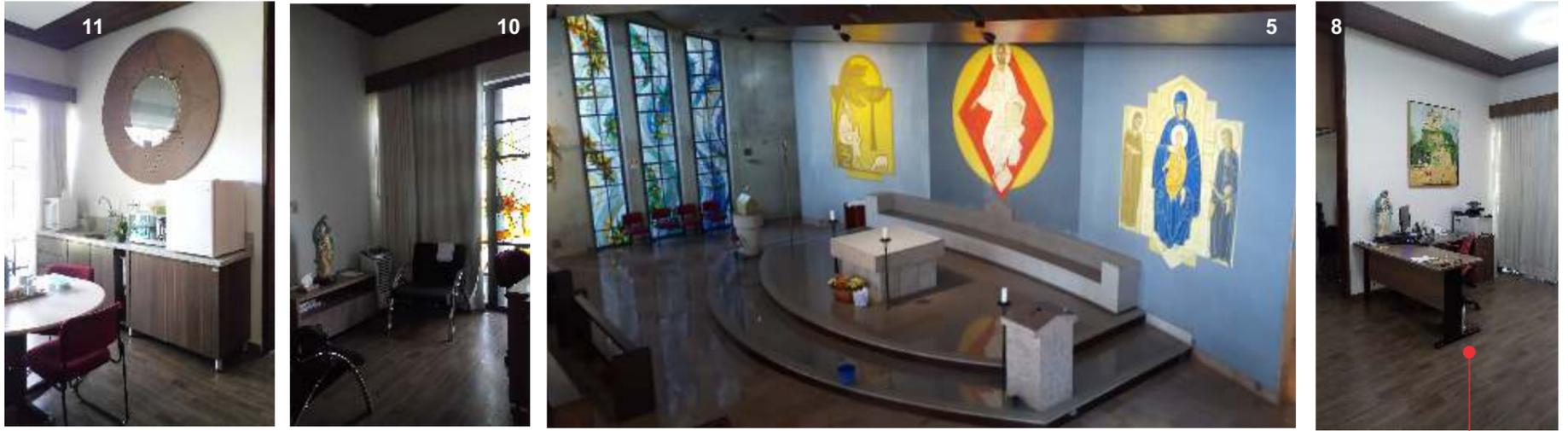
Quadro 1. Síntese dos ambientes da capela.

Imagem	Ambiente	Descrição
	edifício	construção que condiciona todos os ambientes internos.
	cruzeiro	é a cruz que permanece no exterior do edifício. Pode ser acima, em frente, ou nas laterais. Na capela, se localiza na diagonal do edifício.
	presbitério	lugar mais importante da capela, contendo os principais objetos da religião e espaço utilizado pelos celebrantes quando acontecem os ritos sagrados.
	nave	complementa o presbitério, pois é o lugar que abriga o público. Na capela, há a nave central, a lateral e a superior.
	adro	é o hall de entrada do espaço sagrado. Tem a função de receber as pessoas para a celebração e faz a transição entre exterior e interior.
	batistério	ambiente em que acontece o batismo, rito de iniciação à religião católica.
	capela do santíssimo	onde se guarda a hóstia. Esse lugar recebe uma iluminação específica, que representa a chama eterna. Pode ser representada por uma vela ou por uma lâmpada.
	capela da mãe de deus	é um ambiente para orações breves, formado por um genuflexório (onde a pessoa ajoelha) e uma imagem sagrada. Geralmente se localiza na entrada do espaço sagrado.
	capela da reconciliação	também é conhecida como confessionário, onde o padre atende as pessoas individualmente, fora do horário de celebração.
	coro	espaço que recebe um conjunto de cantores e instrumentos que musicalizam a celebração.
	sacristia	lugar privado, onde o celebrante permanece quando não há celebração. Também o lugar onde se guardam os objetos utilizados durante um rito, como os símbolos sagrados e vestes.
	secretaria	espaço destinado ao atendimento em horário comercial, que organiza as atividades no espaço sagrado, como agendamento de celebrações e de atendimento individual.
	jardim	pode ser interno ou externo ao edifício, lembrando a natureza e a vida. Na capela esse espaço se localiza na área externa, nos canteiros presentes em todas as fachadas e na floreira acima do acesso. Internamente, além dos vasos, há a floreira do acesso, inutilizada por dificuldade de manutenção.
	programa iconográfico	são as obras de arte que simbolizam a história da religião nos ambientes. Podem ser objetos, esculturas, figuras, pinturas e vitrais.

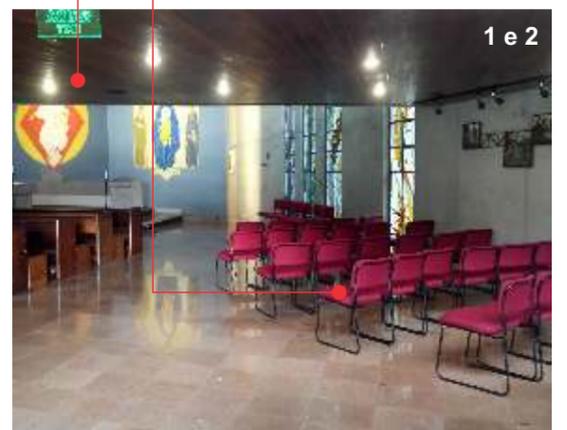
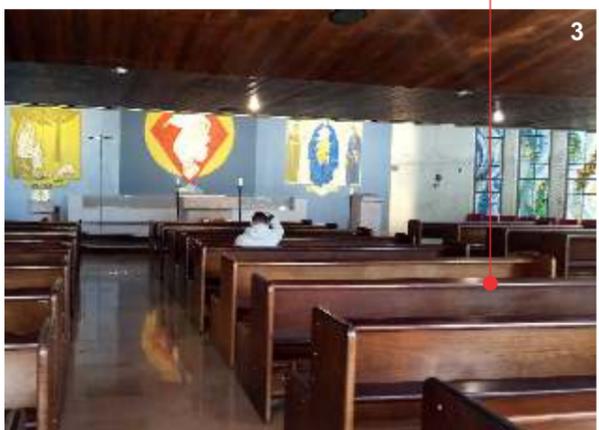
Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO SÍNTESE AMBIENTES DA CAPELA

Figura 26. Ambientes da capela.

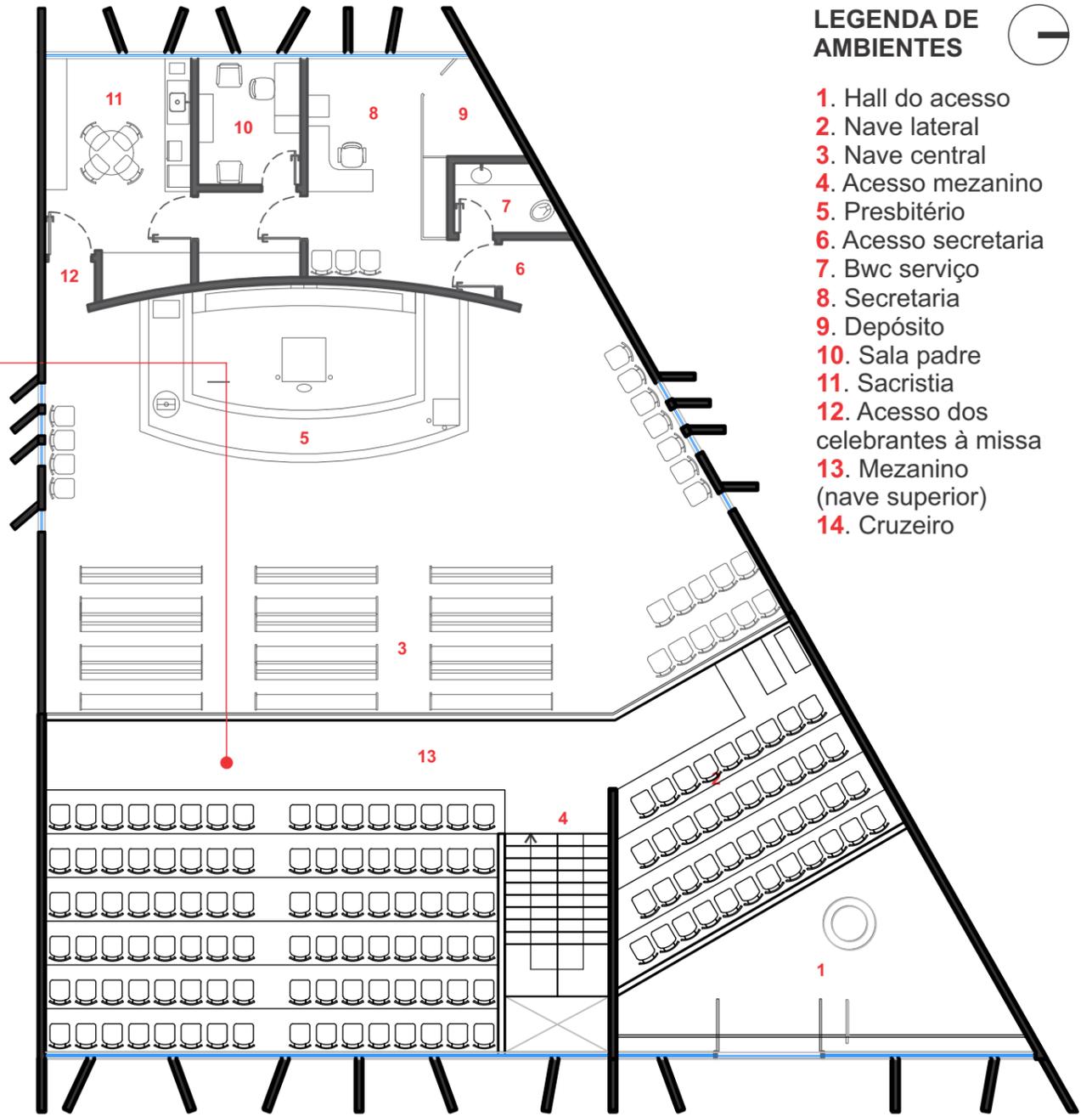
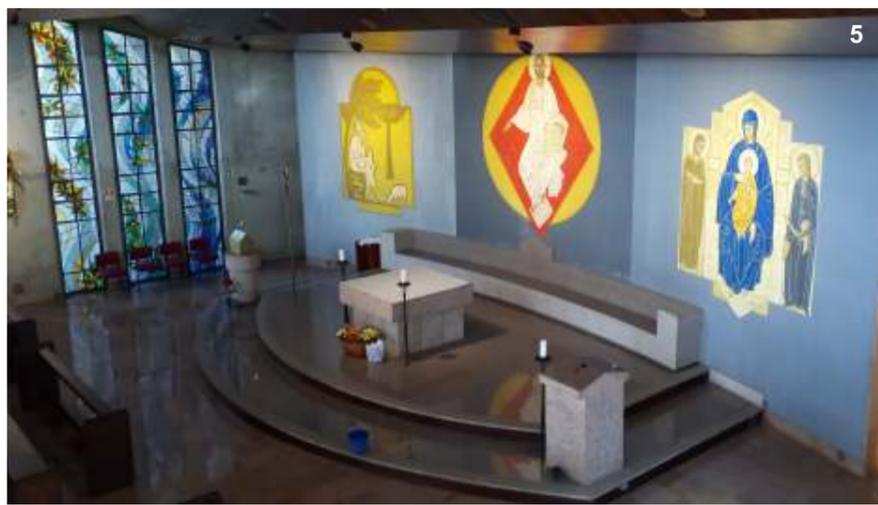


PLANTA BAIXA - TÉRREO



Fonte: elaborada pela autora.

AMBIENTES DA CAPELA



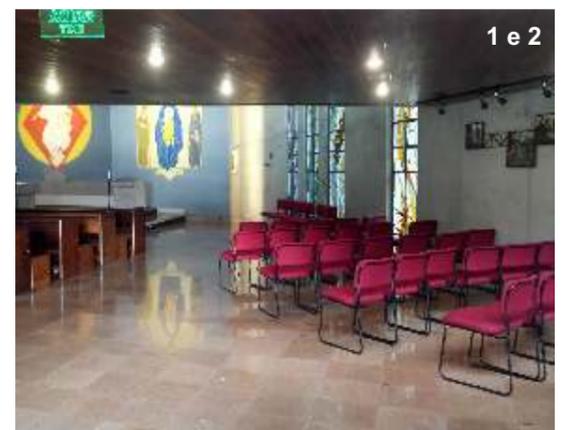
- LEGENDA DE AMBIENTES**
- 1. Hall do acesso
 - 2. Nave lateral
 - 3. Nave central
 - 4. Acesso mezanino
 - 5. Presbitério
 - 6. Acesso secretaria
 - 7. Bwc serviço
 - 8. Secretaria
 - 9. Depósito
 - 10. Sala padre
 - 11. Sacristia
 - 12. Acesso dos celebrantes à missa
 - 13. Mezanino (nave superior)
 - 14. Cruzeiro



PLANTA BAIXA - MEZANINO

1m 2m 5m

Fonte: elaborada pela autora.



AMBIENTES DA CAPELA

Como visto na apresentação dos ambientes, o conjunto em estudo, de acordo com Pasto (2014), é composto por todos os ambientes do espaço sagrado.

No caso da Capela (Figura 27), o edifício pode se considerar um local de recolhimento, reflexão e meditação (SCHERNER et al, 198-). Em seu exterior, se integra com a praça da cultura e com o principal símbolo do catolicismo, a cruz, sinal mais alto de um edifício-Igreja (Pasto, 2014), propiciando a permeabilidade visual.

A fachada leste da Capela está voltada para a praça da cultura e apresenta o acesso principal.

A cruz também está posicionada nessa localização, participando das dinâmicas na praça. Esta fachada é vista por quem chega e sai do campus por ali, ou atravessa a praça em direção aos blocos de ensino.

Esse é o lado mais alto da Capela – apenas ultrapassada pelo cruzeiro – e possui maior número de elementos verticais que marcam seus volumes e esquadrias. Em relação à praça, a implantação do edifício enquadra-se no desenho do piso, idealizado na mesma época de construção da Capela. Tanto os elementos verticais, quando os caminhos e linhas no piso tem o intuito de convidar as pessoas para o interior do edifício.

Figura 27. Fachada leste da capela e sua integração com o entorno.



Fonte: elaborada pela autora.

A vista da fachada norte, uma das laterais do edifício (Figura 28), é composta pela parede de concreto de forma trapezoidal. Apresenta elementos externos, os canteiros e bancos de concreto localizados junto à Capela, próximos à biblioteca e concha acústica. Se percebe, que em diferentes ângulos é possível ver o cruzeiro, lembrando a religião no campus.

Nessa visão, se percebe as linhas de execução do concreto como fechamento e solução estrutural na Capela, assim como os elementos verticais das aberturas laterais. O piso, nesse posicionamento, também funciona através de um direcionamento, organizando o fluxo da Capela e da biblioteca, que se situa ao lado dessa fachada.

Outro elemento que se nota é a gárgula¹², solução para o escoamento pluvial da cobertura inclinada. Se entendeu esse elemento em um dia de chuva torrencial, quando a água da cobertura verteu pelo elemento superior, como em uma cascata, escoando na bacia de grande capacidade. Uma solução para a chuva se tornou um atributo artístico no exterior da Capela, encantando o observador com a queda d'água. Apesar de atrair a visão do espectador por seu efeito, também atrai atenção para a falta de manutenção nessa fração do edifício, que na parede e no piso sofrem com infiltrações e umidade.

Figura 28. Fachada norte e seu entorno.



Fonte: elaborada pela autora.

¹² Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

A vista da fachada sul (Figura 29), também de forma trapezoidal, tem seu entorno mais arborizado, pois o bosque faz divisa com esse lado do edifício.

O mobiliário mantém o desenho circular dos bancos centrais e retilíneos quando fazem o contorno dos canteiros. Por ser voltada para o sul e ter em seu entorno uma massa vegetal ampla, essa fachada sofre também com a umidade e falta de manutenção.

Sua diferenciação, para a fachada norte, são as três pequenas aberturas circulares que iluminam a sacristia no interior da Capela. Os elementos verticais permanecem com a mesma linguagem das demais fachadas, assim como as linhas de execução do concreto aparente das paredes.

A cruz externa da Capela, a partir desse ângulo, não é observada, obstruída pelas árvores do bosque. O que se vê, é a vegetação da outra lateral, de ipês amarelos, que durante o período deste estudo não possuía flores. Além disso, parte da biblioteca, segundo edifício mais alto do campus, fica parcialmente visível.

Nessa região, há a intenção de permanência de pessoas com a presença dos bancos, mas nos dias em que aconteceram as observações, a temperatura – que variaram de 5°C a 18°C – fazia com que as pessoas procurassem lugares protegidos e internos aos ambientes.



Figura 29. Fachada sul e seu entorno.

Fonte: elaborada pela autora.

No entorno da fachada oeste da Capela (Figura 30), se localiza um estacionamento. Apesar de facilitar o acesso à Capela, durante períodos de frio e chuva, o percurso realizado não chama a atenção do espectador para o edifício e suas qualidades estéticas, pois ao caminhar por ele, a passagem se dá pela parte posterior, de baixa altura e quando se chega ao acesso principal, não há distância suficiente para observar a imponência da Capela e sua relação com a praça.

É possível observar, a partir dessa visão, a dimensão da Capela em relação aos outros edifícios, pois essa fachada é a mais baixa, com menos de 4 metros de altura. Se vê também a cobertura inclinada, nesse caso, como uma solução inteligente, já que pode ser enxergada dos outros edifícios do campus.

Os elementos verticais, nessa fachada, acompanham os ângulos da fachada leste, mas tem menos altura e são menos espaçados. As aberturas, compostas pelos vitrais com mesmo desenho das outras faces foi uma boa solução para ocultar a entrada de serviço, localizada à esquerda da fachada. Uma pequena porta possibilita o acesso de funcionários e celebrantes sem precisar entrar pelo acesso principal.

Em todas as fachadas, a presença do cruzeiro é fundamental para o entendimento do edifício como um espaço sagrado.



Figura 30. Fachada oeste e seu entorno.

Fonte: elaborada pela autora.

Ainda falando sobre o edifício como conformação do espaço sagrado, além de interpretar as fachadas e seu entorno, também se percebeu que as sombras e iluminação afetavam a percepção da Capela. Assim, uma interpretação foi realizada a partir de diferentes horários em um mesmo ponto de registro fotográfico.

Logo cedo, entre 7h e 8h da manhã, a Capela ainda não era iluminada pela luz natural e a cor cinza predominava, emoldurando a fachada (Figura 31). A iluminação artificial também ainda não havia se desligado, possível de perceber próximo aos canteiros.

Dessa forma, sua cor acinzentada se relacionava com os demais materiais do espaço, como o piso da praça e até mesmo o acinzentado do céu. A vegetação que emoldura a Capela, de longe, era escura, assim como os vitrais da Capela.

Próximo ao meio dia, em dias de sol, a fachada leste era iluminada e as placas de concreto faziam sobra em parte dos vitrais (Figura 32). A cor da Capela e da cruz se destacam em relação ao verde da vegetação, agora mais claro.

Figura 31. Capela às 8h.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 32. Capela às 12h.



Fonte: elaborada pela autora.

No fim da tarde, às 17h, com o sol localizado à oeste, a Capela é iluminada na parte posterior, mas uma dinâmica curiosa acontece. O sol incide na fachada oeste do prédio administrativo e a luz refletida nas janelas de vidro incide na fachada da Capela e no cruzeiro (Figura 33).

A atmosfera destes instantes amplia o sentido do sagrado no lugar, através do efeito de luz e sombra. A penumbra na praça e na vegetação, destaca a verticalidade do conjunto.

Quando anoitece, a Capela mergulha em outra atmosfera, pois seu volume se confunde com a escuridão, e a iluminação artificial do exterior se destaca (Figura 34) (QR Code 3).

A vegetação, que emoldura o edifício se torna uma massa única e a luz no interior ilumina os vitrais de dentro para fora. Diferente do dia, as atividades que acontecem a noite podem ser vistas por quem passa pela praça. Em dias de maior movimentação, as luzes do piso superior da Capela também são acesas, aumentando sua visualização do exterior. Nos dias de observação, apenas a luz do térreo iluminou as atividades noturnas.

Figura 33. Capela às 17h.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 34. Capela às 19h.



Fonte: elaborada pela autora.



Antes de focar no interior da Capela, se notou, durante os dias em campo, que características imateriais, como a temperatura, implicavam na quantidade de pessoas que acessavam o espaço sagrado. Quando o dia era ensolarado (Figura 35), havia maior movimento de pessoas em frente à Capela e algumas delas, ao passar pelo espaço sagrado, faziam o sinal da cruz, como manifestação da crença católica. Outros que passavam pela praça caminhavam em direção à Capela e acessavam seu interior para uma breve oração (QR Code 4).

Figura 36. Movimentação de pessoas em frente à capela em dia de chuva.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 35. Movimentação de pessoas em frente a capela em dia de sol.



Fonte: elaborada pela autora.

Quando chovia, as pessoas passavam de forma apressada (Figura 36), segurando um guarda-chuva que dificultava a visão do entorno, seguindo direto para seu destino (QR Code 5). Poucas pessoas acessavam a Capela, pois precisavam enfretar a chuva, o vento e o frio nos dias em que o edifício foi observado.



3.4 CARACTERÍSTICAS SENSÍVEIS NO INTERIOR DA CAPELA

Após a observação, descrição e interpretação do edifício como um todo, cada ambiente interno do espaço foi também observado, descrito e interpretado por textos e imagens. A sequência da descrição acompanha o percurso que se faz a partir do acesso principal. O interior do edifício, como citou Pastro (2014), é configurado para o rito da missa.

O adro, ou hall (Figura 37), é o primeiro ambiente por onde se acessa a Capela permitindo a transição entre exterior e interior. Ele é composto pela porta principal, que se diferencia das demais pelo material e dimensão e por um grande espaço vazio, como um átrio, que possibilita o agrupamento de pessoas, além de avisos dispostos em um mural, projetados pelo arquiteto.

Figura 37. Adro ou hall da capela.



Fonte: elaborada pela autora.

A conformação do espaço, na entrada, tem um pé-direito baixo, que convida a se abrigar no interior do edifício. Nesse espaço, cadeiras são dispostas e quando se necessita de um espaço vazio, elas podem ser retiradas. Depois da chegada, o hall direciona o caminho para a nave, ampliando o ambiente com grande altura. Para o arquiteto¹³,

a entrada, de pé-direito mais baixo, foi uma “liçãozinha” do Oscar Niemeyer, da Catedral de Brasília, [...] você entra num túnel e de repente oh, tem uma surpresa. [...] como não cabia a capacidade [de pessoas] toda embaixo, eu tive que criar um outro piso em cima. E aproveitei para ter aquele hall mais baixo. (informação verbal).¹⁴

¹³ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

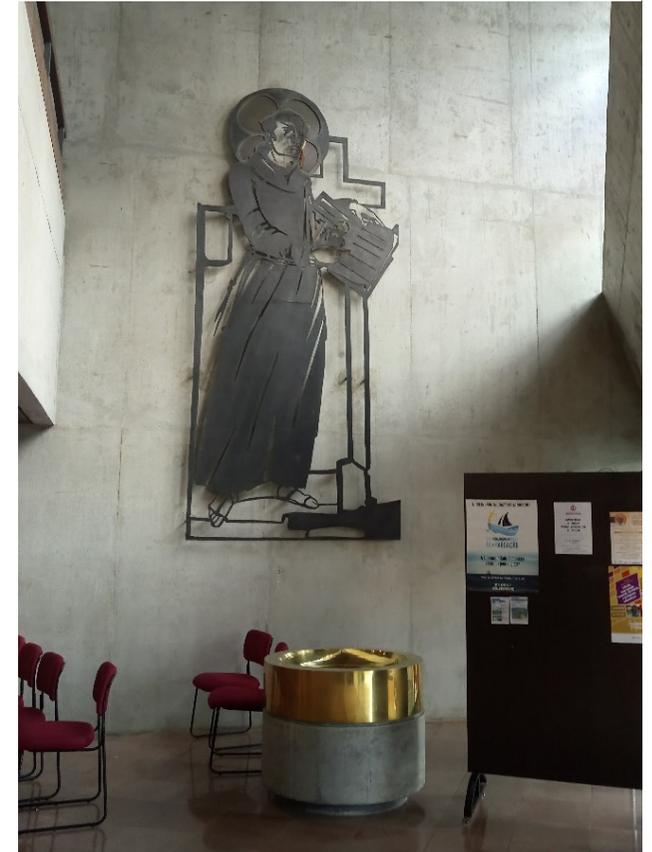
¹⁴ Id., 2019.

O adro abriga um importante símbolo católico, o batistério, que contém a pia batismal (Figura 38). A recomendação é que se situe no acesso ao espaço sagrado, significando o início à religião, ou pode permanecer junto ao presbitério, próximo ao altar (MORAES, 2009). Além da pia, pode haver espaço para os santos óleos e uma lamparina.

No caso da Capela, esses objetos ficam guardados na sacristia. Além deles, pode existir também um depósito para água benta, que não existe na Capela por precaução à dengue. A pia batismal foi produzida com o mesmo material que compõe os objetos sagrados do presbitério, mantendo a união entre os símbolos. Uma imagem de um dos padroeiros da PUC, Santo Antônio, criada pelo artista Fernando Calderari em chapa de aço, se situa na parede lateral da Capela, abençoando a pia batismal.

Um pequeno genuflexório se localiza também no adro junto com a imagem de Nossa Senhora do Rócio, outra padroeira da Universidade. Esse ambiente representa a Capela da mãe de deus (Figura 39). A dinâmica nesse espaço acontece com ações rápidas. As pessoas acessam o edifício, se ajoelham nesse espaço, fazem sua oração e logo se retiram.

Figura 38. Batistério, com pia batismal dourada.



Fonte: elaborada pela autora.



Fonte: elaborada pela autora.

Na entrada do edifício há a sensação de acolhimento e ao caminhar por ele, há a surpresa de se chegar à nave, espaço central do edifício, de altura mais alta (Figura 40), que se identifica como o espaço de acomodação do público, seja para participar dos ritos ou apenas contemplar a Capela.

O edifício é formado pela nave principal, maior e localizada de frente para o presbitério, com bancos de madeira coletivos, além da nave lateral, logo na entrada, após o adro, formada com cadeiras individuais, e pela nave superior,

localizada no mezanino, com cadeiras semelhantes às do térreo. Os ambientes da nave são iluminados pelos vitrais que se localizam na fachada de acesso do edifício. A luz é filtrada e as cores do desenho são destacadas, principalmente nos bancos abaixo do mezanino.

Junto aos bancos de madeira estão os genuflexores, que dão conforto para quem se ajoelha no momento da oração. No espaço das cadeiras, o genuflexório não está presente. Entre os bancos, corredores são dispostos, com maior largura no meio, que tem maior movimento de pessoas.

De acordo com Pastro (2014) e Moraes (2009), o interior do espaço sagrado católico é composto por dois ambientes principais, a nave e o presbitério, que simbolizam, respectivamente, a presença do ser humano e do divino. O presbitério de acordo com Pastro (2014), é o lugar onde se situam e se configuram os elementos mais sagrados da religião católica e a nave é o espaço reservado para a apropriação dos participantes (MORAES, 2009). A relação entre eles é fundamental para a realização do rito, que depende dos objetos sagrados e da participação das pessoas nas atividades.

Figura 40. Nave vista a partir do presbitério. No canto inferior esquerdo está o acesso pelo adro.



Fonte: elaborada pela autora.

Em frente à nave, o presbitério (Figura 41) arranja os principais símbolos de conexão com o transcendente de forma simétrica, envolvendo os objetos necessários ao rito. Na Capela, esse ambiente se eleva através de dois degraus e é considerado o lugar mais sagrado.

O presbitério é composto pelo altar, um dos símbolos sagrados mais importantes do lugar, que significa a presença da religião. Esse, deve ser visto por todos na Capela e deve ser usado pelo celebrante não como apoio, mas como parte do rito, assim como os objetos que ficam ali presentes durante a celebração.

O ambiente também é composto pela sédia, cadeira localizada atrás do altar, determinada à pessoa de maior autoridade no espaço, o padre no caso da Capela. Outro elemento que compõe o ambiente é o ambão, local de fala. A cruz processional, outro elemento, é a única representação da crucificação presente no presbitério. O tabernáculo, ou sacrário, guarda a hóstia e é completado pela lâmpada do santíssimo, que tem uma chama acesa e nunca se apaga. Na Capela, essa luz é representada por lâmpada em um pendente em forma de pássaro. Os castiçais emolduram o altar e o ambão, simbolizando o fogo, que é acendido apenas em horário de missa. Uma mesa lateral também se posiciona no presbitério, como forma de apoio aos objetos levados ao altar durante a celebração. Flores são dispostas nos lugares sagrados, simbolizando a natureza e a continuidade da vida. Se percebe que os materiais dos objetos sagrados se assemelham, criando conexão entre si.

Figura 41. Presbitério visto do mezanino.



Fonte: elaborada pela autora.

A Capela do santíssimo, é outro ambiente que compõe o espaço sagrado (Figura 42). Ela guarda as reservas eucarísticas, a hóstia, e é também um lugar de adoração e oração pessoal. Na Capela, esse lugar não é representado por um ambiente fechado, mas por um local reservado para esse símbolo no lugar mais importante do espaço, o presbitério.

A Capela do santíssimo, ou ambiente do santíssimo, deve conter um tabernáculo, para o depósito da hóstia, uma lâmpada do santíssimo, que representa a luz divina e eterna, e genuflexores, para a oração individual.

No local destinado, há o tabernáculo, apoiado em um pedestal de granito bruto – mesmo material do altar e ambão – em cor dourada, com desenhos feitos à mão lembrando a história do paraíso. Além dele, há a lâmpada do santíssimo, de mesmo material, representada por um pendente em forma de pássaro, iluminada através de uma lâmpada. A chama, ou fogo, como se sugere, não é utilizada por questões de segurança, já que esse lugar deve permanecer com a chama acesa ao longo do dia. Também não há a existência dos genuflexores no caso da Capela. As pessoas que se dirigem a esse local, se ajoelham no piso de granito, fazem sua oração rapidamente e as vezes depositam flores e se retiram. Apesar de ser um lugar de concentração rápida, a posição é desconfortável e quem ora ali pode ser visto pelo público sentado nos bancos da nave.

Figura 42. Capela do santíssimo (tabernáculo e lâmpada do santíssimo).



Fonte: elaborada pela autora.

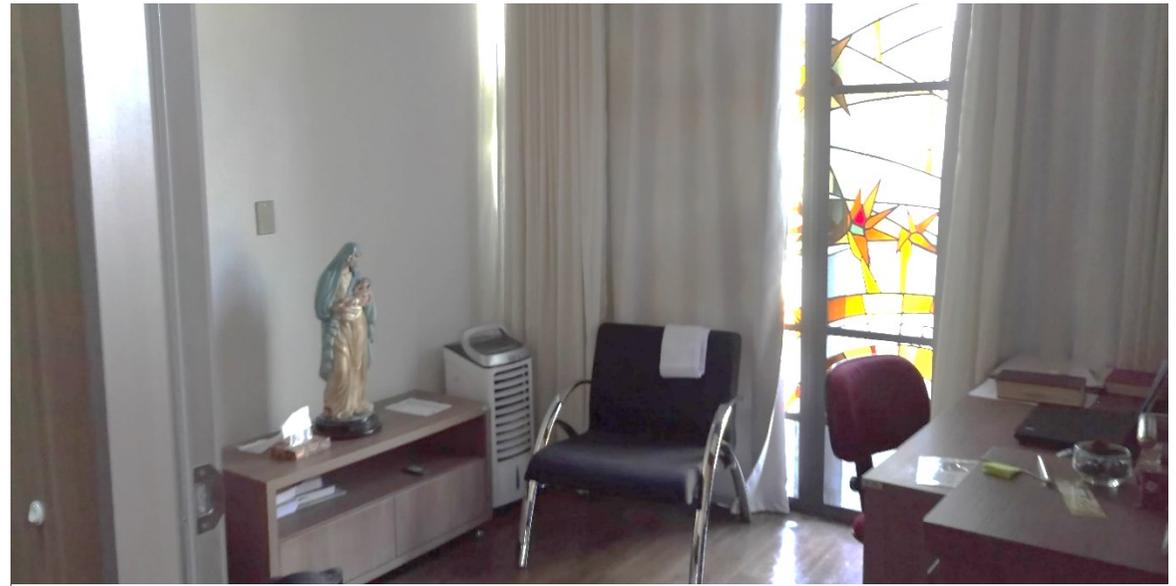
Outro ambiente que compõe o espaço sagrado é a Capela da reconciliação ou Capela do retorno (PASTRO, 2014). É o espaço para confissão e conversa (Figura 43). Na Capela, esse espaço não se situa na área principal, mas fica interna à secretaria, na sala destinada ao atendimento individual.

Figura 43. Secretaria da capela.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 44. Sala destinada ao atendimento individual.



Fonte: elaborada pela autora.

A secretaria (Figura 44), é definida por Pastro (2014) como um espaço prático e visível, que tem a função de atender as pessoas. A Capela possui a secretaria localizada atrás do painel do presbitério, em um espaço de apoio, junto às sacristias, banheiro, depósito e sala de atendimento individual.

É de fácil acesso, indicada por uma placa na parede. Sua localização auxilia nos serviços realizados na nave, como as atividades de limpeza e manutenção das plantas, que tem seus utensílios guardados nos armários da secretaria. Em alguns momentos, os ruídos gerados por conversas na secretaria reverberam no grande espaço da nave e presbitério, dificultando a concentração de quem está ali em silêncio.

A sacristia (Figura 45), é o local onde se guarda a maioria dos utensílios necessários para as celebrações. É dividida em sacristia principal e de apoio (PASTRO, 2014). Na Capela, fica localizada atrás do presbitério e tem um acesso direto a ele, por onde os celebrantes entram no horário da missa.

Na Capela, as duas sacristias são conjuntas, com armários, mesa de reuniões e uma pequena área de cozinha, que não é prevista no conceito original. Os objetos menos utilizados são armazenados em um armário do corredor, entre a sacristia e a secretaria.

Figura 46. Coro durante a missa.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 45. Sacristias e cozinha de apoio.



Fonte: elaborada pela autora.

O coro (Figura 46) para Pastro (2014), é um espaço para música, com instrumentos e cantores. Na Capela, o coro é improvisado e se situa no lado direito do presbitério, ocupando um pequeno espaço. A configuração e os instrumentos são montados para as missas do fim de semana. Nos dias de semana, não há coro durante as celebrações.

Além dos ambientes a Capela contém objetos e obras de arte, como figuras e pinturas que simbolizam a história da religião católica. Esse conjunto de arte é chamado de programa iconográfico (PASTRO, 2014). Em um edifício católico, o centro da obra é Cristo e seus mistérios. O programa pode empregar pinturas, mosaicos, vitrais, esculturas e elementos decorativos. A Capela possui alguns dos elementos acima citados, criados por artistas especialistas em cada área, para simbolizar e lembrar os padroeiros da Universidade e figuras religiosas. Essas representações foram também descritas no estudo, para entender de que forma as figuras se relacionam com o ambiente e ritos realizados no espaço sagrado.

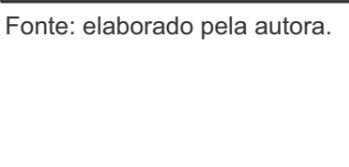
É importante citar que a Capela, no ano de 1999, passou por uma reforma, modificando alguns dos símbolos e mobiliários. Os bancos de madeira, antes preservavam a cor natural e com a reforma, para melhor conservação, foram envernizados. O presbitério, antes de forma oval, teve sua dimensão aumentada e a forma passou a ser mais linear, arredondada apenas em frente à nave.

Os objetos sagrados também foram substituídos. O altar, que possuía uma base cilíndrica, passou a ter uma base cúbica de granito bruto. O ambão, lugar de leitura, também era cilíndrico e passou a ter formas retilíneas após a reforma, com um ângulo maior para apoio de livros. Além disso, se localiza um degrau abaixo do altar. A sédia, cadeira do celebrante, antes da reforma se diferenciava dos demais assentos do presbitério pela cor e depois, se diferencia pela forma do encosto.

O painel localizado atrás do presbitério também recebeu modificações. Antes, apenas a figura principal da religião católica se situava na pintura, em tons terrosos mais próximos das cores dos materiais da Capela. Depois se adicionaram mais duas imagens ao mural, representando a proximidade com o lugar em que o edifício se situa, como a vegetação natural do estado e a representação do ensino no campus.

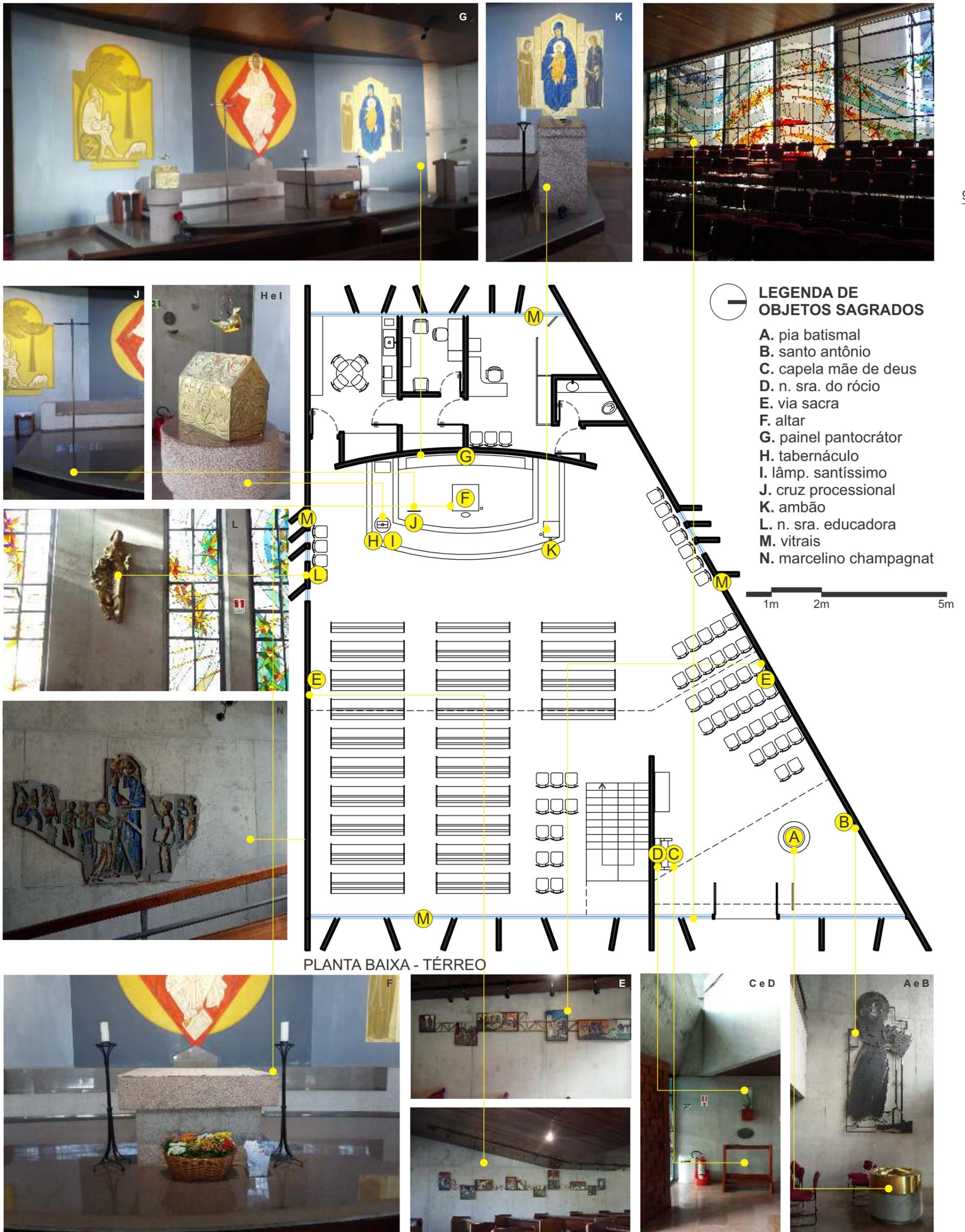
Assim como na descrição dos ambientes, para os objetos e programa iconográfico, se fez um quadro síntese (Quadro 2), para organizar e descrever as características de cada elemento. Além da descrição em forma de tabela, as obras foram localizadas nas plantas baixas do térreo e mezanino (Figura 47), entendendo seus posicionamentos em relação aos ambientes do edifício.

Quadro 2. Síntese dos objetos sagrados da capela.

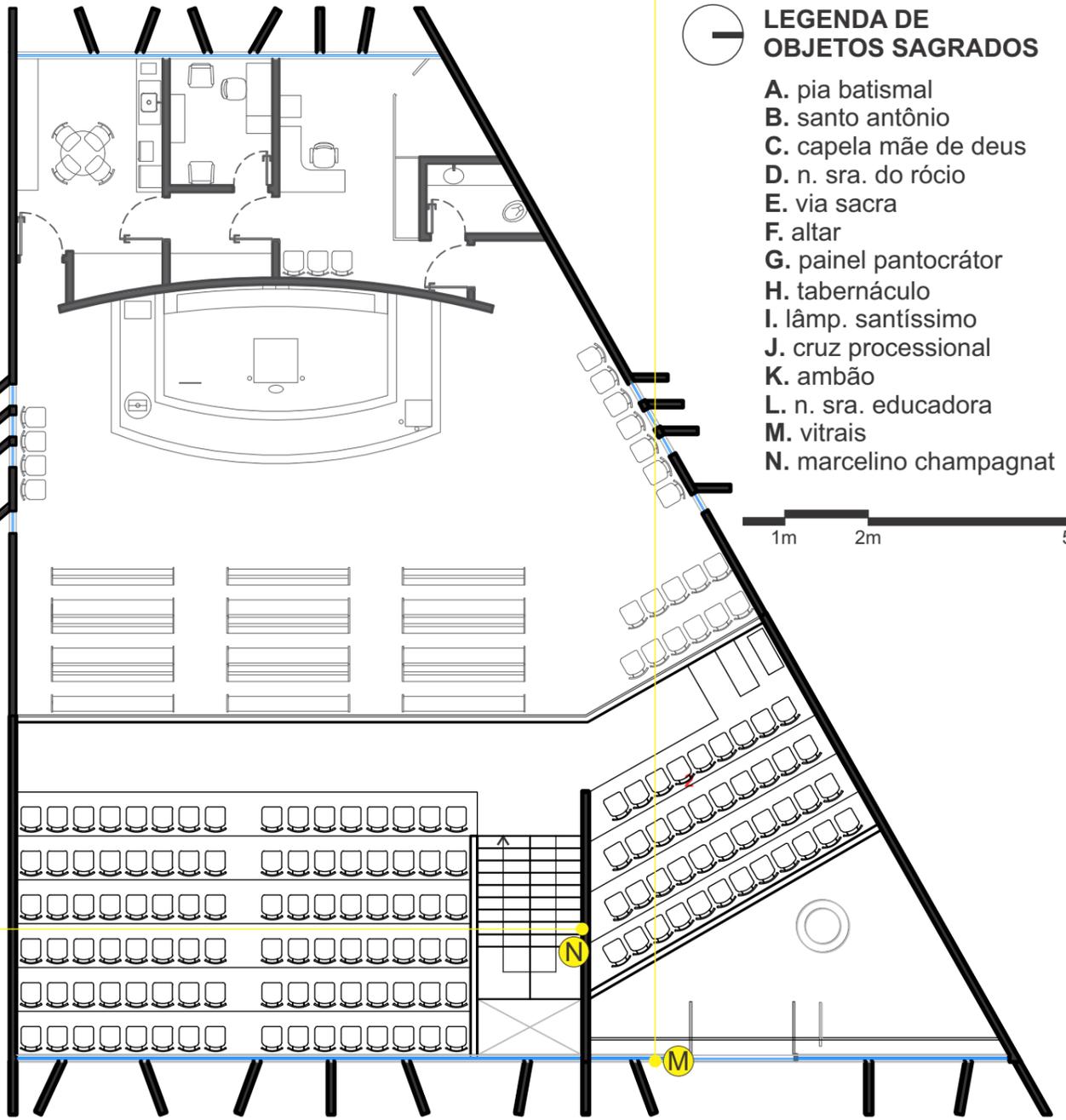
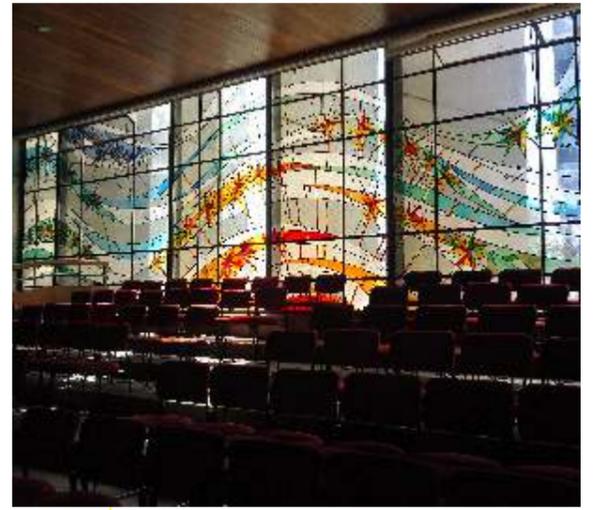
Imagem	Objeto	Descrição
	painel iconográfico	mural que representa, através de pinturas, figuras importantes na religião católica. Se localiza em um espaço visível por toda a nave, emoldurando o presbitério.
	altar	objeto mais importante da capela, pois representa a figura central da religião, quando apoia o pão e o vinho. Quando o celebrante não está presente, o altar simboliza o sagrado.
	ambão	lugar da palavra. O celebrante se dirige durante o rito do altar para esse objeto para realizar leituras. Além dele, espectadores participam de partes do rito nesse espaço.
	tabernáculo	objeto que guarda as hóstias fora do horário de celebração. Ele simboliza a proteção do corpo e da vida, representada pela cor dourada.
	lâmpada do santíssimo	ilumina o tabernáculo, representando a chama que não se apaga. Na capela, tem a forma de um pássaro, símbolo da paz e é acesa artificialmente.
	cruz processional	única representação de cruz no presbitério. Mais alta do que os outros objetos, é fixa e voltada para os participantes.
	séda	cadeira ou banco reservado para o celebrante do rito. Deve se diferenciar dos outros assentos pela forma, cor ou material. Na capela, ela se diferencia pelo encosto mais alto em formato de um triângulo.
	pia batismal	onde se faz o rito do batismo, derramando água ou óleo na cabeça da pessoa batizada. No caso de um bebê, pode se mergulhar todo o corpo.
	santo antônio	um dos santos padroeiros da PUC, se localiza na entrada da capela e representa a integração de religião e ciência, pois segura um livro.
	nossa sra. do rocio	é a santa padroeira do estado, pois teve sua imagem encontrada em uma das cidades do Paraná. Está localizada na entrada da capela, para orações breves.
	nossa sra. educadora	representa o papel mulher no ensino, apontando o presbitério para a criança ao seu lado, como símbolo sagrado.
	via sacra	descrição em pintura da história e passagens da crucificação e ressurreição. Se divide, na capela em quinze quadros, localizados nas paredes laterais da nave central e lateral.
	marcelino champagnat	é um dos padroeiros da PUC e representa o ensino e cuidado com as crianças, que mostram livros e prestam atenção na figura maior.
	vitrais	filtra a luz natural externa para o interior da capela, tornando a iluminação difusa e por meio de desenhos coloridos no vidro, conta histórias e passagens da religião católica. Na capela, representa as estrelas.

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 47. Objetos sagrados da capela.

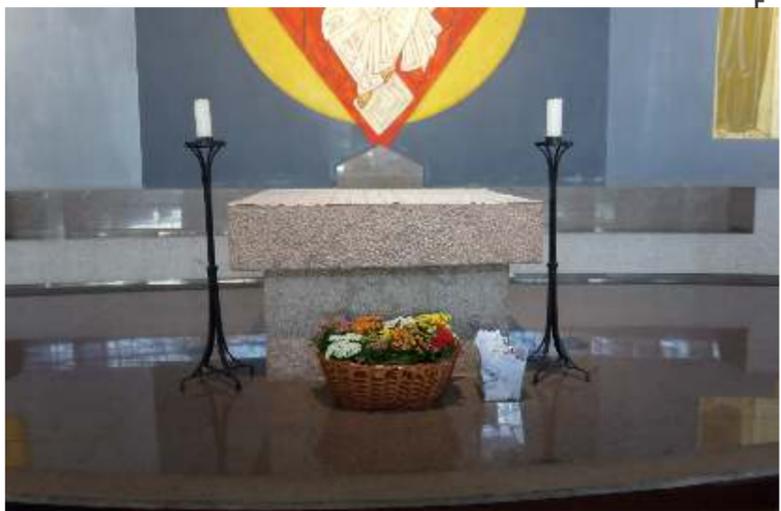


OBJETOS SAGRADOS



- LEGENDA DE OBJETOS SAGRADOS**
- A. pia batismal
 - B. santo antônio
 - C. capela mãe de deus
 - D. n. sra. do rócio
 - E. via sacra
 - F. altar
 - G. painel pantocrátor
 - H. tabernáculo
 - I. lâmp. santíssimo
 - J. cruz processional
 - K. ambão
 - L. n. sra. educadora
 - M. vitrais
 - N. marcelino champagnat

PLANTA BAIXA - MEZANINO



Fonte: Elaborada pela autora.

OBJETOS SAGRADOS

O primeiro item a ser descrito é o painel que se situa atrás do presbitério, pois é a maior pintura da Capela, interpretada como o foco e figura mais importante em relação ao programa iconográfico. Esse painel tem o título de “Cristo Mestre e Pantocrátor”, de autoria de Cláudio Pasto. A pintura conta a história do personagem, que simboliza o convite à reflexão, como o centro do edifício. A primeira versão da pintura existiu até 1999 (Figura 48) e depois foi reformada pelo

Figura 49. Painel indicando o Bom Pastor, Cristo e Nossa Senhora.

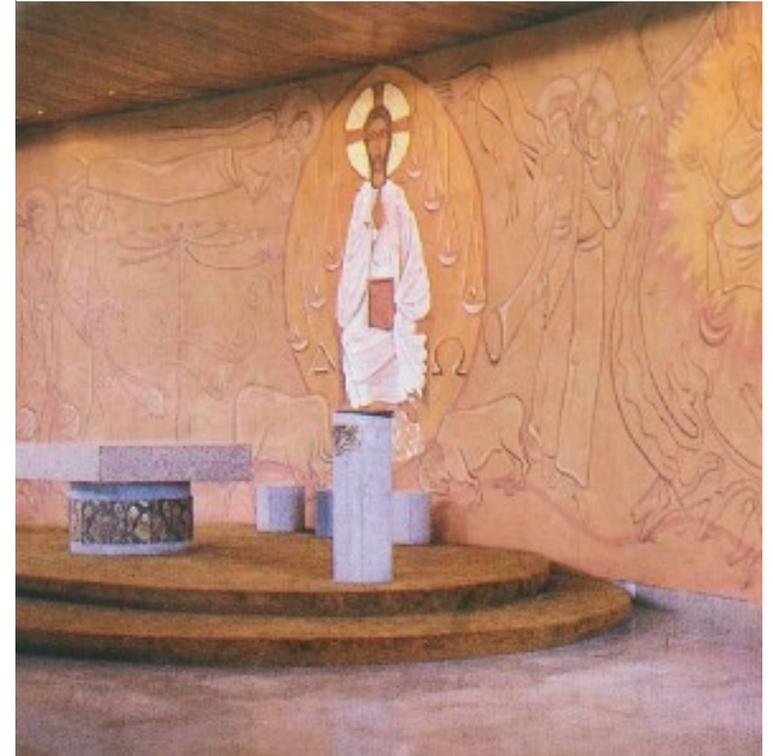


Fonte: SCHERNER et al (198-).

artista. O primeiro painel se dedicava apenas à figura de Cristo e tinha cores neutras e terrosas. Atualmente, além do painel central, que significa o caminho, a verdade e a vida, nas laterais da figura principal existem também as figuras

“O Bom Pastor”, que indica a vida e sabedoria para suas ovelhas e “Maria no Trono da Sabedoria” apontando o ensinamento de mãe para o filho sagrado. As pinturas do painel são de Pasto e depois da reforma, ganhou a adição das duas figuras laterais, que são de padroeiros da Universidade. Nas novas figuras, o fundo foi escurecido e as imagens ganharam maior foco no painel (Figura 49).

Figura 48. Painel até 1999 "Cristo Mestre e Pantocrátor".



Fonte: SCHERNER et al (198-).

Além do painel, outra obra de arte importante no ambiente são os quadros que formam a via sacra (Figura 50). Essa obra, formada por quinze estações, possui imagens que contam a história da crucificação e sofrimento em quatorze estágios. O décimo quinto quadro, representa a ressurreição. Os quadros de madeira, foram desenvolvidos por Euro Brandão, que na época da construção e inauguração da Capela em 1985, era reitor da Universidade. Os quadros têm tamanhos e formas diferentes mas se distribuem em dois conjuntos: o primeiro, que inicia a história, contém cinco estações, localizados à direita de quem entra na Capela. O segundo se localiza na outra lateral, do lado esquerdo, e é composto pelas dez estações restantes, continuando a história até chegar na ressurreição, com a imagem que se localiza mais próxima do altar.

Uma estrutura metálica, planejada pelo arquiteto¹⁵, conecta as estações, formando uma unidade. Quando os eventos da história são próximos, os quadros se aproximam nas treliças. Quando são importantes e impactantes, se localizam individualmente na estrutura. As cores da via sacra são neutras ao fundo e vivas quando se pede a atenção para algum evento, como a crucificação ou a ressurreição. O dourado da treliça metálica destaca a obra da parede cinza em concreto aparente da Capela.

Figura 50. Via sacra



Fonte: elaborada pela autora.

¹⁵ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

Outra obra é a Nossa Senhora Educadora (Figura 51), fixada na parede à direita de quem celebra. A escultura de bronze patinado representa a figura de uma mulher forte e segura na forma de quem educa a criança presente ao lado, indicando o elemento feminino na educação.

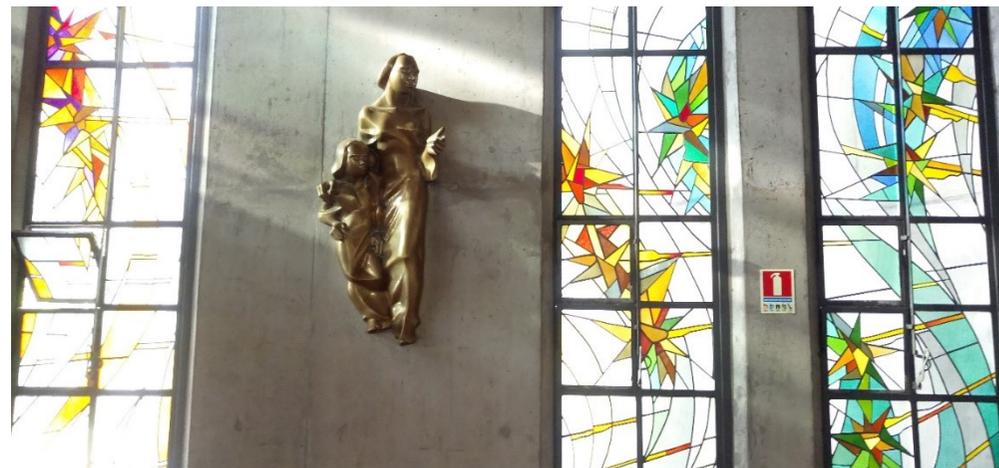
Também simboliza uma das padroeiras da Universidade, Nossa Senhora do Rócio. A escultura foi desenvolvida em 1984 por Lígia Beatriz Borba, artista plástica.

Figura 52. Painel de Marcelino Champagnat.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 51. Escultura de Nossa Senhora Educadora.



Fonte: elaborada pela autora.

Além dela, outro padroeiro da Universidade é representado. No mezanino, o painel de Marcelino Champagnat (Figura 52) mostra o educador, que está no centro, cercado de alunos. As dinâmicas que acontecem no painel sugerem oração, educação, visita aos doentes, divulgação de livros, alegria e satisfação pela religião (SCHERNER et al, 198-). Euro Brandão também participou dessa obra, criando o projeto do mosaico através de pintura. Lorenz Johannes Heimaier, pintor e vitralista, desenvolveu o mosaico de concreto e vidro em 1985 (FONTOURA, 2009).

Além da iconografia e obras de arte, outro elemento da Capela que faz parte de sua composição simbólica são os vitrais (Figura 53). Suas tonalidades formam mais de 450 cores, e o vidro, de 4 a 5 mm, se distribui pelas três faces que compõem a nave.

Figura 54. Reflexo dos vitrais a noite.



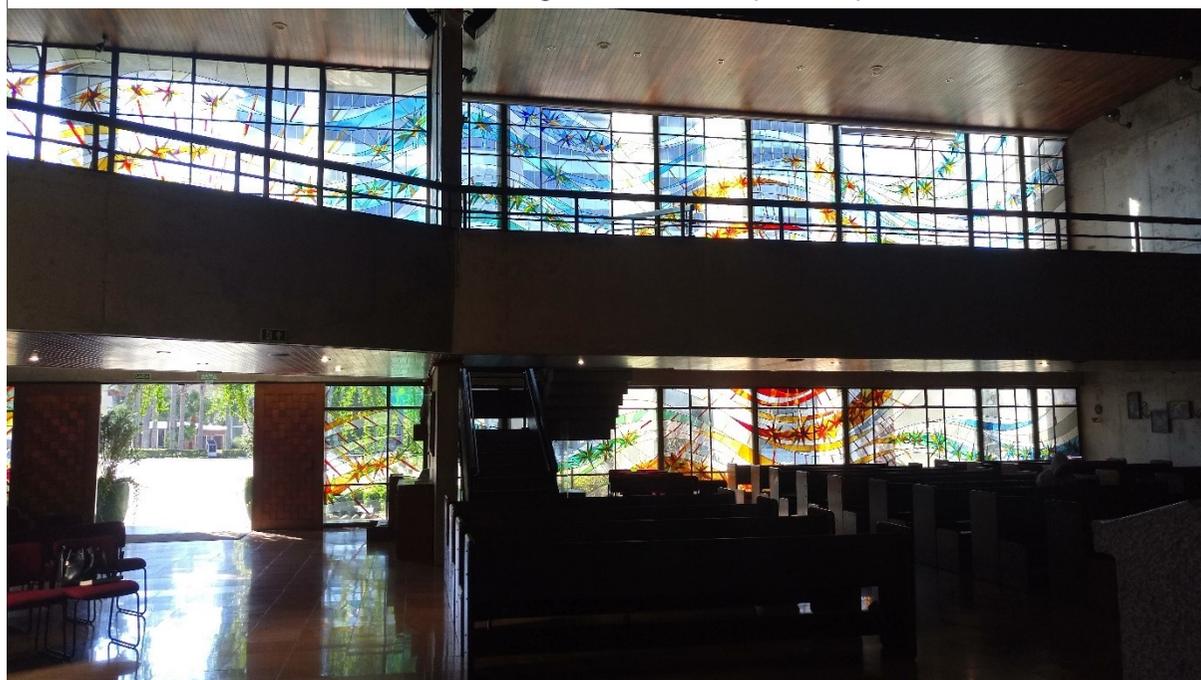
Fonte: elaborada pela autora.

Esses painéis foram desenvolvidos pela artista plástica Maria Inês Nogueira Asinelli. As linhas sinuosas,

em movimento leve e contínuo, manifestam os altos e baixos da caminhada do ser (SCHERNER et al, 198-) e contam a história da criação do mundo na visão da religião católica. A modulação das esquadrias em H foram planejadas pelo arquiteto. E os vitrais, formam as figuras em tons de amarelo, laranja, vermelho, azul, roxo, verde, cinza e marrom.

Ao anoitecer, o efeito dos vitrais é inverso. De dia, a luz do sol ilumina de fora para dentro. E à noite, a luz artificial ilumina de dentro para fora. Os vitrais são refletidos nos elementos de concreto (Figura 54), e o efeito das figuras é distorcido nas placas, mas as cores e as esquadrias se destacam nas paredes da Capela, como um quadro.

Figura 53. Vitrais que compõem a fachada de acesso.



Fonte: elaborada pela autora.

A partir da observação e descrição dos ambientes e elementos artísticos que compõem o espaço, foi possível interpretar parte da história da religião católica e seus ritos, que lembram as pessoas dos acontecimentos do passado. Esses ambientes e objetos permitem que as pessoas se desprendam do seu cotidiano e de seu ritmo acelerado para se encontrar por alguns momentos com o sagrado. Através do corpo como referência, as características materiais e imateriais causam sensações boas e ruins para o espectador. Se são confortáveis, os participantes permanecem no local, e se há incômodo, as pessoas se dirigem para outras atividades.

De forma material, a textura dos elementos foi a característica que representou o espaço diretamente, pois através do toque é possível perceber a superfície e temperatura. A madeira, material acolhedor, é utilizado nos mobiliários e no forro, tanto do mezanino como da nave. O toque nesse material, como nos mobiliários, por exemplo, não afasta a presença da pessoa, mas convida a se sentar nos bancos, que não são estofados como as cadeiras. Já o concreto aparente e granito, utilizados nos fechamentos laterais e no piso, respectivamente, transmitem a sensação de frio e de um lugar introspectivo.

Os materiais predominantes na Capela foram extraídos da natureza, representando a vida¹⁶, e mostram sua verdadeira aparência. O piso utilizado na nave e no presbitério são de diferentes padrões de granito, assim como na sédia, no altar, no ambão e no tabernáculo. A madeira, além do mobiliário, compõe o desenho da porta principal, dos armários de apoio na entrada, na secretaria e sacristias.

O concreto, apesar de não ser natural, foi utilizado em sua aparência original, sem revestimentos. Esse material foi a solução estrutural e de fechamento da edificação, de forma aparente e polida. Os materiais forjados em aço, nos objetos como a cruz, a pia batismal, a lâmpada do santíssimo e os vitrais são feitos com técnicas manufaturadas, considerando formas artesanais de produção.

As cores, outra característica, pode ser tanto material como imaterial. É material quando apenas sua nomenclatura é citada, como o verde da vegetação, ou o cinza do concreto. E é imaterial se os aspectos avaliados se conectam com a atmosfera, pois o tom de uma determinada parede não é sempre o mesmo. De acordo com o clima, com a luz e com a intensidade dela no material (HOLL, 2011), a cor se comporta de maneira diferente, mais clara ou mais escura.

¹⁶ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

As cores existentes nas imagens registradas no estudo foram extraídas por meio de uma conversão realizada em um *site* de paleta de cores, que encontra todas os tons presentes na imagem. As cores nos ambientes e objetos da Capela compõem as qualidades sensíveis do espaço sagrado e propiciam sensações ao ser humano. Essas características do interior da Capela fornecem estímulos que passam despercebidos ao indivíduo, colaborando para a atmosfera do lugar.

Por meio deste agrupamento de cores e texturas, se percebeu que os materiais do interior do edifício são planos e polidos, como o concreto das paredes, o piso de granito, o forro e bancos de madeira envernizados, o tecido das cadeiras uniforme, e o carpê do mezanino. A paleta de cores registrou tons puros e tons neutros. Relacionando os tons com os estímulos sensíveis, se interpretou o significado imaterial de cada tonalidade.

Tons terrosos, por exemplo, fazem menção à natureza, como o marrom e o verde. Tons de amarelo, laranja e vermelho, mais chamativos, se encontram nos vitrais, inspirados pela luz do sol. O azul, encontrando no painel do presbitério e nos vitrais remetem ao infinito ou ao distante (HELLER, 2013), como o céu, ou o contato com o divino. Ainda no painel, o verde e o amarelo se encontram onde há representação da natureza. Já o marrom, significa a cor do aconchego (HELLER, 2013). Esses tons se encontram tanto no mobiliário, como os bancos, quanto nos revestimentos de piso e teto, criando essa sensação.

As cores acinzentadas surgem do concreto das paredes e do fundo dos vitrais, e remetem à distância e frieza. As diferentes texturas e cores auxiliam na criação de atmosferas no ambiente do espaço sagrado. O uso de cores neutras e ao mesmo tempo simbólicas não foram percebidas de imediato, observando depois de alguns dias, com o olhar atento para as qualidades materiais e imateriais do lugar.

Em relação aos materiais dos objetos sagrados, se observa que os principais símbolos são reluzentes, refletindo luz em destaque aos demais. O tabernáculo, a lâmpada do santíssimo, a cruz processional e pia batismal, por exemplo, possuem material dourado, em bronze, representando o sol, e a luz (HELLER, 2013). Já o altar, que está no centro do edifício e é o principal contato do ser humano com o sagrado (MORAES, 2009), foi construído a partir de uma única pedra, e representa o material de forma bruta e natural, mostrando fielmente a formação de sua natureza, assim como o ambão, lugar da palavra e o apoio do tabernáculo.

Além das cores e das texturas, outras qualidades sensíveis podem ser observadas de forma imaterial, nos objetos simbólicos do espaço sagrado. Nesse sentido, seu significado é tão importante quanto a forma e cor do objeto, proporcionando o contato com a história e com o divino.

Essas descrições das qualidades sensíveis foram sintetizadas em um mapa (Figura 55), que mostra através das plantas baixas da capela a localização das cores, texturas, objetos e elementos materiais e as características imateriais – a luz e o silêncio – que foram consideradas como qualidades porque fazem parte do ambiente.

Figura 55. Qualidades sensíveis da capela.



Fonte: elaborada pela autora.

QUALIDADES SENSÍVEIS



Fonte: elaborada pela autora.

QUALIDADES SENSÍVEIS

3.5 AS PESSOAS E O RITO

Depois de observar a arquitetura e seus detalhes no exterior e interior da Capela, a observação sistemática teve como foco as atividades internas ao edifício, pois se relacionam com os ritos da religião católica que acontecem dentro do espaço sagrado. Isso foi constatado durante o estudo exploratório, pois os espaços de permanência no exterior e entorno da Capela não foram frequentados enquanto eram observados.

Os espaços de serviço da Capela, que se situam na parte posterior do edifício também não foram considerados, pois as atividades que ali acontecem são individuais e necessitam de privacidade. A observação sistemática se limitou à parte principal da Capela, que compreende o adro, as naves ocupadas pelos participantes e o presbitério, ambiente mais sagrado e mais importante do edifício, significando a conexão entre as pessoas e o sagrado, tanto no rito da missa, como em outros ritos que acontecem na capela, como o batismo, casamento e celebrações significativas para a Universidade.

Durante os sete dias de observação, que teve início no domingo e terminou no sábado, os horários foram intercalados. Em um dia, a observação aconteceu no período da manhã e no dia seguinte, no período da tarde. No início de cada um dos dias de observação, a data, horário, clima e ações observadas eram anotados, iniciando a aplicação do instrumento.

As anotações eram realizadas de hora em hora, aproximadamente. Duas dinâmicas principais foram observadas durante todos os dias: o horário em que havia missa e o horário em que não havia missa, para entender a relação das pessoas com o espaço sagrado durante as duas atividades.

A posição da observação se deu no mesmo local todos os dias, o último banco de madeira da nave central, onde havia a possibilidade de observar o ambiente principal da Capela. Quando uma pessoa acessava o edifício, seu deslocamento era acompanhado por outros sentidos além da visão, como a audição. A pessoa era observada até se estabelecer na dinâmica em questão, a celebração da missa ou apenas concentração em silêncio quando não havia missa. As atividades foram anotadas em textos e a posição das pessoas era marcada nas plantas baixas do edifício. As principais observações são descritas e interpretadas a seguir.

Nos fins de semana, aos sábados e aos domingos, a missa acontece uma vez ao dia. Sábados às 17h e aos domingos às 10h.

Durante esses dias, o movimento, na Universidade, é voltado para a praça e para a Capela, pois é o local de fluxo no fim de semana, já que nos demais prédios do campus não há grande quantidade de alunos. A praça se mostra mais vazia, assim como os estacionamentos de veículos.

Ao se aproximar do horário da missa, as pessoas começam a chegar, estacionando seus veículos em proximidade. A maioria dos participantes das celebrações no fim de semana

são vizinhos, moradores dos bairros próximos ou estudantes. Poucas pessoas frequentam a missa individualmente, a maior parte chega acompanhada de uma ou mais pessoas para o rito coletivo. A entrada e a espera introduzem o participante às atmosferas do lugar e da celebração, como forma de início ao ritual.

A celebração acontece (Figura 56) a partir do celebrante principal, o padre, acompanhado dos ministros, que são colaboradores e auxiliam a figura principal durante o rito, trazendo objetos e percorrendo a Capela. Além deles, houve há a presença do coro, que prepara os cantos durante a missa. A Capela, que possui capacidade para aproximadamente 500 pessoas no térreo e no mezanino, é parcialmente ocupada, com pessoas sentadas nos bancos da nave, em parte das cadeiras laterais e em parte do mezanino.

Figura 56. Participantes e celebrantes durante o rito da missa no domingo.



Fonte: elaborada pela autora.

O rito da missa, acontece em sequência, a partir do rito inicial até o final. Na Capela, o rito se inicia em um momento de silêncio (Figura 57), como forma de mudança de ritmo na atmosfera do espaço, distinguindo o momento profano que foi deixado no exterior da Capela com o momento sagrado, que começa com os ritos que contam passagens da religião católica. Após o distanciamento do momento profano, a celebração continua lembrando sua história através de leituras, e os símbolos utilizados, como o altar e o ambão, são o foco principal do ministrante.

Depois os ritos iniciais, o padre apresenta o pão e o vinho, símbolos sagrados, descrevendo a história e seus significados. Essa parte do rito é o momento mais importante de conexão entre o ser humano e o sagrado na religião católica. Após reflexão, acontece a comunhão, ao receber o símbolo sagrado, onde o participante se levanta e caminha até o presbitério, e depois retorna à reflexão, em momento de silêncio (Figura 58).

Figura 57. Início do rito da missa na capela.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 58. Rito de comunhão.



Fonte: elaborada pela autora.

Por fim, a celebração se encerra com avisos e oração final, como bênção, que prepara o indivíduo para a volta ao espaço profano segundo a religião católica. O celebrante se retira e os colaboradores ou ministros guardam os objetos sagrados do rito de volta na sacristia, enquanto os participantes se dirigem da nave para a saída da Capela (Figura 59). Depois, quando o rito se dá por finalizado, o celebrante se despede da comunidade na porta da Capela, dando atenção individual a todos que ali passam, assim como no início, quando recebe as pessoas. Os participantes se despedem e caminham para os carros, ou para a saída de pedestres, se dirigindo para outros destinos além da Universidade, que se esvazia novamente.

Durante o rito da missa, a participação das pessoas, que se sentam, se levantam ou se ajoelham, acontece a partir de instruções do celebrante, que condiciona os momentos da missa. Os sentidos, corpo e mente, se fazem presentes no rito católico, pois os gestos corporais também são símbolos (ARAÚJO, 2007).

As mãos, por exemplo, quando se erguem simbolizam louvor ou súplica ao divino. Quando se estendem, abertas (Figura 60), estão em oferta e quando se juntam, significam recolhimento. Para o autor, os sinais também fazem parte do rito, como traçar o sinal da cruz, que significa o transcendente e o ser humano.

Figura 60. Finalização do rito da missa na capela.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 59. Mãos estendidas em oferencimento à crença.



Fonte: elaborada pela autora.

Quando os participantes estão sentados (Figura 61), ficam em posição confortável que favorece a escuta e atenção ao ministrante. A maior parte do rito da missa é condicionada com as pessoas nessa posição, com o celebrante de pé falando sobre as passagens da religião



Fonte: elaborada pela autora.

católica. Na Capela, as pessoas sentadas ficam de frente para o presbitério, que tem um nível de piso mais alto e portanto garante grandiosidade para a pessoa que fala de pé.



Figura 62. Participantes em descanso durante a fala do celebrante.

Fonte: elaborada pela autora.

Na nave superior, no mezanino, as pessoas enxergam os celebrantes de outro ângulo de visão. A arquitetura da capela propicia a visão do celebrante a partir das três naves, mas na parte superior, as cadeiras mais afastadas do presbitério não permitem a visão total do térreo, assim como as cadeiras posicionadas na nave lateral, que impedem a visão da lateral esquerda da Capela.

Quando as pessoas ficam de pé (Figura 62), demonstram respeito e indicam disposição a participar do rito. Na Capela, essa configuração é mais eficaz no mezanino, pois a nave é composta por degraus que elevam a posição das cadeiras. Na nave central e lateral, há a dificuldade de visão de algumas pessoas, que sofrem o bloqueio do espaço pelas fileiras mais a frente.

Quando as pessoas estão de joelhos (Figura 63), declaram homenagem e credo ao sagrado, juntando as mãos para demonstrar confiança (TOMÉ, 2007).

Nas naves do térreo, os bancos possuem genuflexórios, que são bancos baixos, almofadados, para auxiliar a posição dos joelhos. No mezanino, as pessoas ajoelham em frente a cadeira, no piso, improvisando. Os participantes que ocupam a primeira fileira precisam se ajoelhar no corredor, dificultando a passagem das pessoas.

O apoio das mãos, juntas, na área dos bancos de madeira se dá na parte posterior do mobiliário. Nas naves que possuem cadeiras, esse apoio acontece no encosto das cadeiras da fileira da frente, de forma improvisada.

Além dos sentidos relacionados ao contato direto com o ambiente e objetos, como o tato, que através dos gestos está presente nos ritos sagrados e toque dos objetos simbólicos, a visão e audição também são estimuladas. Durante o rito, é importante que o indivíduo veja e contemple os movimentos que se realizam no altar (ARAÚJO, 2007), assim como é importante que perceba os ruídos do ambiente, completando as atividades ali realizadas. O olfato se torna presente ao sentir o cheiro dos incensos e flores e o paladar ao sentir o gosto da hóstia.

Figura 63. Pessoas ajoelhadas durante a missa.



Fonte: elaborada pela autora.

As dinâmicas, nos dias de semana, acontecem de maneira diferente. A Universidade, logo cedo, às 7h inicia suas atividades e as aulas dos diferentes cursos começam a partir das 7h30. Por isso, esse horário é um período de movimento e grande fluxo de pessoas chegando e se distribuindo pelos blocos do campus através da praça central. A missa também acontece nesse momento, das 7h20 às 8h, aproximadamente, e é mais rápida.

O celebrante, que começa o rito a partir do presbitério e não da entrada, como nos fins de semana, cumpre o rito sozinho, sem o auxílio dos colaboradores, e se volta para os participantes nos bancos de madeira. Durante os dias da semana, a missa é assistida por um número de pessoas menor, de cerca de vinte a cinquenta pessoas. Esse público é formado por alunos e professores, geralmente sozinhos, e logo após a celebração se dirigem para suas atividades na Universidade.

O rito da missa acontece de forma breve, com foco nas orações do rito, como seu início, comunhão e fim. As histórias e contos de passagem, durante a semana, são resumidas. Depois de finalizar o rito, o padre, ao invés de se dirigir para a porta, se dirige diretamente para a secretaria, que fica na parte posterior da Capela. Ele também dá início a outras atividades, como participação na pastoral da Universidade e atendimento individual de pessoas.

O interior da Capela depois do rito da missa, permanece em silêncio, pois não há som ambiente ou outra interferência. As pessoas que a acessam, geralmente estão sozinhas e em silêncio, se conectando com o sagrado a partir da concentração. Se sentam em um dos bancos e olham para os objetos sagrados, permanecendo em posição de oração, com as mãos unidas, e às vezes ajoelhados (Figura 64).

Figura 64. Interior da capela em horário que não há missa, durante a semana.



Fonte: elaborada pela autora.



Essa dinâmica se repete no período da manhã e da tarde e só se transforma quando o horário da missa seguinte se aproxima, das 18h30 às 19h (QR Code 6). Novamente, um maior público acessa a Capela e se dirige aos bancos, esperando o celebrante iniciar o rito, dessa vez acompanhado de dois colaboradores, mas sem a presença do coro (Figura 65). A missa acontece de forma rápida, assim como na celebração da manhã. Depois que a missa finaliza, as pessoas vão embora e a Capela se esvazia novamente.

Durante a observação no interior da Capela, quando não havia missa, se percebeu que

algumas pessoas entram apenas no adro, o hall da entrada do espaço sagrado, um espaço de transição. Ali faziam sua oração de forma rápida, olhando para o painel e presbitério e depois continuam seu caminho na Universidade. Mesmo assim, durante a transição entre o espaço exterior e interior se percebe no indivíduo a mudança de ritmo e expressões corporais. Ao entrar na Capela, a velocidade do caminhar diminui, para se propor a meditar, mesmo que por pouco tempo. A pessoa percorre o espaço mais devagar e a respiração se modifica, ficando mais calma. Durante poucos minutos, a expressão corporal se altera para movimentos de contemplação, em estado de concentração. Gehl (2010) explica que o ser humano percorre o espaço em uma velocidade média de 4 a 5km/h, diminuindo ao se atentar a algo. A movimentação nessa velocidade possibilita a percepção das edificações e do espaço como um todo. Mas é a combinação de

Figura 65. Participantes durante a missa em dia de semana.



Fonte: elaborada pela autora.

detalhes e de atividades que contribui para uma experiência sensorial rica e intensa. O desenho da Capela, neste ponto, modifica o ritmo e as sensações percebidas pelas pessoas que a acessam.

Durante os dias da semana, se observou que apesar do pouco tempo de permanência dos indivíduos na Capela, esse acesso possibilita, através das atmosferas do espaço sagrado, um tempo de reflexão e renovação no cotidiano das pessoas, permitindo uma pausa no fluxo cotidiano de atividades intensas do universitário em um ambiente tranquilo que auxilia a continuidade das dinâmicas no campus.

Geralmente, em horário em que não há celebração, o percurso das pessoas ao acessar a Capela dura menos de um minuto, até se acomodar nos bancos ou orar na tabernáculo do presbitério (Figura 66). A maior parte das pessoas

acessa a Capela e se direciona aos bancos da nave (QR Code 7). As pessoas que demonstravam sua fé com maior emoção, acessam a Capela e se direcionam diretamente à Capela do santíssimo, no tabernáculo, onde se ajoelham e fazem uma breve oração. Aqueles que se direcionam à secretaria, localizada na parte posterior do presbitério, geralmente andam com maior velocidade, direcionados a chegar ao local.

As pessoas que se acomodam nos bancos de madeira da nave, geralmente permanecem em contemplação e oração durante aproximadamente cinco minutos. Quem se ajoelha, permanece menos tempo na posição, cerca de um a dois minutos refletindo (QR Code 8). Ainda, quem acessa a Capela sozinho permanece mais tempo refletindo e olhando para o painel, do que as pessoas que acessam o lugar acompanhadas.

Figura 66. Pessoas em oração nos bancos e mais a frente, no tabernáculo.



Fonte: elaborada pela autora.

Nos dias da semana, que eram frios – variando de 5°C a 18°C – se observou também que os indivíduos procuram as áreas de menor altura para se sentar. Nesse espaço, a atmosfera da Capela é contemplativa, criando um ambiente de interiorização e reflexão, através do silêncio, do pé-direito baixo, da luz indireta, das cores neutras. As ações das pessoas em relação ao ambiente se repetem ao longo dos horários do dia e da semana. Quando não há celebração, a movimentação da Capela se resume a orações nos bancos da nave e ao atendimento na secretaria.

Porém um dia da semana se diferenciou dos demais, a quinta-feira. Durante esse dia, além do padrão de horários de missa, às 7h20 e às 18h30, há a celebração do santíssimo, às 12h (Figura 67). Esse rito acontece com apenas um objeto simbólico presente no altar, a cruz do santíssimo.

Assim, o rito e a movimentação das pessoas e celebrante na Capela se dá em torno da cruz, que contém a hóstia, ou “o corpo de Cristo” em seu interior. O padre, maior autoridade durante a celebração, não se dirige aos fiéis durante a missa, mas à cruz, de joelhos, fora do presbitério. No início da missa, depois de uma breve oração, o padre se retira e apenas a cruz permanece no altar. A maioria dos participantes que acessa a Capela naquele horário, foca sua oração olhando para esse símbolo. Após cinquenta minutos, o padre volta ao altar e finaliza o rito, retirando o hóstia da cruz e tombando o objeto, como símbolo da morte de Cristo.

Figura 67. Rito da missa do santíssimo.



Fonte: elaborada pela autora.

Araújo (2007) entende que o ser humano depende de imagens e símbolos para compreender o espaço, pois há uma linguagem própria nos objetos que o situam no espaço sagrado, e assim, por meio da liturgia, que é celebrada pelo rito, o encontro do transcendente com a pessoa é representado através dos objetos simbólicos que formam o rito (TOMÉ, 2007). A tradução do rito realizada pelos objetos confirma o que acreditava Otto (1985), quando o ser busca a conexão com o divino através do que é invisível, ou através do silêncio e introspecção por meio da atmosfera do ambiente.

A relação entre a arquitetura e o rito, não acontece apenas pelos objetos, atividades e pessoas, pois os objetos apenas mediam os significados da história que o rito contempla. Através de suas cores, texturas, formas e configurações, e da luz, temperatura, sons, ritmo, proporções e escala que os ambientes propiciam, acontece a compreensão do lugar e se percebeu que a relação entre os responsáveis pelo projeto foi fundamental para seu resultado como espaço sagrado.

A busca da conexão do indivíduo com o transcendente decorre do silêncio, uma das qualidades sensíveis intangíveis no espaço observado, que é percebida pelo corpo como referência. É através dele que se percebem os ecos do ambiente, aguçando o sentido da audição. O silêncio no ambiente pôde auxiliar a percepção de sons inaudíveis em outros espaços, com maior ruído, como a respiração e a movimentação do ser humano. Além dos aspectos físicos, o silêncio possibilita a meditação e concentração do indivíduo para introspecção e interiorização, de forma a se conectar com o sagrado.

É importante valorizar o silêncio nessas ocasiões e em lugares sagrados, pois é a condição que aquele momento solicita, propiciando a manifestação dos sentimentos humanos em relação ao ambiente (SALES, 2007). Deste modo, se confirma que a vivência da arquitetura está relacionada com os estímulos sensoriais humanos e por meio deles é possível interagir com o ambiente, através dos objetos, seus posicionamentos e significados, por onde o sagrado se manifesta. Assim, a relação entre arquitetura e rito revelam as atmosferas do lugar através dos fenômenos que acontecem entre as pessoas e os objetos.

Para representar essa manifestação, além da descrição da relação das pessoas com o rito e com o ambiente, a marcação do posicionamento das pessoas foi realizado, mapeamento o comportamento (GEHL; SVARRE, 2018). Ao longo dos sete dias, durante as

observações, a posição das pessoas foi marcada em plantas baixas, que considerou o pavimento térreo e o mezanino para avaliação do mapeamento comportamental centrado no lugar (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008).

As duas dinâmicas observadas, o horário de missa e o horário em que não há missa, foram pontuadas em mapas diferentes, de modo a verificar com sobreposições as semelhanças e diferenças do posicionamento das pessoas no interior da Capela. A planta baixa da Capela foi utilizada como base, como forma de manter relação com os objetos e suas posições no espaço. Nesse instrumento, apenas o interior da Capela foi observado, seguindo as mesmas considerações da observação sistemática explicada no item acima. A partir da planta baixa geral, foi elaborado uma legenda para demarcar os objetos e suas posições em cada ambiente da Capela.

Quinze mapas foram elaborados ao total, um demarcou os objetos sagrados na Capela, e os outros catorze marcaram a posição das pessoas em relação ao ambiente e aos objetos. Sete mapas durante o horário de missa e sete mapas em horário de contemplação, observando cada atividade. Os bancos e cadeiras eram considerados em unidade e assim, a partir do momento em que uma pessoa permanecia sentada, se demarcava a posição em relação à Capela. O percurso que as pessoas fizeram também foi demarcado, nas duas dinâmicas, assim como o percurso do celebrante e colaboradores em horário de missa.

Inicialmente, todos os mapas foram sobrepostos, acima do mapa de objetos. Mas o rito da missa, nos fins de semana, contava com a presença de mais pessoas, desconsiderando as pessoas que frequentam o espaço durante a semana em horário de missa, assim como as pessoas que apenas contemplam o espaço sagrado ao longo do dia. Se decidiu então separar as dinâmicas e sobrepor no mapa de objetos todos os dias em ritos de missa, e todos os dias observados em horário que não havia missa.

Dois mapas foram elaborados, o primeiro demarcando a posição das pessoas durante o rito da missa (Figura 68). E o segundo demarcando a posição das pessoas durante os horários de contemplação (Figura 69). Em ambos os mapas, os bancos em branco representam os assentos vazios e em cinza, os assentos que foram ocupados. Quanto mais escuro o tom de cinza, mais utilizado foi o assento.

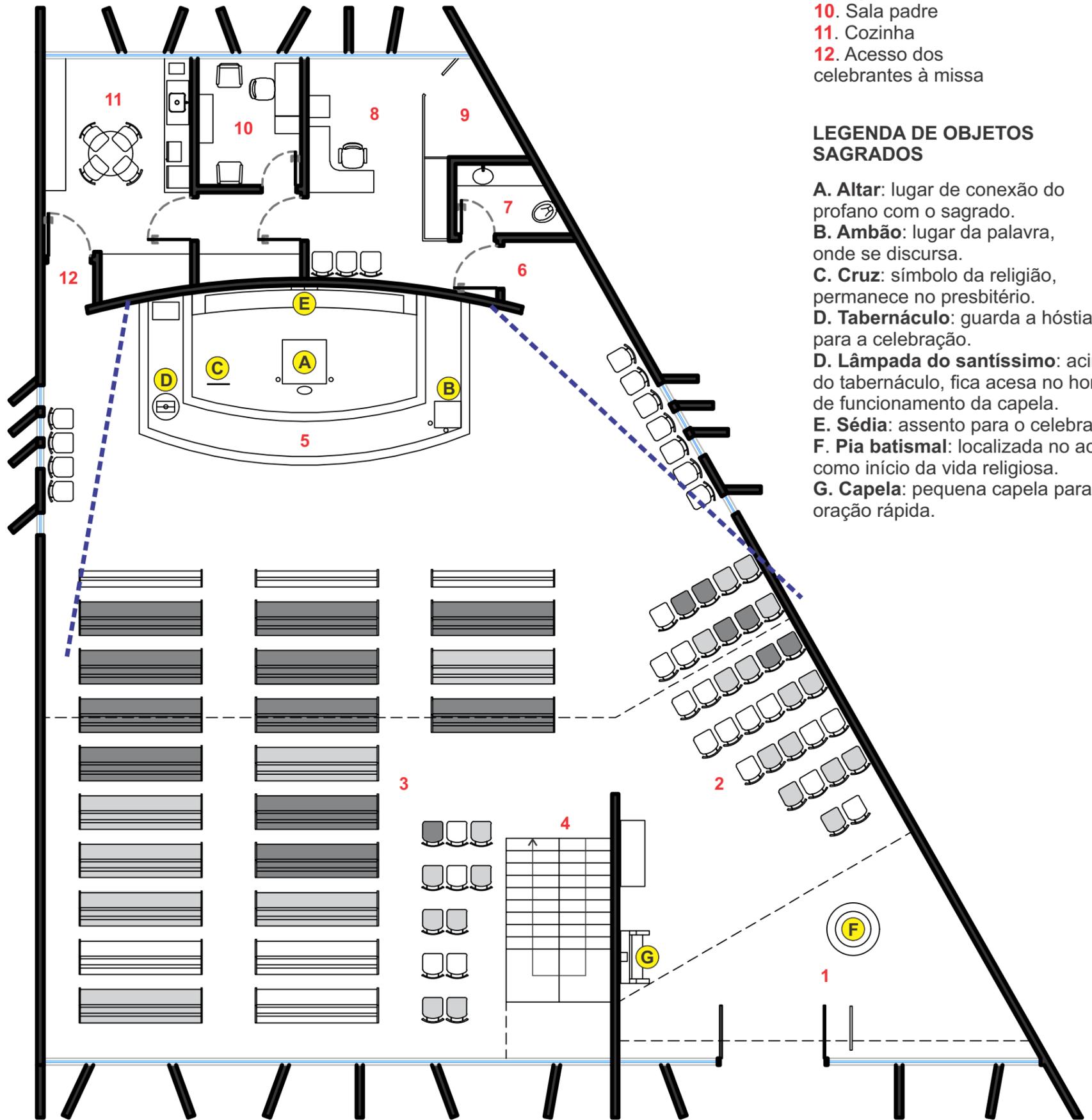
Figura 68. Mapeamento comportamental centrado no lugar em horário de missa.

LEGENDA DE AMBIENTES

- 1. Hall do acesso
- 2. Nave lateral
- 3. Nave central
- 4. Acesso mezanino
- 5. Presbitério
- 6. Acesso secretaria
- 7. Bwc serviço
- 8. Secretaria
- 9. Depósito
- 10. Sala padre
- 11. Cozinha
- 12. Acesso dos celebrantes à missa

LEGENDA DE OBJETOS SAGRADOS

- A. Altar: lugar de conexão do profano com o sagrado.
- B. Ambão: lugar da palavra, onde se discursa.
- C. Cruz: símbolo da religião, permanece no presbitério.
- D. Tabernáculo: guarda a hóstia para a celebração.
- D. Lâmpada do santíssimo: acima do tabernáculo, fica acesa no horário de funcionamento da capela.
- E. Sédia: assento para o celebrante.
- F. Pia batismal: localizada no acesso como início da vida religiosa.
- G. Capela: pequena capela para oração rápida.



PLANTA BAIXA - TÉRREO

LEGENDA DE PERMANÊNCIA NO AMBIENTE

- assento não utilizado
- ▒ assento pouco utilizado
- assento utilizado com mais frequência
- ângulo de visão para os objetos



Fonte: elaborado pela autora.

**MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR
DURANTE HORÁRIO DE MISSA**

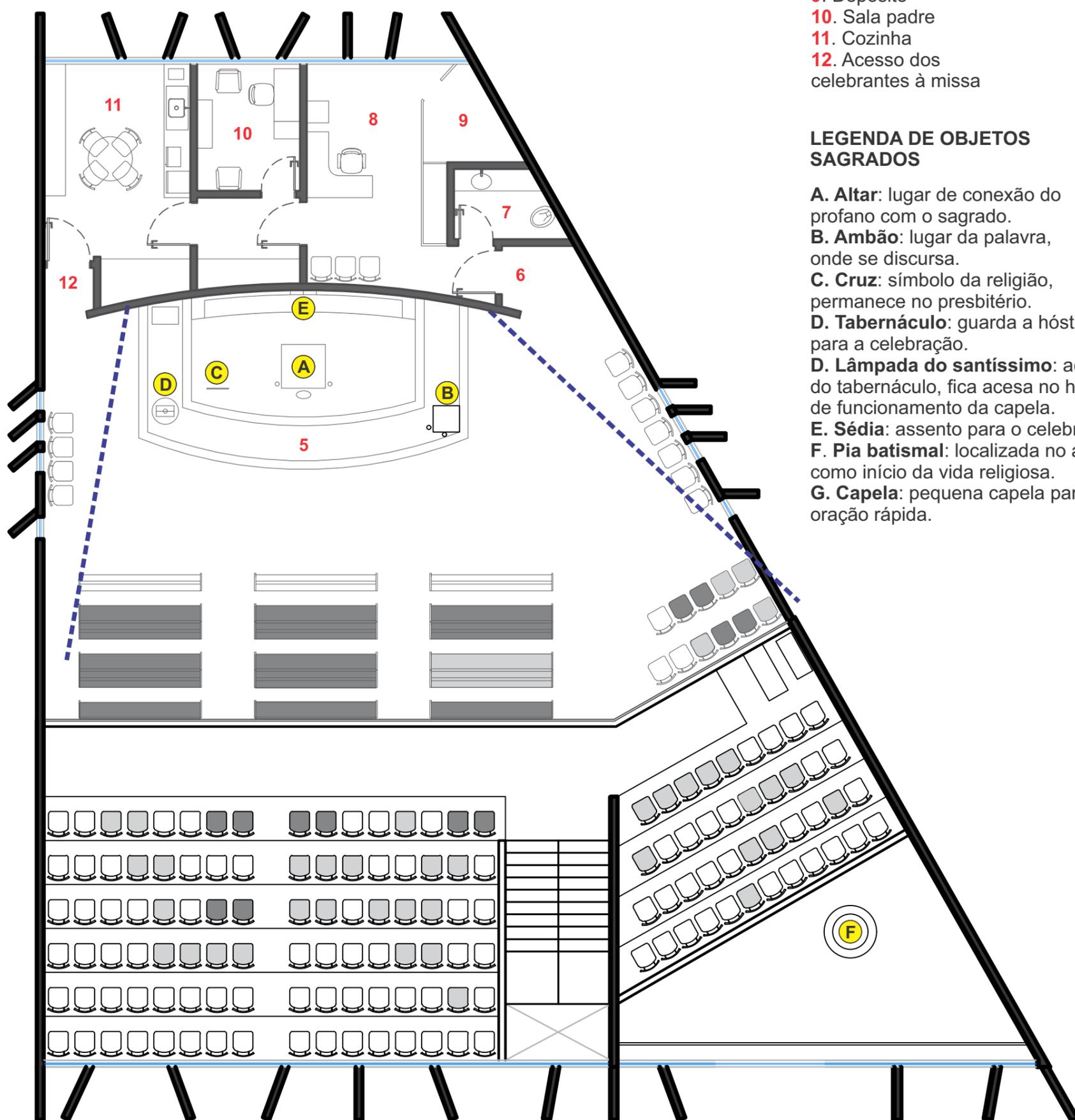
LEGENDA DE AMBIENTES



1. Hall do acesso
2. Nave lateral
3. Nave central
4. Acesso mezanino
5. Presbitério
6. Acesso secretaria
7. Bwc serviço
8. Secretaria
9. Depósito
10. Sala padre
11. Cozinha
12. Acesso dos celebrantes à missa

LEGENDA DE OBJETOS SAGRADOS

- A. Altar:** lugar de conexão do profano com o sagrado.
B. Ambão: lugar da palavra, onde se discursa.
C. Cruz: símbolo da religião, permanece no presbitério.
D. Tabernáculo: guarda a hóstia para a celebração.
D. Lâmpada do santíssimo: acima do tabernáculo, fica acesa no horário de funcionamento da capela.
E. Sédia: assento para o celebrante.
F. Pia batismal: localizada no acesso como início da vida religiosa.
G. Capela: pequena capela para oração rápida.



PLANTA BAIXA - MEZANINO

LEGENDA DE PERMANÊNCIA NO AMBIENTE

- assento não utilizado
- assento pouco utilizado
- assento utilizado com mais frequência
- ângulo de visão para os objetos

Fonte: elaborado pela autora.



MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR DURANTE HORÁRIO DE MISSA

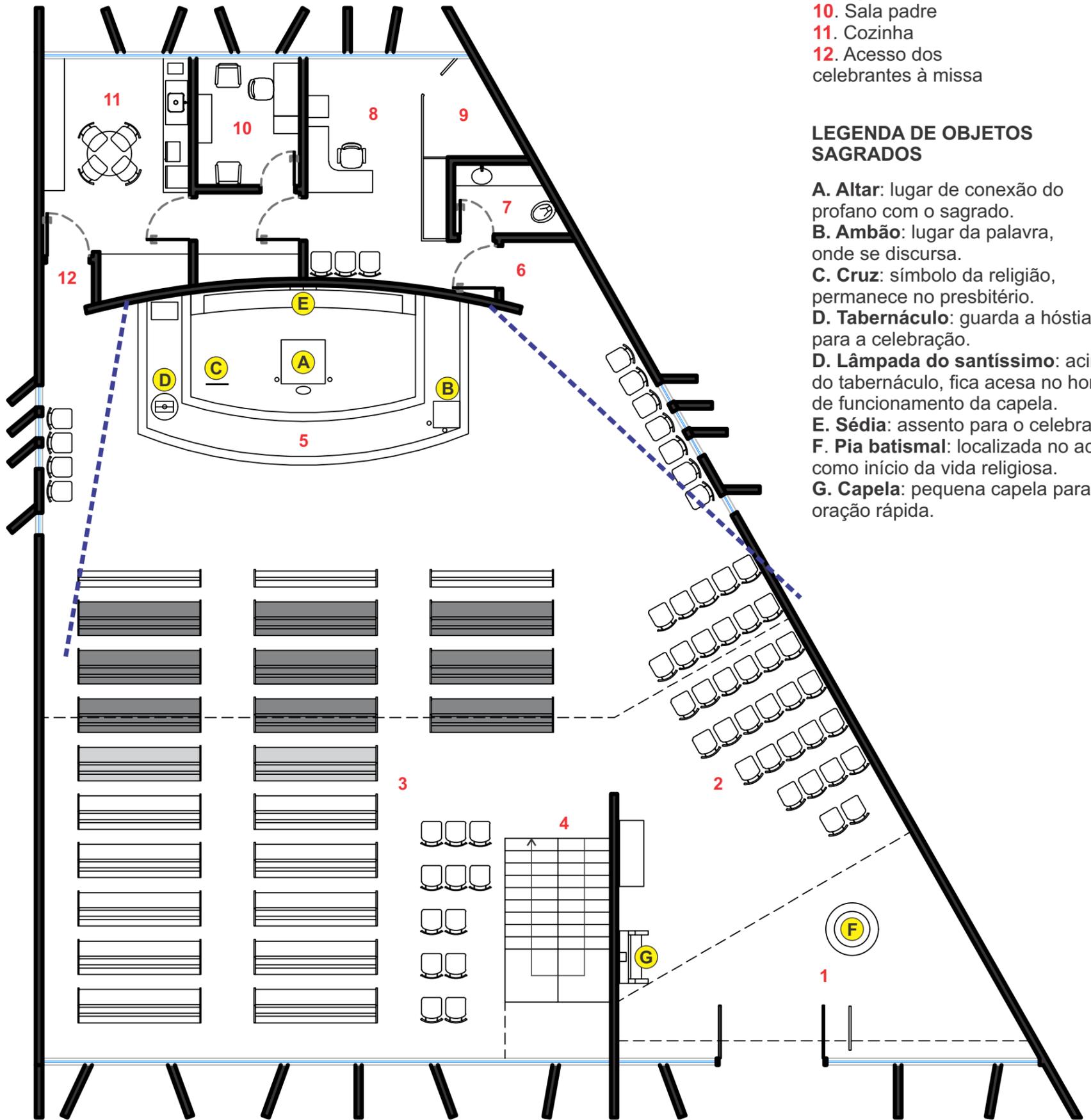
Figura 69. Mapeamento comportamental centrado no lugar quando não há missa.

LEGENDA DE AMBIENTES

- 1. Hall do acesso
- 2. Nave lateral
- 3. Nave central
- 4. Acesso mezanino
- 5. Presbitério
- 6. Acesso secretaria
- 7. Bwc serviço
- 8. Secretaria
- 9. Depósito
- 10. Sala padre
- 11. Cozinha
- 12. Acesso dos celebrantes à missa

LEGENDA DE OBJETOS SAGRADOS

- A. Altar: lugar de conexão do profano com o sagrado.
- B. Ambão: lugar da palavra, onde se discursa.
- C. Cruz: símbolo da religião, permanece no presbitério.
- D. Tabernáculo: guarda a hóstia para a celebração.
- D. Lâmpada do santíssimo: acima do tabernáculo, fica acesa no horário de funcionamento da capela.
- E. Sédia: assento para o celebrante.
- F. Pia batismal: localizada no acesso como início da vida religiosa.
- G. Capela: pequena capela para oração rápida.



PLANTA BAIXA - TÉRREO

LEGENDA DE PERMANÊNCIA NO AMBIENTE

- assento não utilizado
- ▒ assento pouco utilizado
- assento utilizado com mais frequência
- ângulo de visão para os objetos



Fonte: elaborado pela autora.

**MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR
QUANDO NÃO HÁ MISSA**

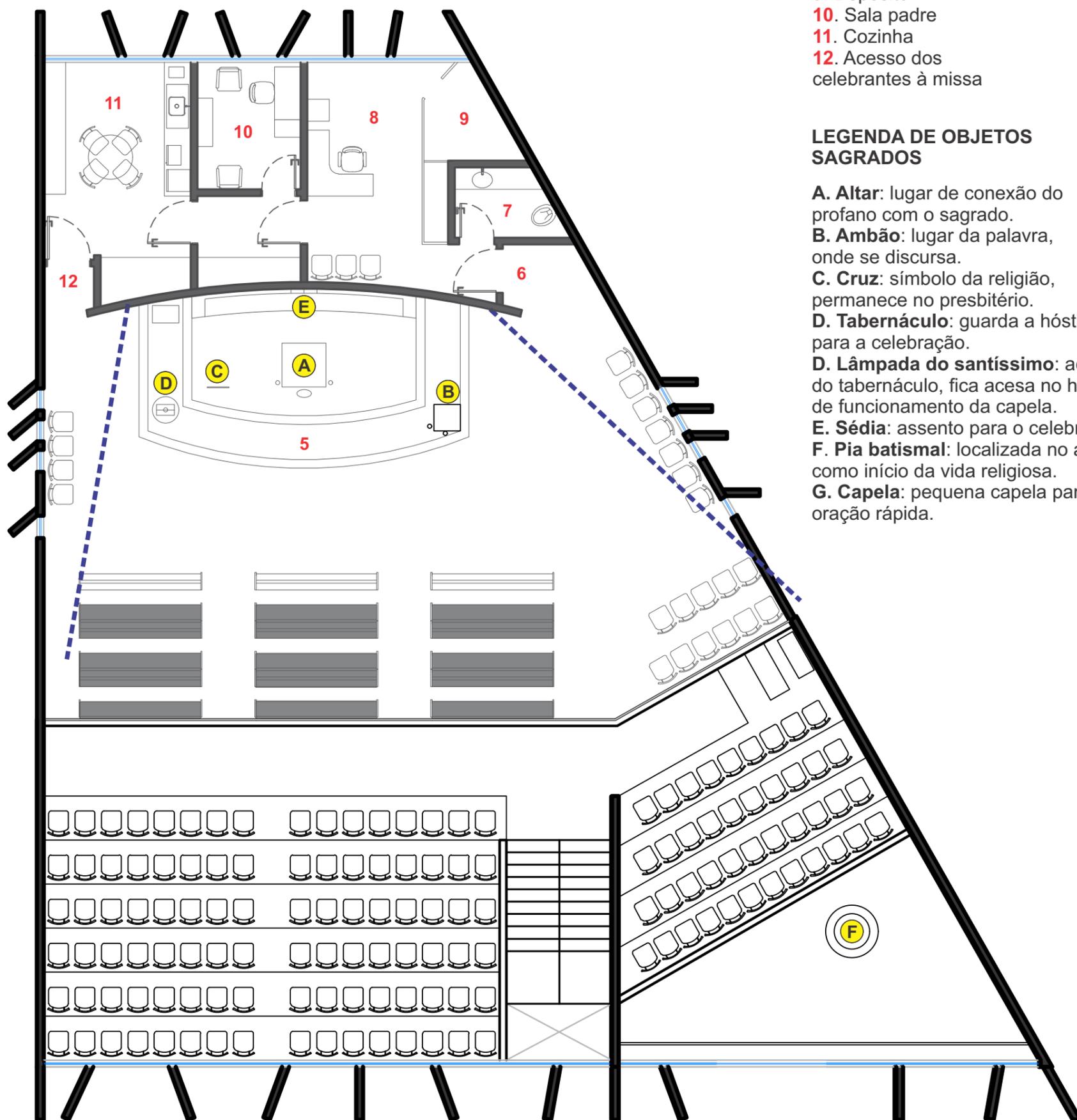
LEGENDA DE AMBIENTES



1. Hall do acesso
2. Nave lateral
3. Nave central
4. Acesso mezanino
5. Presbitério
6. Acesso secretaria
7. Bwc serviço
8. Secretaria
9. Depósito
10. Sala padre
11. Cozinha
12. Acesso dos celebrantes à missa

LEGENDA DE OBJETOS SAGRADOS

- A. Altar:** lugar de conexão do profano com o sagrado.
B. Ambão: lugar da palavra, onde se discursa.
C. Cruz: símbolo da religião, permanece no presbitério.
D. Tabernáculo: guarda a hóstia para a celebração.
D. Lâmpada do santíssimo: acima do tabernáculo, fica acesa no horário de funcionamento da capela.
E. Sédia: assento para o celebrante.
F. Pia batismal: localizada no acesso como início da vida religiosa.
G. Capela: pequena capela para oração rápida.



PLANTA BAIXA - MEZANINO

LEGENDA DE PERMANÊNCIA NO AMBIENTE

- assento não utilizado
- assento pouco utilizado
- assento utilizado com mais frequência
- ângulo de visão para os objetos



Fonte: elaborado pela autora.

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR QUANDO NÃO HÁ MISSA

A aplicação dos mapas, mostrou que, durante o rito da missa, tanto nos fins de semana, quanto nos dias da semana, os bancos mais a frente são ocupados com maior regularidade, mesmo que esses sejam de madeira, menos confortáveis que as cadeiras estofadas. Essas, na diagonal, são ocupadas quando os bancos já estão ocupados. É importante notar que na planta baixa, os primeiros elementos em frente ao presbitério – em branco – não são bancos, mas o genuflexório e apoio.

Durante horários em que não há missa, os bancos da frente também são mais utilizados e os bancos mais distantes do presbitério não são ocupados. A escolha dos bancos, quando não há celebração, se dá em frente ao presbitério, com maior contato com os objetos e figuras sagradas, enquanto que os bancos abaixo do mezanino não são frequentados com regularidade.

Como principal observação dos mapeamentos, se tem que em ambos os casos, os assentos mais próximos ao presbitério são ocupados com mais frequência do que os mais distantes. A interpretação que se faz é que, para que as pessoas se conectem com o sagrado, objetos são utilizados como comunicação, já que representam símbolos na religião católica. No horário de missa, a conexão com o transcendente se dá através do celebrante, que representa o sagrado, contanto as histórias da religião e se posiciona no altar, no presbitério.

Quando não há celebração, o posicionamento das pessoas permanece semelhante porque a atenção se volta para os objetos no presbitério, que sem a figura da pessoa como celebrante, se tornam os símbolos de conexão com o divino. O painel, onde os principais personagens da religião são representados por pinturas, além dos objetos sagrados localizados logo a frente, representam esse contato. A relação em comum dos dois mapeamentos foi o direcionamento da pessoa para o mesmo ângulo, independente do assento escolhido.

Em relação a movimentação no espaço, se tem ambientes bem definidos dentro da Capela. Há o lugar do celebrante e o lugar do participante, em ambas as dinâmicas. O percurso dos participantes vai até um limite da Capela, mesmo que o celebrante não esteja presente. Durante as observações e mapeamento, as pessoas formavam uma linha imaginária, que chegava até o tabernáculo e altar, onde ainda se ajoelhavam e oravam. Os objetos e figuras localizadas na parte posterior do presbitério não foram tocadas, como a sédia e painel com figuras religiosas.

Nesse capítulo, a observação, descrição e interpretação das qualidades sensíveis do espaço foram realizadas, através de três níveis de aplicação da observação sistemática por meio de textos, desenhos, imagens e mapas. A partir da observação do entorno e exterior da Capela como primeiro nível, da descrição dos ambientes internos e objetos sagrados como segundo nível e interpretação da relação das pessoas com os objetos como terceiro nível, foi possível constituir uma leitura sensível do ambiente, interpretando a relação entre arquitetura e rito para revelar as atmosferas do lugar.

Nos três níveis realizados, a descrição já é interpretada, pois não há como separar o entendimento das observações que utilizam o próprio corpo como referência para a experiência do espaço. Dessa maneira, o próximo capítulo sintetiza as interpretações realizadas durante a pesquisa, esclarecendo considerações e achados gerais, que refletem sobre o percurso do trabalho e considerações e achados específicos, detalhando as características encontradas no estudo de caso realizado, a partir de uma experiência única, atingindo os objetivos do trabalho.

[...] a arquitetura cria estruturas e horizontes para percepção, experiência e entendimento e, conseqüentemente, em vez de ser o produto final, ela tem um papel essencialmente mediador.
(PALLASMAA, 2018, p.105).



4 ACHADOS INTERPRETATIVOS

A epígrafe deste capítulo sintetiza o que se percebeu nesse estudo: a arquitetura propicia a comunicação entre pessoas e ambiente. Foi por meio das observações e da vivência no lugar que se percebeu essa comunicação, que se dá através dos ritos. Um rito organiza atividades em uma determinada sequência, proporcionando, através de objetos, gestos e sensações, significados para se atingir um objetivo. Para que os ritos aconteçam – e propiciem a relação entre pessoas e ambiente – é necessário que um lugar adequado exista para abrigar as pessoas e atividades, e aí está o papel da arquitetura, que condiciona as atividades em um espaço.

Em consonância com a epígrafe de Pallasmaa (2018), a arquitetura como experiência foi interpretada através dos fenômenos do lugar. No estudo de fenômenos o resultado não é a principal finalidade. O propósito é o encontro das intenções que movem a descrição desse espaço. E foi esse o caminho que a pesquisa percorreu. Através da vivência do lugar foi possível perceber detalhes que em um estudo a distância não seria viável. As sensações, principalmente, propiciavam as atmosferas necessárias para a realização das atividades.

Os dados levantados interpretam o ambiente a partir dos fenômenos, que são percebidos de forma diferente por cada pessoa. Os resultados são chamados, nessa pesquisa, de achados interpretativos, mostrando o que se conquistou de informações e contribuições a partir de uma leitura sensível do ambiente através do corpo como referência. Essa palavra se tornou mais adequada para sintetizar o que se apresenta, mostrando a interpretação do lugar e da arquitetura como experiência.

Essa investigação, que começou com a revisão de literatura e se encaminhou para o estudo de caso, percorreu as etapas com a inquietação da pergunta de pesquisa que se fez no início do trabalho: **como as atmosferas do lugar revelam a relação entre rito e arquitetura?** Em um primeiro contato com a Capela, a intenção era responder à pergunta observando os materiais e objetos e sua relação com as pessoas e atividades. Mas se percebeu, que além deles, eram as sensações e qualidades intangíveis que propiciavam as atmosferas do espaço, ou seja, um conjunto de atributos, materiais e imateriais, davam sentido, a partir da arquitetura, para as atividades que ali aconteciam. Como resposta para a pergunta de pesquisa, **a relação entre rito e arquitetura – através de qualidades sensíveis – expressam a atmosfera do lugar.**

Este capítulo apresenta as contribuições da pesquisa, por meio de achados interpretativos específicos e gerais detalhados a seguir.

4.1 ACHADOS INTERPRETATIVOS ESPECÍFICOS

As interpretações específicas consideram as observações e descrições realizadas no estudo de caso, levando em conta a experiência do lugar em primeira pessoa. Quando a revisão de literatura foi realizada, os conceitos foram estudados, um por um, de maneira individual e metódica. Presenciar o lugar fez com que as definições em estudo se apresentassem como um conjunto, amplificando a experiência através das atmosferas. O estudo prévio da Capela, através de textos, imagens e vídeos, proporcionou a imaginação do lugar, mas o reconhecimento in loco permitiu a experimentação das sensações do lugar.

Por isso, o corpo foi a referência no trabalho. Por meio dos sentidos humanos, considerados em conjunto, interpretou-se características que expressam as atmosferas do lugar. Essas atmosferas não são percebidas apenas pela observação do espaço, mas principalmente pelas sensações vivenciadas nele.

Uma leitura sensível do lugar foi realizada, através da observação sistemática e da experiencição do lugar, dando atenção às particularidades e compreensão individual por meio de descrição e interpretação do espaço, através das impressões de qualidades sensíveis – materiais e imateriais – que juntas complementam uma a outra.

A complementação se dá porque as qualidades imateriais, em especial, necessitam de um arranjo tangível para acontecer. O som, por exemplo, uma qualidade intangível, só faz parte da atmosfera do lugar porque é repercutido nas paredes de concreto da Capela, uma qualidade material. A luz, difusa no interior do edifício, só tem esse efeito porque os vitrais em diferentes cores filtram os raios solares do exterior. A sensação de acolhimento e conexão com o sagrado, acontece pela diferença de alturas na transição do hall para a nave.

O mesmo acontece com o comportamento das pessoas. Os passos e respiração só se tornam audíveis pelo silêncio no interior, amplificado pela altura da nave e pelo material polido do piso, o granito. A diminuição da velocidade do caminhar ocorre na transição entre exterior e interior, através da mudança da textura do piso e da recepção por um lugar acolhedor, de teto baixo – qualidade material – além do silêncio – qualidade imaterial. Normalmente, os alunos, professores e frequentadores da Universidade estão em ritmo acelerado, cumprindo horários e caminhando de um edifício a outro do campus. Quem decide acessar o espaço interno da Capela diminui seu ritmo

e contempla os ambientes que o espaço oferece, acompanhando o grau de intimidade que os objetos e rito solicitam, como uma pausa. Outra característica se relaciona com as alturas e posição das pessoas, pois os celebrantes são vistos em um maior nível do piso do presbitério, destacando suas condições em relação ao público, que ouve os que falam.

Os entendimentos acima revelam a arquitetura como mediadora de atividades entre pessoas e ambiente. Além da arquitetura, o rito também faz parte dessa relação, pois organiza as atividades que acontecem no lugar. No estudo de caso, dois momentos foram observados na Capela. O lugar durante a missa, quando o celebrante organizava o rito e o lugar quando não havia celebração. Nessa etapa, além da experiência em primeira pessoa, a apropriação do espaço pelas pessoas foi observada.

No momento de reconhecimento da Capela, foi difícil identificar e anotar todas as informações percebidas, pois se revelavam ao mesmo tempo. Por isso, o planejamento e aplicação da observação sistemática em etapas foi importante. A primeira visita serviu como um estudo exploratório, em agosto de 2018, e possibilitou o primeiro contato com o lugar. Foi possível identificar o ambiente de forma geral e percorrer os diferentes caminhos que o espaço permitia. A partir desse entendimento, houve o amadurecimento das informações, que foram anotadas em planilhas, auxiliando o planejamento e sequenciamento das etapas seguintes.

A observação sistemática, que aconteceu durante sete dias em outubro de 2018, considerou o ambiente de maneira mais rigorosa, percebendo as qualidades sensíveis do lugar através da planilha de atributos como referência. Nessa planilha, a organização se mostrou importante para a descrição de cada qualidade, mas muitas delas eram sobrepostas e se tornavam repetitivas, pois as características não se dividiam, ao contrário, se completavam. Assim, as informações da planilha serviram para sequenciar a descrição do ambiente, mas não se adapta à leitura sensível de forma única. Ela pode ser uma etapa que complementa as observações, como nesse trabalho.

Como forma de delimitação para as observações, cenários permitiram o acesso à Capela através de distâncias, do macro para o micro, que proporcionaram grande quantidade de informações coletadas. A velocidade dos passos humanos, o sentido da visão e suas percepções em relação à volumetria do edifício foram pontos importantes observados. Quanto mais próximo se chegava da Capela, mais devagar a pessoa caminhava e sua postura se erguia, para visualizar a fachada do edifício. Quanto mais distante se estava, menos

atenção se dava para a Capela, pois em relação à praça, era o menor edifício presente. E para os frequentadores diários do campus, o edifício já era corriqueiro. Só se destacava quando a intenção da pessoa era acessar seu interior.

Cada cenário permitiu maior clareza nas informações, pois se observava uma distância de cada vez, possibilitando a atenção aos detalhes. A aproximação não modifica apenas a escala, mas o significado e o entendimento do lugar. É válido salientar que a observação foi realizada no contexto dos sete dias. Se o lugar for observado novamente, outra experiência será vivenciada e outras características serão encontradas.

Depois de considerar o edifício em seu exterior, se deu atenção para o interior da Capela. Na observação sistemática, durante sete dias, além das qualidades materiais e imateriais, o comportamento das pessoas dentro do edifício também foi estudado, assim como sua relação com os objetos e ambiente. A partir da leitura sensível, as sensações e atmosferas foram percebidas pelo corpo como referência.

Inicialmente, a percepção do lugar como um todo foi realizada, para depois se aproximar dos detalhes. Quando os objetos foram identificados, as características materiais se apresentavam primeiro, mas foram as características imateriais que mais representavam o significado, pois as pessoas se direcionavam para pequenos símbolos dentro do espaço sagrado mostrando maior importância na crença da religião, pois expressavam maior emoção.

Outras questões imateriais, como o clima, a temperatura e horários do dia fizeram com que a vivência da Capela fosse diferente, pois a tonalidade da luz natural modificava as cores e composição externa em relação a seu entorno e oscilação da luz no seu interior, modificando as atmosferas. Quando o dia era ensolarado, o interior da Capela ficava mais claro e expressava sensações de bem-estar. Quando o dia era nublado, o interior da Capela se escurecia e ficava mais sombria. Com essas sensações, os sentimentos também se alteravam, pois a atmosfera interna propiciava parte do que a pessoa sentia. Isso se expressava através do comportamento das pessoas na Capela, pois em dias mais claros, a permanência era maior e em dias nublados ou chuvosos, além da dificuldade de acesso – pois era preciso andar na chuva para entrar no edifício – a estadia era menor. O mesmo se repetia com situações de calor e frio. Em dias de temperatura mais baixa, menor era o número de pessoas e tempo de permanência no interior do edifício e o contrário acontecia em dias quentes.

Além do clima, o que também modificava o comportamento e permanência das pessoas na Capela era o rito. Durante o principal rito católico, a missa, a presença das pessoas era mais demorada e a quantidade também era maior. Elas chegavam para participar do rito, se organizando na nave e esperando o celebrante liderar a cerimônia. Depois, iam embora. Apesar da maior quantidade de pessoas, a participação delas se limitava a responder os questionamentos do celebrante, através de palavras-chave, gestos e movimentações durante as etapas da missa, como sentar, levantar, se ajoelhar, unir as mãos e ir até o presbitério receber a comunhão.

Nos momentos em que não havia celebração, ou rito pré-determinado, o interior da Capela permanecia em silêncio e com poucas pessoas, cerca de cinco, ou no máximo dez, e cada pessoa se conectava com o sagrado da sua maneira, criando o seu próprio rito. O indivíduo se locomovia no lugar como desejava. Assim, se percebeu nessas situações, que a conexão da pessoa com o sagrado se dava através do objetos simbólicos, pois precisava de algo que a ligasse com o que acredita. Dessa maneira, o percurso de uma pessoa era parecido. Acessava a Capela, fazia um gesto de iniciação – o sinal da cruz – e se dirigia a um dos bancos em frente ao presbitério, olhando para o painel que apresentava as figuras sagradas. A partir daí, se apropriavam do espaço de maneira individual, se concentrando, em silêncio. Em posição sentada ou ajoelhada e com as mãos unidas – como significado de confiança e credo – se interiorizavam. Quando isso não parecia suficiente como final de crença, as pessoas se dirigiam ao ambiente mais sagrado da Capela, o presbitério, que contém os objetos simbólicos em seu espaço. Ali, o corpo desempenhava o principal papel, tocando o objeto. Essas ações aconteciam rapidamente, em cerca de um a dois minutos. Depois disso, as pessoas iam embora.

A arquitetura condiciona fenômenos quando há pessoas realizando atividades no espaço, através de um rito, seja ele pré-determinado ou criado por cada um. Além das observações dessas percepções, o mapeamento comportamental permitiu demarcar o posicionamento das pessoas em relação aos objetos, em mapas. Nas duas dinâmicas – em horário de missa e em horário em que não há atividades – se comprovou pelas demarcações, que o posicionamento das pessoas está diretamente relacionado aos principais objetos sagrados, que simbolizam a religião católica, pois elas se direcionam para esses símbolos. Durante a missa, além do presbitério e objetos presentes nesse espaço, a principal conexão com o sagrado é o celebrante, que remonta as histórias que aconteceram no início dessa

religião. Durante a contemplação individual, quando não há missa, os símbolos contemplados se apresentam no presbitério e a principal conexão é a crença da pessoa na religião.

A identificação das qualidades sensíveis apresentadas através dos instrumentos proporcionou uma investigação no espaço de forma detalhada e sensorial, compreendendo minuciosamente a relação da arquitetura com o rito sagrado, criando atmosferas. Essas relações entre pessoas e ambiente possibilitaram a interpretação das características do ambiente a partir dos aspectos materiais e imateriais, físicos e simbólicos, que formam as atmosferas do espaço. Em essência, procurou-se o entendimento dos aspectos que envolveram a relação das pessoas com o ambiente para formar significados.

A Capela Universitária Jesus Mestre se torna única quando se observa sua concepção, realizada pelo conhecimento da arquitetura, da religião e da arte. A entrevista com o arquiteto permitiu esclarecer detalhes sobre o processo de projeto. Apesar de não conceituar dessa maneira, se observou que o arquiteto acredita na arquitetura como experiência, pois admite que a arquitetura acontece quando as pessoas utilizam os lugares. Seu processo de projeto considera a vivência das pessoas nos lugares, pois diz que sem a presença das pessoas, não há arquitetura¹⁷.

Essas palavras se conectam com o que acreditam os autores que foram a base desse estudo, convergindo para a essência do trabalho. Depois de descrever e interpretar o edifício em estudo, um último relato sequencia a percepção do lugar de maneira sensível, atento aos aspectos formais, funcionais, tangíveis e intangíveis da Capela.

A primeira impressão ao reconhecer o edifício se relacionou com a sua escala, proporção e estrutura, que causaram estímulos sensoriais no corpo humano ao experienciar as sensações que ocorreram no lugar. O acesso à Capela proporcionou tal impacto, ao apresentar inicialmente um ambiente baixo e surpreender através da mudança de altura, mais alta na área central. Essa mudança de proporção faz com que o corpo se curve para o alto, como forma de se conectar com o sagrado e se sentir recebido pelo lugar.

¹⁷ Entrevista concedida por COELHO, Manoel. **Entrevista**. [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C dessa dissertação.

Após o contato inicial com o espaço, a compreensão entre o edifício e os materiais que o compõem começam a ficar claras. A quantidade de cada um dos elementos contribui para a proporção e aparência do lugar, além de determinar certas características na atmosfera do espaço. Assim, o aspecto formal da arquitetura interfere nas sensações sentidas. O concreto aparente das paredes, o granito polido do piso e a madeira escura do forro, materiais que mais chamaram a atenção em um primeiro momento, criavam a relação de cores e texturas no ambiente.

Quando se fala em textura, fala-se em tocar nos materiais, pois enxergar as cores e características de cada elemento já causa sensações, tanto de aproximação quanto de distanciamento. Ao acessar a Capela, os materiais encontrados são frios. O concreto aparente nas paredes e no teto e o piso de granito polido são materiais frios, e nos dias de observação – que variaram de 5°C a 18°C – causavam sensações de distanciamento do corpo em relação ao arranjo dos ambientes. Já os bancos, de madeira, convidavam o corpo a se acomodar, principalmente na área da nave localizada abaixo do mezanino, possuindo um pé-direito mais baixo com a sensação convidativa e aconchegante.

Além da sensação de frio e calor, os materiais da Capela mostravam sua verdadeira aparência, pois se caracterizavam pela naturalidade dos elementos, como a madeira, o granito do piso e altar e objetos do presbitério. O material que não era totalmente natural, era tratado com originalidade, como por exemplo, o concreto das paredes, aparente, ou o cobre e latão que formavam os objetos sagrados, permanecendo com a cor original dos materiais. E quando os materiais eram forjados, ou fabricados, as técnicas de confecção envolviam a naturalidade do processo, como nos vitrais, tingidos à mão e as esculturas, também forjadas à mão. Esses aspectos materiais dos objetos são complementados, como já se discutiu, pelos aspectos imateriais, que são observados a partir da percepção humana, estimulando os sentidos do corpo. Por propiciar atmosferas de reflexão, concentração e silêncio, a Capela atrai indivíduos para além da reflexão e oração. As pessoas também se apropriam do espaço interior da Capela para ler ou estudar. Isso ocorre porque o edifício se situa no centro do campus e quando a biblioteca – que se localiza ao lado – está muito movimentada, as pessoas procuram um espaço silencioso e tranquilo, encontrando a Capela nas proximidades.

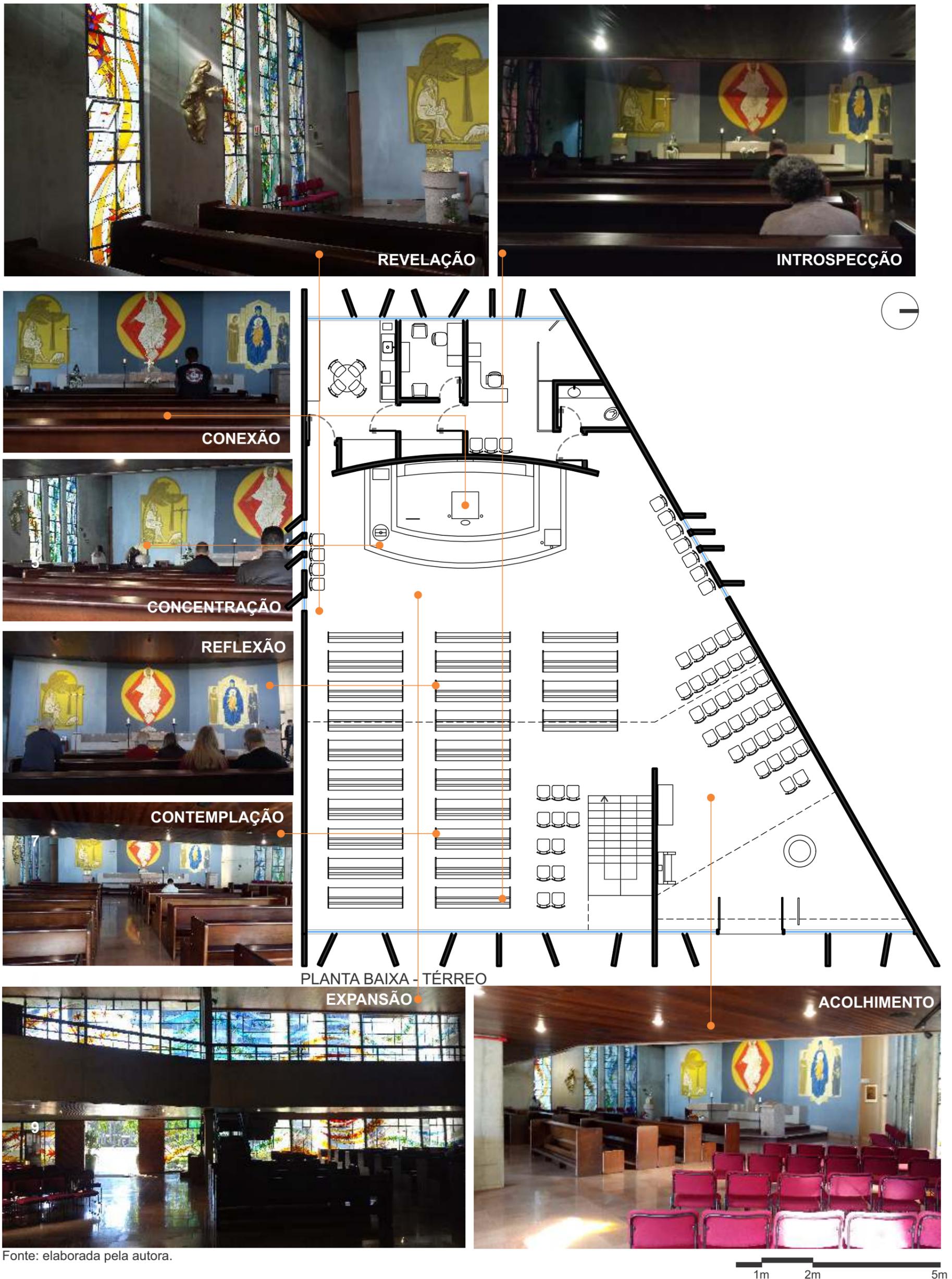
Após contextualizar diversas características, a luz é uma das mais importantes, pois não se separa da arquitetura e é considerada desde a concepção do edifício até a construção e finalização da obra. Os elementos escolhidos para a composição do local, de maneira imaterial, são responsáveis pela atmosfera da luz no espaço, pois a incidência dela expressa as características de cada elemento, como a tonalidade das cores, a reflexão, a opacidade, as sombras, os volumes, criando as formas do espaço e suas características sensíveis, para estimular ou não os sentidos do corpo e sensações reveladas pelas atmosferas do lugar.

Essas emoções, na Capela, se dão através da quantidade de luz natural que recebe o interior do edifício. A fachada de acesso é composta por elementos verticais e aberturas, que filtram a luz através de vitrais coloridos. Nas fachadas laterais, as aberturas são verticais e estreitas e filtram a luz da mesma maneira. Tal distribuição faz com que a iluminação da Capela não ofusque a visão dos participantes, pois a luz permeia o ambiente de forma difusa, proporcionando as sensações experimentadas pelos sentidos, as atmosferas do lugar.

A relação entre pessoas e ambiente corresponde com a conexão entre arquitetura e rito, que dão sentido às necessidades humanas, através das suas origens, culturas e compreensão de ser no mundo. Esse estudo permitiu entender a relação entre a arquitetura e o rito, através de uma leitura sensível do ambiente que considerou os percursos e atitudes das pessoas, e as características dos espaços e elementos compositivos do ambiente. O posicionamento, forma, e demais qualidades sensíveis em um conjunto, criam as atmosferas do lugar, que proporcionam sensações por meio dos sentidos do corpo que emocionam as pessoas.

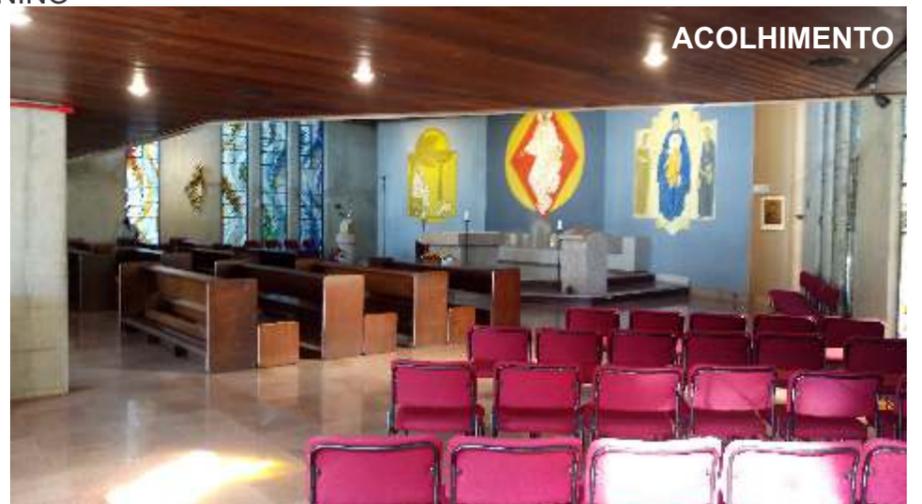
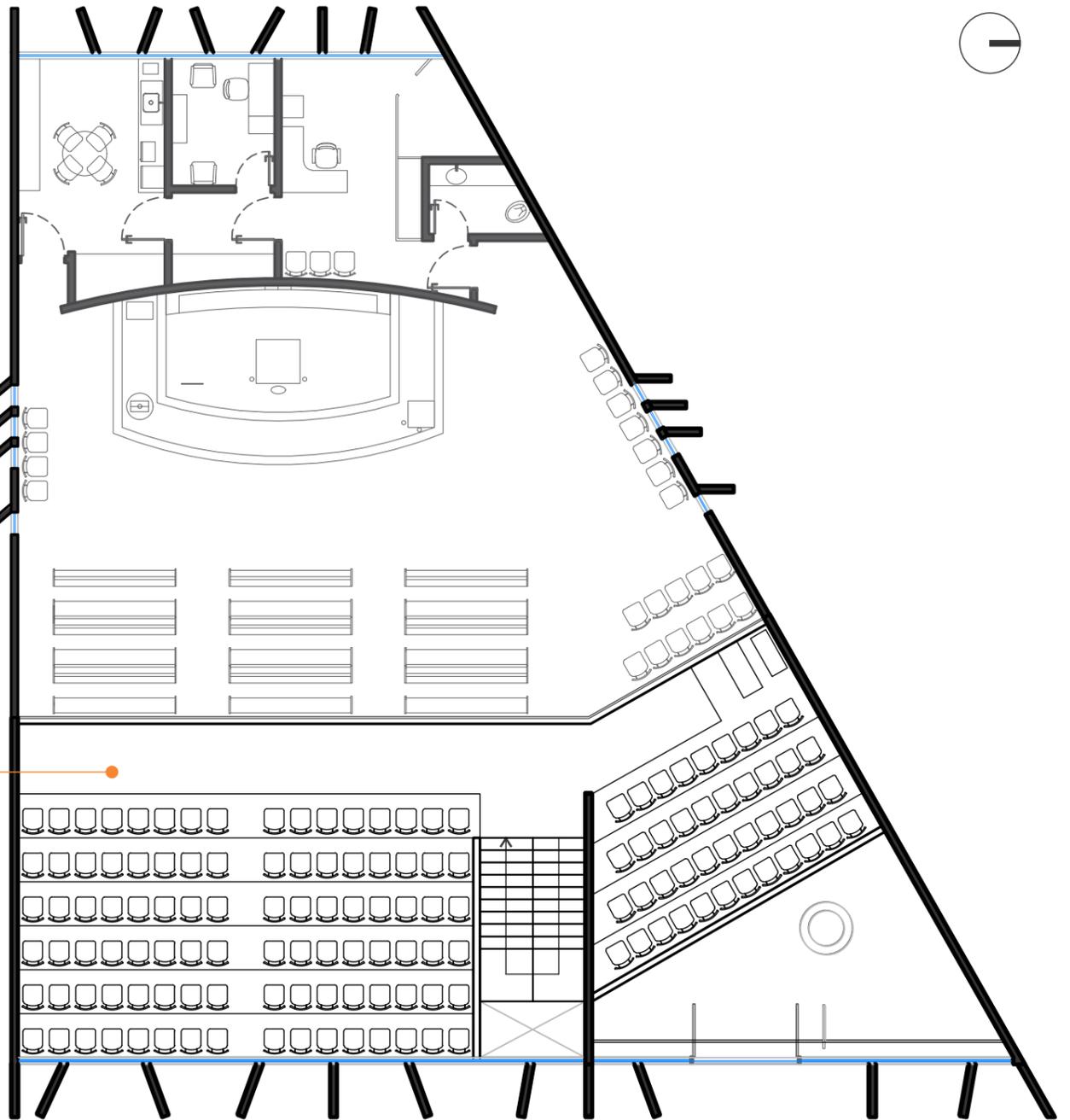
Um mapa síntese foi elaborado, através das plantas baixas do térreo e mezanino do edifício, indicando as atmosferas encontradas nos ambientes da Capela (Figura 70).

Figura 70. Atmosferas da capela.



Fonte: elaborada pela autora.

ATMOSFERAS DA CAPELA



Fonte: elaborada pela autora.

1m 2m 5m

ATMOSFERAS DA CAPELA

Com o mapa síntese apresentado, se demonstrou as atmosferas em imagens e localização na Capela, interpretando essas experiências encontradas através da relação entre rito e arquitetura a partir do corpo como referência.

A atmosfera de **revelação** foi experienciada quando a luz natural permeou os vitrais da Capela. As aberturas verticais e estreitas das laterais condicionam feixes de luz, que refletidos nos objetos, despertam o sagrado no edifício. A atmosfera de **introspecção** é encontrada durante os momentos de espera, à noite, quando a iluminação da Capela é indireta. Nesses instantes as pessoas ficam em silêncio, em reflexão individual, cuidando com seus movimentos e ruídos, de modo a não comprometer a quietude do edifício.

A atmosfera de **conexão** acontece entre as pessoas e os objetos sagrados, quando não há celebrante ministrando o rito. Através do olhar, dos gestos e da concentração, a crença se volta para a simbologia que os elementos representam. A atmosfera de **concentração** se diferencia da conexão pelos gestos realizados pelas pessoas. Enquanto elas se conectam com o sagrado olhando para os objetos, se concentram durante um período de olhos fechados, ou olhando para baixo, de modo a se interiorizar. E a atmosfera de **reflexão** acontece quando as pessoas desfocam o olhar dos objetos, refletindo sobre pensamentos. A atmosfera de **contemplação** faz com que as pessoas se aproximem dos objetos sagrados da Capela, observando atentamente seus detalhes e simbologia que representam.

Essas atmosferas são vivenciadas nos ambientes mais baixos e aconchegantes da Capela, abaixo do mezanino, em direção ao painel e presbitério, assim como a atmosfera de **acolhimento**, presenciada na transição entre interior e exterior do edifício. Essa sensação recepciona a pessoa no ambiente, pois os ruídos e movimentações externas são suavizados pelos fechamentos do espaço, acalmando o ritmo das pessoas. A transição continua, com a atmosfera de **expansão**, que acontece nos ambientes mais altos, principalmente quando há a passagem do adro para a área mais alta da nave e do presbitério. A concepção dos espaços faz com que o corpo se curve para cima, se elevando para observar a diferença de alturas dos ambientes, de modo a se conectar com o sagrado.

O conjunto de atmosferas encontradas na Capela, através da relação entre rito e arquitetura, desperta sensações no espaço, conectando as pessoas, através de qualidades materiais e imateriais, com o sagrado.

4.2 ACHADOS INTERPRETATIVOS GERAIS

As interpretações gerais, consideram as contribuições que podem ser encontradas tanto no espaço em estudo como em outros espaços. Se discutem os temas abordados e a sequência das etapas de pesquisa. A revisão de literatura, como primeiro passo, é fundamental para entendimento e recorte do tema, pois a arquitetura como experiência pode se tornar ampla, considerando filosofia, antropologia, psicologia e arte, por exemplo. O que se realizou foi a conexão entre as áreas, considerando a essência do trabalho, que é a relação entre pessoas e ambiente. Como na epígrafe do capítulo, a arquitetura foi considerada o meio de comunicação entre os indivíduos e os espaços, condicionando atividades através da concepção dos ambientes.

A partir do estudo da fundamentação teórica, e com base nos principais autores que apoiaram esse estudo, Pallasmaa (2011), Zumthor (2009) e Holl (2011), a fenomenologia e sua relação com a arquitetura foi entendida como as experiências que uma pessoa possui ao vivenciar um lugar por meio de sua percepção. Esse foi o primeiro momento em que se considerou um estudo de caso, pois as referências indicavam a necessidade de vivência e conhecimento real do lugar.

Nesse estudo, se considera que a concepção arquitetônica leva em conta não só o estudo formal do edifício, mas a funcionalidade em relação às atividades e sequências de uma atividade, prevendo o decorrer de ações. Essa sucessão de acontecimentos foi interpretada através dos ritos, que repetem sequências para gerar significados, acontecendo através de objetos, gestos ou sensações criadas no ambiente.

A parte sensível da experiência depende da relação das pessoas com o ambiente em si. Os sentidos foram estudados nessa perspectiva, como forma de entender a apropriação que as pessoas têm ao tocar um objeto, ao realizar um gesto, ao visualizar uma imagem, pois se comunicam de alguma forma, mesmo que silenciosa, com o lugar para expressar as sensações que experienciam.

Foi nessa lógica que se partiu para o estudo do espaço sagrado, pois é um dos lugares em que os símbolos se destacam e onde as pessoas se conectam, se interiorizam – com o que acreditam e com o que procuram – através de gestos pré-determinados pela crença e pelos ritos. A posição de um objeto sagrado no ambiente é fundamental para a conexão da pessoa com o transcendente, e

consequentemente, a concepção arquitetônica faz parte desse arranjo. De maneira mais específica, o espaço sagrado católico apresenta a relação entre pessoas e o sagrado por meio de diversos objetos, gestos, comportamentos através de ritos e suas particularidades, além da breve história e contexto, que foram essenciais para a investigação em campo, interpretando os acontecimentos.

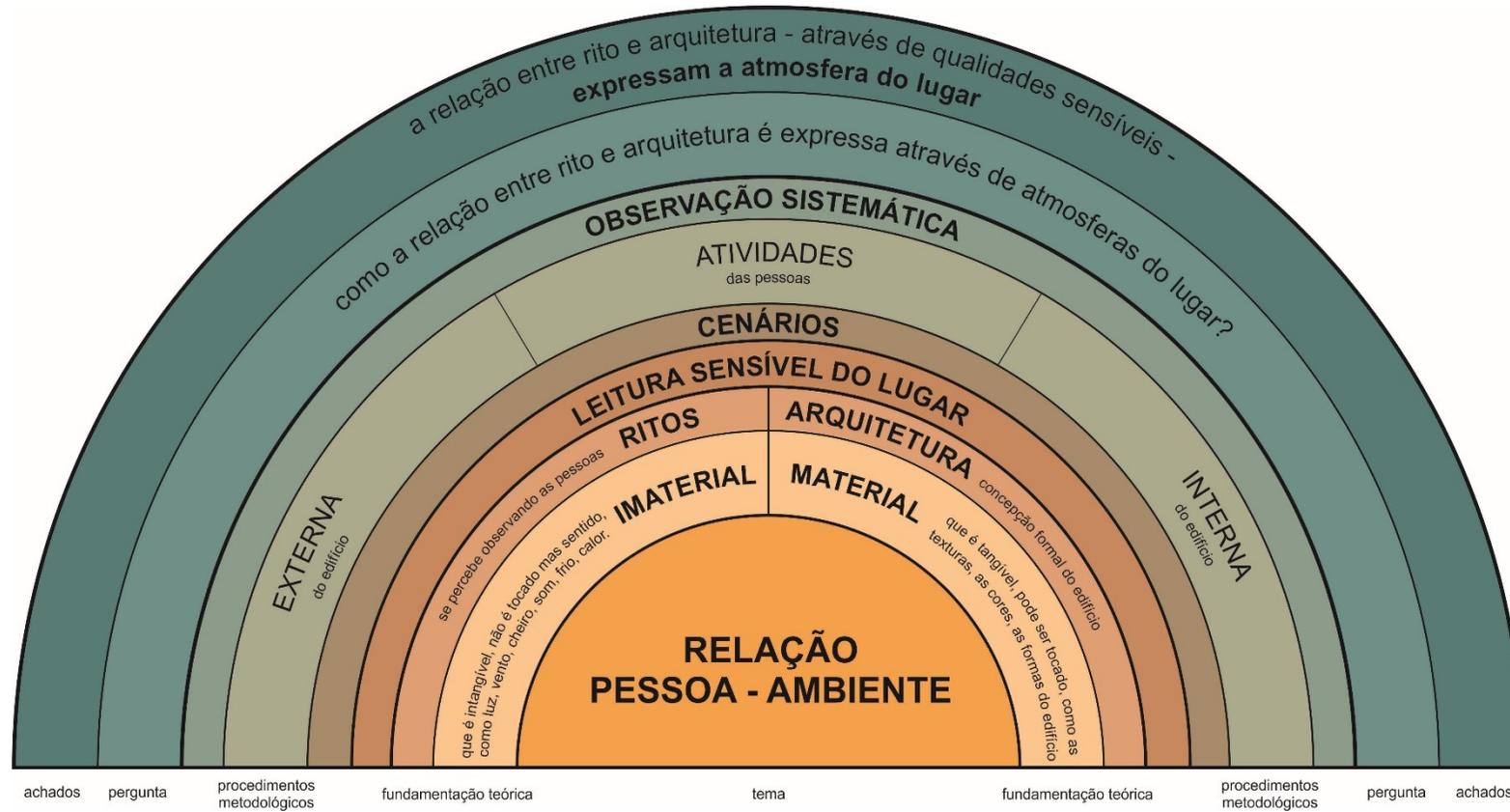
A partir daí a parte prática da pesquisa começou a ser visualizada, e um espaço sagrado foi determinado para estudo. Quando a primeira visita ao lugar foi realizada, se entendeu a importância de se experienciar um lugar, trazendo à tona as explicações da fundamentação teórica. Foi possível confirmar que, através do reconhecimento do local, a experiência do lugar se torna única e individual e a leitura sensível a ser realizada, deve acontecer em várias etapas, para observar os detalhes atentamente, a partir de textos, imagens, vídeos e mapeamentos do lugar, ou das pessoas, para depois ter domínio para interpretá-los.

Para sintetizar e organizar as etapas de pesquisa, se elaborou um diagrama (Figura 70), relacionando os conceitos e a interpretação da Capela através da leitura sensível do lugar. O centro da figura tem como foco a relação entre pessoas e ambiente. A partir desse tema, se entendem as características materiais e imateriais do lugar, suas particularidades e maneiras de serem encontradas nas observações, através das experiências das atmosferas. Em seguida, há o entendimento de ritos, suas abordagens e relação com a arquitetura, que propicia as atividades nos espaços.

A partir daí se inicia uma leitura sensível do lugar, que aconteceu através de um estudo de caso, reconhecendo em um primeiro momento o edifício em um estudo exploratório. Essa leitura se divide, no semi-círculos, em três cenários, que em um primeiro nível considera a parte externa do edifício, em um segundo momento, a parte interna do edifício, e em um terceiro momento, as atividades que acontecem no edifício, tanto no exterior quanto no interior.

Através dessa investigação, a observação sistemática se atenta às qualidades sensíveis do lugar, materiais e imateriais, experienciando as cores, texturas, som, calor, frio, sol, chuva, dia, noite, silêncio e luz. Essas características são descritas, para responder a pergunta de pesquisa, e através do estudo, se responde o questionamento através dos achados interpretativos específicos e gerais do estudo.

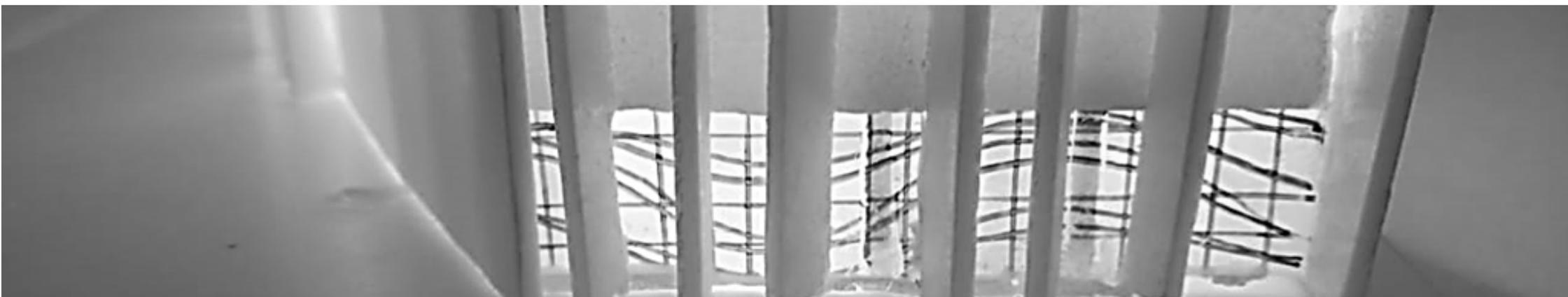
Figura 71. Diagrama de considerações iniciais e procedimentos metodológicos.



Fonte: elaborado pela autora.

Está surgindo um interesse pelos fenômenos das atmosferas, ambiências, sentimentos, humores e sintonias, bem como pelo entendimento da real natureza multissensorial e simultânea da percepção. Esse novo interesse na experiência está redirecionando a pesquisa da forma e das estruturas formais para experiências dinâmicas e processos mentais.

(PALLASMAA, 2018, p.117)



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se comprometeu a interpretar o lugar a partir de uma leitura sensível, que converge com o pensamento da epígrafe do capítulo, quando propõe entender a relação entre pessoas e ambiente através da experiência. Interpretando a relação entre rito e arquitetura, através do estudo de caso da Capela Universitária Jesus Mestre, revelaram-se as atmosferas do lugar por meio de uma leitura sensível, que considerou as qualidades do ambiente externo e interno do edifício e as dinâmicas das pessoas em níveis de observação.

Ainda de acordo com a epígrafe, essa pesquisa se interessou pelas experiências de se vivenciar o lugar, tomando o corpo como referência na interpretação dos ambientes. Como principal consideração, se confirmou que a relação entre pessoas e ambiente se dá através das atmosferas do lugar, reveladas por características materiais e imateriais do lugar, por meio da relação entre arquitetura e rito.

As dinâmicas humanas e seu uso do espaço através dos fenômenos que acontecem na Capela foram observadas, descritas e interpretadas e se entendeu a diversidade de elementos, atributos e qualidades do lugar através da arquitetura e dos objetos, que mediam a comunicação entre pessoas e ambiente através de símbolos, gerando significados. Os objetos sagrados e seu posicionamento na Capela permitem a conexão da pessoa com o sagrado, a partir da observação e interiorização do indivíduo.

O processo, ao longo da pesquisa, foi planejado diversas vezes, pois os instrumentos auxiliam a organização, mas não determinam o que acontece no espaço, e as características sensíveis do lugar não se dividem em níveis, mas se apresentam de uma vez. A delimitação de escalas de observação foi importante para detalhar, através dos níveis, as qualidades do ambiente de forma específica, se atentando às experiências de acordo com o percurso e aproximação do corpo no lugar.

As impressões sensoriais que foram salientadas têm relação direta com o lugar de estudo escolhido, o espaço sagrado, que é um dos ambientes procurados pelas pessoas quando a intenção é a concentração, estabelecendo contato com o transcendente. Através da contextualização histórica das religiões de forma geral, e mais específica na religião católica, foi possível entender a relação social do ser com a crença no divino, transitando entre mundo profano e sagrado. A conceituação de rito e rito católico aprofundou o conhecimento, explicando a função das etapas da celebração e sua conexão com a participação humana na dinâmica.

O estudo teórico proporcionou conhecimento e auxílio para o estudo empírico, que explorou a Capela, definindo instrumentos para a observação sistemática sensível do espaço sagrado. A cautela na aplicação das ferramentas proporcionou uma grande quantidade de dados, que foram filtrados para compreensão da arquitetura através de fenômenos.

O momento mais complexo da pesquisa foi relacionar o estudo teórico com a observação prática na Capela, para entender de que forma o rito católico se conecta com o espaço sagrado e com os participantes da celebração. Se notou que esse contato se dá, principalmente, através dos objetos simbólicos existentes nos ambientes da Capela, pois esses não significam somente a forma ali encontrada, mas a história e passagens que resumem as crenças dessa religião.

Se observou, durante o tempo de estudo em campo, que a maior parte do rito acontece através desses objetos, simbolizando uma sequência de acontecimentos que se relacionam com a presença dos indivíduos e a sensação de purificação encontrada no final da celebração. Além dos objetos, o contato das pessoas com o ambiente também faz parte das atmosferas do espaço. Sua posição de acordo com a sequência da liturgia revela emoções e a participação no rito completam a celebração. Tais interpretações foram traduzidas e apresentadas por meio de texto e registros fotográficos.

Através de uma leitura sensível do espaço sagrado, foi possível identificar nos atributos materiais e imateriais a relação do rito com a arquitetura. A conformação dos ambientes e suas atmosferas criam a conexão das pessoas com o espaço, transformando-o em lugar através dos significados, como o acolhimento do hall e a surpresa ao acessar a Capela, por exemplo.

O amadurecimento dos conceitos aconteceu ao longo da pesquisa e a fenomenologia, que permeou o trabalho, auxiliou a percepção da arquitetura como experiência, observando o lugar e suas características através dos fenômenos. O tema desse trabalho criou um caminho de interpretação relevante a ser seguido, pois como citado anteriormente, a intenção não foi a crítica, mas a descrição de uma leitura sensível do espaço, descobrindo através do rito e da arquitetura as atmosferas do lugar.

5.1 POTENCIALIDADES DO TRABALHO

As potencialidades encontradas nesse estudo são apresentadas através da teoria e da interpretação do lugar por meio da leitura sensível do ambiente, que pode servir de referência para estudos da arquitetura como experiência. A revisão de literatura, além da arquitetura encontrou na filosofia, antropologia e psicologia, características que relacionam as pessoas com o ambiente, embasando a importância da experiência das pessoas no lugar.

A observação, descrição e interpretação do estudo de caso, através da arquitetura, do rito e das dinâmicas das pessoas mostra a multissensorialidade e percepção do corpo em textos, imagens e vídeos, exemplificando a leitura sensível de um espaço. É preciso lembrar que uma experiência não é igual a outra, e a percepção de uma pessoa é individual, mas a maneira de organizar o material coletado pode ser auxiliado por essa pesquisa.

A utilização de instrumentos gráficos, como imagens, esquemas e mapas auxiliaram na organização das informações apresentadas, aproximando os profissionais da arquitetura do seu meio de comunicação, o desenho. Além disso, a orientação do texto em formato horizontal, possibilita que textos e imagens sejam compreendidos de forma proporcional, equilibrando a leitura.

5.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS

As dificuldades encontradas no estudo se relacionam com a compreensão do lugar a partir de características sensíveis, pois a experiência se modifica cada vez que o espaço é vivenciado. A preocupação com a descrição e interpretação dos detalhes também foi uma inquietação que acompanhou a pesquisa, pois a experiencição multissensorial não distinguia as sensações identificadas no espaço, que aconteciam em conjunto. A diferenciação dessas qualidades exigiu trabalho, assim como a estruturação das informações em texto e em ordem.

Outra preocupação foi a fidelidade das informações, de modo a discutí-las e descrevê-las com exatidão. Assim que as atividades eram experienciadas, imediatamente eram anotadas e descritas em texto, descrevendo os acontecimentos de forma detalhada. Muitas vezes, durante a escrita da dissertação, informações se repetiam, pela necessidade de apresentar as particularidades em momentos de interpretação. Por isso, inúmeras revisões foram realizadas, com o cuidado de adequar o texto para uma leitura agradável.

5.3 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Para pesquisas futuras, sugere-se interpretar outros lugares a partir da leitura sensível realizada, tanto por meio dos aspectos teóricos quanto processuais deste trabalho. A sequência de procedimentos metodológicos pode se aproximar desse estudo de caso, ou outros instrumentos podem ser adicionados à pesquisa. Diferentes abordagens podem ser criadas por meio de imagens, vídeos, diagramas e desenhos, despertando outras características do lugar. A forma de estudar o espaço depende de seu contexto e das atmosferas criadas pela relação entre rito e arquitetura.

Diversos questionamentos persistem ao realizar esse trabalho, pois ao organizar as ideias e materiais em textos e imagens, outras concepções de abordagem do estudo de caso surgem. Se o lugar for novamente observado, uma nova experiência será vivenciada e outras características, materiais e imateriais, serão percebidas nas atmosferas do espaço. A arquitetura como experiência, através das atmosferas, é uma contínua leitura sensível do lugar, que através das percepções, media a comunicação entre pessoas e ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christopher et al. **Uma Linguagem de Padrões**. Porto Alegre: Bookman, 2013. 1171 p.

ALMEIDA, Maristela Moraes de. **Da Experiência Ambiental ao Projeto Arquitetônico**: Um Estudo Sobre o Caminho do Conhecimento na Arquitetura. 2001. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/80057>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ARAÚJO, Cardeal Serafim Fernandes de. Apresentação. In: MORAES, Francisco Figueiredo de. **O espaço do culto**: à imagem da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009. p. 9-11.

ARAÚJO, João de. **Símbolo Litúrgico**: Pequeno subsídio para a formação de leigos, no que concerne a símbolos nas celebrações litúrgicas. **0**, 0, v. 0, n. 0, p.1-6, 01 ago. 2007. 0. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/SimbloLit.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. **O Que é Igreja**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. 149 p.

140

BANON, Patrick. **Para Conhecer Melhor as Religiões**. São Paulo: Claro Enigma, 2010. 178 p.

BEOZZO, Pe. José Oscar. História da Igreja no Brasil. In: ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. **O Que é Igreja**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. Cap. 6. p. 121-141.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Sobre a Fenomenologia**. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (Org.). PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCACAO: UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p. 15-22.

BROADBENT, Geoffrey. **Um guia pessoal descomplicado da teoria dos signos na arquitetura**. In: NESBITT, Kate. Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 2. p. 142-161. Tradução: Vera Pereira.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. 9. ed. Curitiba: Ufpr, 2008. 327 p. Tradução: Aloísio Leoni Schmid.

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do Projeto**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.a, 2002. 318 p.

BULA, Natália Nakadomari. **Arquitetura e Fenomenologia**: Qualidades Sensíveis e o Processo de Projeto. 2015. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CAZENEUVE, Jean. **Sociologia do Rito**. Portugal: Res Editora, 1985. 298 p.

CERBONE, David R.. Introdução: Exercícios de Abertura. In: CERBONE, David R.. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 11-24.

COELHO, Manoel. **Entrevista**. Curitiba, 2019. 1 arquivo mp3 (100 min.). [mai 2019]. Entrevistadora: Carolina Bini.

CNBB. **Cristãos no mundo**: 2,18 bilhões de pessoas dizem professar a fé cristã segundo instituto. CNBB: Igreja Católica Apostólica Românica. Brasília. 19 maio 2017. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/cristaos-no-mundo-7-bilhoes-de-pessoa-dizem-professar-a-fe-crista-segundo-instituto-de-pesquisa-pew-research/>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Edições 70, 2008. 208 p.

DISCHINGER, Marta. **Design for All Senses**: Accessible spaces for visually impaired citizens. 2000. 260 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Chalmers University Of Technology, Suécia, 2000. Disponível em: <<http://publications.lib.chalmers.se/records/fulltext/1233/1233.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

141

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 214 p. Tradução: Rogério Fernandes.

FONTOURA, Ivens. **Arte na PUCPR**. Curitiba: Champagnat, 2009. 210 p.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 280 p.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade**:: como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2018. 184 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008. 220p.

HALL, Edward T.. **A Dimensão Oculta**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 200 p. Tradução: Sônia Coutinho.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002. Pp.125-141.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: Como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOERNER JUNIOR, Valério. **História da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 1998. 209 p.

HOERNER JUNIOR, Valério. **História dos 50 anos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**: 1959-2009. Curitiba: Champagnat, 2009. 217 p.

HOLL, Steven. **Cuestiones de percepción**: Fenomenología de la arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2011. 64 p.

HOLL, Steven. El Croquis: **Steven Holl**, 1986-1996, n.78, 1996. In: ZAERA-POLO, Alejandro (Org.). **Arquitetura em Diálogo**. São Paulo: Ubu, 2016. p. 238-275. Tradução: Cristina Fino e Cid Knipel.

HUMPHREY, Caroline; VITEBSKY, Piers. **Arquitetura Sagrada**: modelos do cosmo, forma simbólica e ornamento, tradições do leste e do oeste. Colônia: Taschen, 2002. 184 p.

IBELINGS, Hans. **Supermodernismo**: Arquitetura na Era da Globalização. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. 144 p.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: Características gerais da população, r. IBGE. Brasil, p. 1-1. fev. 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_ao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Algumas Lembranças**. Curitiba: Champagnat, 2017.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Um jeito próprio de educar**: A formação cristã e marista na PUCPR. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2008. 127 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed Editora S.a, 1999. 342 p.

MALARD, M. L. **As Aparências em Arquitetura**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

MCCARTER, Robert; PALLASMAA, Juhani. **Understanding Architecture**. New York: Phaidon, 2012. 447 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura y Crítica**. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2007. 120 p.

MORAES, Francisco Figueiredo de. **O espaço do culto: à imagem da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2009. 190 p.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: Um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. Tradução: Prócoro Velasques Filho.

PALLASMAA, Juhani. **A Geometria do Sentimento: um olhar sobre a fenomenologia na arquitetura**. In: In: NESBITT, Kate. Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9. p. 482-489. Tradução: Vera Pereira.

PALLASMAA, Juhani. **Espaço, Lugar e Atmosfera: emoção e percepção periférica na experiência da arquitetura**. *Lebenswelt: Aesthetics and philosophy of experience*, Milão, v. 1, n. 1, p.230-245, 2014. Semestral. Disponível em: <<https://riviste.unimi.it/index.php/Lebenswelt/article/view/4202>>. Acesso em: 20 maio 2018.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. 125 p.

PALLASMAA, Juhani. **Hábito e Tempo: discussão da arquitetura háptica e sensual**. *The Architecture Review*, Londres, p.1-12, maio 2000. Mensal. Disponível em: <http://www.geocities.ws/mitchellmosesstudio/hapticity_and_time.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele: A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011. 76 p. Tradução: Alexandre Salvaterra.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018. 123 p.

PAPANNEK, Victor. Sentir a Habitação. In: PAPANNEK, Victor. **Arquitetura e Design: Ecologia e Ética**. São Paulo: Edições 70, 1995. Cap. 4. p. 83-115.

PASTRO, Cláudio. **Guia do Espaço Sagrado**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 263 p.

PINHEIRO, José Q.; ELALI, Gleice A.; FERNANDES, Odara S.. Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Cap. 3. p. 75-104.

SCHERNER, Leopoldo et al. **Capela da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. Curitiba: Champagnat, [198-]. Não paginado. Participação de: Pedro Antônio BERNARDI; Manoel COELHO; Edson Marcus de FREITAS; Ernesto MIKOS.

RAPOPORT, Amos. **Origens Culturais da Arquitetura**. In: SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony. Introdução à Arquitetura. Rio de Janeiro: Campus, 1984. Cap. 1. p. 26-42.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 246 p.

RICHARDSON, Roberto Jany. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 3ª ed, 1999. 334p.

SALES, Cardeal D. Eugenio de Araújo. **Silêncio na Liturgia**. Rio de Janeiro, p.1-2, 19 jan. 2007. Disponível em: <http://www.clerus.org/clerus/dati/2009-01/02-13/SILENCIO_NA_LITURGIA.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SOKOLOWSKI, Robert. O que é intencionalidade, e por que é importante? In: SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Cap. 1. p. 17-24.

SPEICHER, Betsy. **John Lautner e a Real Arquitetura**. 05/04/2018. Tradução de: Carolina Bini. Disponível em: <<https://www.theobjectivestandard.com/2018/04/john-lautner-and-real-architecture/>>. Acesso em: 02 maio 2018.

TOMÉ, Pedro Boléo. **A Missa Parte por Parte**. p.1-9, 23 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/MISSA.html>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

TOMÉ, Pedro Boléo. A Liturgia como Celebração. **Celebração Litúrgica**, p.1-4, 23 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/LITURGIACELEBR.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva de Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

YIN, Robert K.. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290 p. Tradução: Cristhian Matheus Herrera.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. 6. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009. 286 p. (Mundo da Arte).

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas: Entornos Arquitetônicos - As coisas ao meu redor**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. 74 p.

ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitectura**. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. 95 p. Tradução: Astrid Grabow.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES ATRAVÉS DE CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS

O quadro apresenta as diferentes observações durante horários de celebração na Capela nos finais de semana e durante dias de semana. Nesse período, a Capela foi observada interna e externamente e os registros foram a base para essa síntese. A relação das pessoas com os ambientes foi descrita a partir de atributos e as categorias fenomenológicas especificadas. Abaixo, o Quadro 3 apresenta a descrição das observações em detalhes.

Quadro 3. Roteiro e observações do estudo em campo.

	Categorias	Qualidades	Elementos	Descrição
1	Conexão com o lugar: ancoragem	Ambiente	Paisagem	O campus da PUC-PR em Curitiba está localizado próximo ao acesso principal da cidade, facilitando a chegada de alunos, professores e visitantes pela Av. Imaculada Conceição. Da rua, a partir da calçada é possível enxergar a fachada posterior da Capela (oeste), que tem três metros e meio de altura. Essa não se destaca na paisagem, pois o estacionamento de veículos que fica entre a Capela e a calçada dificulta a visão. Quando se acessa o campus e se vê a Capela a partir da Praça da Cultura, seu entorno é repleto de vegetação, enquadrando a geometria retangular do volume do edifício, que na fachada leste tem aproximadamente dez metros de altura. O cruzeiro, ainda mais alto é o principal símbolo sagrado no exterior da Capela.
			Clima	Na data da exploração, o dia amanheceu nublado, com o céu em tons de cinza e predominância de nuvens. A temperatura era de três graus, com baixa umidade do ar. Durante a manhã a fachada leste, que contém o acesso principal, se iluminou com os primeiros raios de sol. Ao passar das horas, por volta das 9h, as nuvens desaparecem, o sol surgiu e a paisagem da Capela se transformou com o céu em tons de azul. Durante o meio dia o sol predominou e a temperatura aumentou para 10 graus. Depois das 15h, a intensidade da iluminação natural diminuiu por conta da orientação do sol à oeste, que se escondeu entre as árvores na parte posterior da Capela. Às 17h, o sol desapareceu atrás da Capela e ao anoitecer o frio aumentou. As luzes externas e internas da Capela se acenderam e proporcionaram outra visão da fachada e volumes.
			Conexão com o lugar	A localização da Capela em relação ao entorno é estratégica pois fica na Praça da Cultura, que é considerada o centro cívico do campus, contemplando além da Capela, o prédio administrativo e a biblioteca, servindo de passagem para os demais blocos de ensino. Parte do fluxo de pessoas que

				<p>acessa a Universidade caminha em frente a Capela e algumas delas desviam o caminho para acessar o espaço sagrado.</p>
			Relação com o entorno	<p>A Capela se conecta com um amplo espaço aberto, a Praça da Cultura. No lado esquerdo da Capela fica localizado o Museu Universitário, que é tombado como patrimônio histórico estadual por abrigar anteriormente o hipódromo da cidade. Uma concha acústica foi adicionada ao museu, já que o antigo hipódromo possui uma grande arquibancada externa. Além dessa edificação, há a biblioteca, maior edifício da praça. Projetada pelo mesmo arquiteto da Capela, tem seu limite de acesso alinhado com a Capela, pois a ideia do arquiteto era que a Capela não perdesse a atenção para o novo edifício. No lado direito da Capela, existem bancos de contemplação para um bosque. Um dos limites desse lugar de permanência é a fachada lateral (sul) do edifício em estudo. Em dias quentes esse ambiente é fresco. No dia da exploração, realizada no inverno, as pessoas não permaneciam no bosque nos horários observados. Do outro lado da praça, de frente para a Capela está o edifício administrativo da Universidade. A localização da Capela reflete sua importância no campus, como um lugar de contemplação e reflexão na Universidade.</p>
		Contexto	História	<p>Concluída em 1985, é significativa para a Universidade, pois ganhou o título de pontifícia no mesmo dia de sua inauguração. Projetada pelo arquiteto Manoel Coelho, reflete a história da Universidade e da religião católica em seus símbolos e na arte sacra presente em seu interior.</p>
			Cultura local	<p>A maior parte dos estudantes e integrantes da Universidade são católicos e participam das atividades realizadas pela Capela. Observou-se a demonstração da fé da comunidade acadêmica em todo o tempo de permanência na Capela, assim como da comunidade que pode frequentar livremente o edifício.</p>
2	Espaço e tempo: movimento	Espaço	Cenários e perspectivas	<p>Perspectivas foram consideradas importantes para a observação do lugar através de cenários. Esses, foram baseados nas distâncias recomendadas por Gehl (2010) a partir da escala humana.</p>

		Tempo	Tempo de percurso	Diferentes percursos foram realizados na Capela. Se observou que os indivíduos que contemplam o espaço sagrado caminham devagar e parecem estar em reflexão. Geralmente, o percurso dura menos de um minutos, e o indivíduo se acomoda nos bancos ou se ajoelha no presbitério (em frente ao altar ou ao tabernáculo). A maioria das pessoas acessa a Capela e se direciona aos bancos da nave central. Algumas pessoas, mais emotivas, acessam a Capela e se direcionam para o tabernáculo, onde se ajoelham e fazem uma oração breve, mas mais perto dos símbolos sagrados. Os indivíduos que se direcionam a secretaria geralmente andam mais rápido e em uma única direção.
			Tempo de permanência	As pessoas que se acomodam nos bancos da nave central geralmente permanecem em contemplação e oração de três a cinco minutos. Quem se ajoelha permanece menos tempo na posição, pois é mais desconfortável do que se sentar. Quem se ajoelha no presbitério, diretamente no piso, permanece de um a dois minutos refletindo. Quem acessa a Capela sozinho permanece mais tempo e olha para o presbitério e painel.
3	Material e imaterial: Qualidades sensíveis	Material	Textura	Os materiais naturais são predominantes na Capela. O piso utilizado na nave e no presbitério são de diferentes padrões de granito, assim como a sédia, altar, ambão e tabernáculo. A madeira é o material dos bancos e do forro. Também compõe o desenho da porta e dos mobiliários existentes na Capela. O concreto é utilizado como estrutura e revestimento de forma aparente e polida. Os materiais forjados, como a cruz, a pia batismal, a lâmpada do santíssimo em metal e os vitrais são feitos à mão, considerando a forma tradicionais de produção. Cada material é visto em sua forma natural, verdadeira.
			Cor	As cores na Capela são neutras, valorizando os símbolos sagrados de cores vivas e brilhantes, como o dourado. Tons terrosos fazem menção à natureza através do piso de granito, da madeira dos bancos e forro, do amarelo nas pinturas e do vermelho ao azul nos vitrais.
		Imaterial (luz, som e temperatura)	Luz	Durante o dia, a visão do edifício se destaca com a forma da fachada, através dos brises em diferentes ângulos. Os vitrais são vidros escuros para quem vê de fora, mas internamente a iluminação natural é filtrada pelas cores dos vitrais, que vão dos tons de amarelo, passam pelo marrom, laranja, vermelho, verde e azul e refletem diferentes cores no piso polido em granito. Durante a noite, acontece o efeito contrário. Os materiais se tornam opacos e as luzes internas iluminam os vitrais na visão do exterior. A iluminação interna é indireta, através de spots de luz instalados no forro de madeira. A iluminação do presbitério é projetada para direcionar a luz nos símbolos sagrados, criando um foco e uma atmosfera de reflexão.

			Som	A propagação do som é distribuída de forma uniforme no ambiente da Capela através de caixas de som discretas instaladas no forro. Os ruídos externos são diminuídos pelas paredes espessas de concreto, criando uma atmosfera de contemplação e reflexão.
			Temperatura	Internamente, o clima se altera, pois a Capela possui espessas paredes e teto rebaixado, criando um microclima. No verão a Capela é fresca, mas no inverno se torna mais fria, pois sua concepção permitiu grande altura no centro. A ventilação natural circula pelas aberturas nos vitrais.
		Composição	Escala	Em relação ao campus universitário, a Capela se conecta com os demais edifícios e acolhe o pedestre em sua escala humana. Quando o indivíduo acessa a Capela, é recebido por um pé-direito baixo, e depois a altura aumenta no centro e no presbitério do edifício.
			Proporção	Em relação aos outros edifícios do campus, suas dimensões são pequenas, mas pode receber aproximadamente 500 pessoas. E em relação à escala humana, foi dimensionada para receber pessoas e quanto mais próximo do sagrado, mais alta é a Capela.
			Elementos simbólicos	O altar, ambão e tabernáculo são considerados por Pasto (2014) como os elementos fundamentais de uma celebração cristã. Para Moraes (2009), a pia batismal também deve ser considerada como um dos elementos principais. Na Capela, esses elementos são posicionados no presbitério, que se localiza no centro do espaço, e os bancos e cadeiras são direcionados a ele. A iconografia também faz parte dos símbolos, assim como o próprio edifício, que é considerado um espaço sagrado e por si só já representa comportamentos.
4	Atmosfera	Dinâmicas humanas	Atividades	As atividades que possuem movimentação e maior fluxo de pessoas na Capela acontecem durante as celebrações. Os gestos e mudanças de comportamento dos participantes movimentam o espaço sagrado, como a caminhada até o presbitério para receber a comunhão e o cumprimento entre pessoas em partes do rito. Quando não há celebração, as atividades são voltadas para os objetos simbólicos, e as pessoas geralmente refletem nos bancos ou no presbitério, com movimentos mais calmos.

Fonte: elaborado pela autora a partir de BULA, 2015.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA PARCIALMENTE ESTRUTURADA

A entrevista consiste em uma conversa, que pretende entender e descrever de forma sensível o projeto e obra da Capela Universitária Jesus Mestre, localizada na PUC-PR em Curitiba.

Para entender particularidades, intenções, e atmosferas do lugar, perguntas foram elaboradas para a conversa com o autor da obra, com o objetivo de conduzi-lo em meio ao seu projeto, contando sobre temas e acontecimentos durante o projeto e ao longo da obra. Os temas podem ser detalhados a partir de perguntas:

1. A arquitetura desenvolve durante a elaboração e evolução de um trabalho, um processo de projeto. Como funciona este processo para você?
2. Uma equipe foi formada para idealizar e projetar a Capela. O reitor, o arquiteto e o artista plástico. Como aconteceu essa relação e como cada um participou?
3. Quais foram as diretrizes para implantar a Capela desta maneira?
4. Em relação às atividades e ritos que acontecem na Capela, ou em um espaço sagrado, como foi pensado em relação aos espaços internos?
5. Em 1998, há relatos e documentos de uma reforma que aconteceu em alguns ambientes da Capela. Houve alguma intenção?
6. Que critérios foram levados em consideração na escolha de texturas, cores e materiais?
7. E em relação à luz e sombra, se considerarmos luz natural e artificial, há algo intencional?
8. Percebe-se a Capela de formas diferentes de dia e à noite. Houve uma intenção?
9. Se pensarmos nos outros sentidos além da visão, como eles contribuem na descrição da Capela?
10. Depois de descrever os detalhes, pode se falar da proporção, escala e percepção da Capela como um todo, como um conjunto que foi pensado a partir de percepções do ambiente desde sua construção até hoje.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA ABERTA

Manoel Coelho é catarinense e se mudou para Curitiba para estudar. Coursou na UFPR uma parte de Belas Artes e transferiu seus estudos para o curso de arquitetura, que na época era novo. Ao se formar, trabalhou na prefeitura de Curitiba juntamente à equipe de Jaime Lerner, então prefeito da cidade. É autor dos projetos de sinalização e comunicação visual da cidade e de vários edifícios, como o MON de Oscar Niemeyer e possui projetos de mobiliário urbano e logotipos em projetos públicos e privados. Ao longo de sua carreira projetou obras para algumas instituições de ensino, entre elas a PUC-PR. Uma dessas obras é a Capela Universitária Jesus Mestre, tema da entrevista a seguir. O arquiteto recebeu a pesquisadora no seu escritório, em sua sala. Depois, se dirigiram para a biblioteca, onde o acervo de livros e alguns projetos ficam guardados, junto com uma mesa central e uma televisão onde imagens de projetos se apresentam.

Legenda de participantes:

1. Entrevistadora: Carolina Bini
2. Entrevistado: Manoel Coelho

Part.	Conversa	Tópicos
1	Bom sr. Manoel, o que eu procurei sobre a Capela dizia respeito às concepções mais formais de projeto. Fui lá, fiz o levantamento da Capela, medi...	Introdução e propósito da conversa
2	Você esteve lá, que você falou?	
1	Estive. Eu decidi estudá-la em maio do ano passado. E aí fui levantando questões sobre a Capela, sobre espaço sagrado, sobre o (Cláudio) Pastro, tudo o que eu achava. E em agosto eu fiz um estudo exploratório. Então em agosto fui conhecer a Capela. Fiquei lá três dias reconhecendo o lugar. E a gente tem todo um método de pesquisa, fotografei, externa e internamente...	Descrição do estudo exploratório

2 Ah que legal...

1 E fui estudando a Capela. Então, estudei e fotografei para o estudo exploratório. E de agosto a outubro eu fui delineando o estudo que eu ia fazer mais aprofundado. Li sobre o arquiteto, li sobre o artista, li sobre o reitor, li sobre a PUC, fui procurar a história da PUC para entender mais sobre. E em outubro eu voltei e fiquei uma semana dentro da Capela. Eu revezava dias e horários...

2 Poxa, tudo isso?

1 Sim, tudo isso, sete dias observando as pessoas. Então...

2 Ela é bem frequentada né? A comunidade, todo dia...

1 Sim, bem frequentada. Tem missa todos os dias às 7h20 e 18h20 e quinta-feira missas mais esporádicas, ao meio dia. E depois disso, quando o rito, a missa acaba, as pessoas ficam rezando... muitas pessoas vão ler na Capela. Eu sentei nesse último banco (a entrevistadora aponta na planta baixa onde sentou). Aqui eu ficava...

2 Ah é? Para observar...

1 Então as vezes eu chegava às 7h20 e saía meio dia. As pessoas chegavam para a missa e iam para a aula, alguns ficavam... Aí o movimento era pouco e daqui a pouco, no intervalo da aula, chegava mais gente. Ao meio dia muitas pessoas ficavam lá, meditando mesmo. Sempre sozinhas... fiquei observando. E algumas dúvidas foram surgindo durante a observação, tanto do projeto quanto dos ritos que lá aconteciam...

2 Aham...

1 E o que eu queria saber do senhor, de você... eu acho que a gente pode começar falando do processo de projeto. Como o senhor projeta, desenha, como que começa... e depois, sobre a Capela, como que ela foi implantada, por que, como foi a relação de vocês três, do reitor, do arquiteto e do Pasto (que fez a iconografia).

2 Na verdade, você já falou no reitor várias vezes, mas o irmão Clemente Ivo Juliatto é o grande cara das obras da PUC. Na época, ele ainda era o pró-reitor de planejamento. O reitor era o professor Euro Brandão. É que a PUC tem uma coisa assim... que o reitor, sempre foi uma figura meio representativa

Descrição da
observação sistemática

História da relação do
arquiteto com a PUC

da... como é que eu posso dizer, da religião, do arcebispo, da congregação. Só esse Irmão Clemente Ivo Juliatto é que quebrou a coisa. De repente ele foi reitor. Ele ficou doze anos. Mas era o cara, que desde o começo... das obras, da cabeça...louco por obra...

1 Porque surgiram várias né... a Capela, a biblioteca...

Quase tudo aquilo que você viu lá... quase tudo. Eu cheguei antes, eu cheguei na PUC em setenta e quatro (1974) e esse irmão chegou em setenta e cinco (1975), se não me engano. Eu cheguei e fiz o primeiro... eu fui chamado para fazer aquele primeiro bloco didático, de ciências humanas, de frente para a rua principal. E depois fui ficando, fui ficando, e até hoje a gente está fazendo coisas para a PUC... ainda.

2 Outro dia, um desses temporais que deu... entrou água no teatro, no TUCA, que fica num desses blocos e nós estamos fazendo (a reforma). Agora faz tempo que eles não fazem obras grandes. Porque essa coisa do ensino deu uma parada também.

Então esse irmão Clemente Ivo Juliatto foi um cara assim... Claro que aí ele não é citado porque o cargo dele era o cargo de pró-reitor de planejamento.

1 Sim, o mais citado é o Euro Brandão.

É, o Euro Brandão era o reitor. Daí o reitor é aquele cara que tem contato com os alunos, que cuida do ensino e tal, entende? E tem uma outra pessoa, não é nem cargo, mas que toca... Agora também é assim. Você tem o camarada que é o Irmão Délcio hoje, que é o cara da congregação marista que é o “bambambã” de tudo, mas tem o reitor que é o cara do ensino. E hoje, o Dr. Waldemiro Gremsk, que é um pesquisador, ele é bioquímico, uma coisa assim (histologista). Então há um pouquinho essa... hierarquia.

2 Então esse Irmão Clemente Ivo Juliatto era uma cabeça incrível e a maioria dessas obras... e a Capela, não sei se você sabe, é... eu sempre chamei isso aí de Praça Cívica, no campus, porque quando me chamaram, foi para fazer aquele bloco...assim: “não, faz um projeto aqui desse...” Eu falei: “calma. Tem que pensar no todo, tem que ter um plano”. Aí eu fiz... até não tem nada guardado, mas eu fiz um rabisco de um zoneamento. Você pode ver lá que se tem a área de esportes, tem todo esse setor cívico, o centro cívico que tem a reitoria, depois veio a Capela e depois veio a biblioteca. E tem o setor didático. E do outro lado do rio tem um setor de laboratório.

E, o Irmão Clemente, que já era reitor... não, ainda não era reitor. Essa Capela foi feita porque a PUC estava atrás do título de Pontifícia... E eu tinha uma relação muito boa com ele. Eu digo tinha por que ele é um pouquinho mais velho do que eu, mas andou muito doente e tal, e eu também estou. Por isso que eu te falei...

1 E por isso eu agradeço a entrevista.

Não, fiz questão de te receber Carolina, mas eu tenho vindo muito pouco no escritório... mas essa é outra história.

2 Então, a Capela foi feita... assim... para eu te falar... você falou em como é que eu trabalho, como é que... eu acho assim, na verdade a gente não tem, eu não tenho assim... dizer “ah, um método e tal”. Nada disso. É uma coisa intuitiva, é uma coisa assim que me parece muito natural. No momento que você enfrenta um problema de arquitetura, você vai procurar saber...que nem você está fazendo...tudo sobre esse tema. Vai se informar do que tem, do que existe e ver exemplos, ver como outros arquitetos resolveram esse mesmo problema, analisar cada projeto, ver o que você acha que o cara acertou, definir e identificar o que o cara não conseguiu resolver e aí vai. E aí partir para a tua própria solução, tua própria proposta para aquele tema.

Concepção
arquitetônica

Então, esse tema aí (a Capela), eu dei aula até me aposentar na Federal (UFPR), no curso de arquitetura... me formei na Federal na primeira turma...e eu dava, no terceiro ano, que era o ano que eu dava aula, eu dava um tema que os alunos adoravam que era a Capela não sectária. Era uma Capela que... (o arquiteto aponta para o quadro na parede, da Capela ecumênica na Universidade Positivo). os alunos adoravam esse tema.

Sobre a docência

2 Esse é um tema aparentemente pequeno, simples, mas...é um negócio muito complicado. Você criar um espaço aonde a pessoa entra num... mergulha no seu interior, procurando se aproximar das coisas que a pessoa acredita, das coisas que são superiores e tal, então não é nada fácil. E isso não tem uma forma definida né. Você tem no mundo são grandes catedrais, que o espírito é um pouco outro. Enquanto que uma Capela desse tipo é um pouco diferente. E aqui tinha a responsabilidade também, de que como é uma Universidade Católica, ela tinha que realmente representar a religião que na verdade carimba essa Universidade.

Concepção
arquitetônica

Então tudo isso era muito difícil. Mas, foi saindo. Foi, a partir de um lugar que ao mesmo tempo é intimista, e a posição onde ela estava, que fui eu que escolhi também...eu tinha uma perspectiva, até vou te mostrar. Eu separei o projeto para te mostrar. Já está tudo arrumadinho. Eu fiz isso ontem.

Então, essa expressão dela, essas placas, é como se a Capela estivesse chamando as pessoas. Vinde a mim. Vinde por todos os lados. As placas e tal e principalmente na fachada principal, né, que é a que dá para a Praça Cívica, onde ela tem essa forma, um trapézio. Alguns chamam de triângulo, mas não tem triângulo nenhum. É um trapézio. Tanto no sentido espacial, volumétrico, quanto se você olhar nas fachadas laterais. Então essas placas são nesse sentido. As pessoas e tal sendo chamadas e principalmente para o campus, que afinal ela é a Capela da PUC, voltada para os estudantes da PUC principalmente. Mas também para a comunidade. Isso aí desde o início era o princípio.

Então ao mesmo tempo em que ela chama, ele (o Irmão Clemente Ivo Juliatto) queria uma certa capacidade, se não me engano cabem umas quinhentas pessoas. Então, como essa fachada principal ela é mais alta e tal, aquela entrada, de pé-direito mais baixo, aquilo ali foi um pouco uma “liçãozinha” do Oscar Niemeyer, da Catedral de Brasília, que você entra num túnel e de repente oh, tem uma surpresa. Não tenho mínimo incômodo de dizer, né, é com a humildade do mestre que a gente aprende as coisas, porque eu analisei e conheci antes. Então, aquela coisa de além de...como não cabia a capacidade toda embaixo, eu tive que criar um outro piso em cima. E aproveitei para você ter aquele hall mais baixo, uma pia batismal que é desenho meu, aquele Santo Antônio (acima da pia batismal), que é um dos padroeiros lá, de um artista muito amigo meu, Fernando Calderari, e aí de repente você abre para aquele espaço maior e tal e vê aquele painel no fundo, do Cláudio Pastro e tal.

Então eu acho que...o material concreto eu sempre gostei muito do concreto, é um material natural, que não precisa de revestimento, foi de execução um pouco difícil, por causa daquelas placas inclinadas. (o arquiteto olha para a foto da Capela)

Materiais

1 Sobre o reflexo, eu fui à missa do sábado, que é as 17h, então ainda não anoiteceu, e o sol se põe aqui. Então o sol estava se pondo, e estava iluminando o prédio da reitoria na frente, e refletia na Capela. E lá dentro, na missa, havia uns reflexos...e eu pensei, de onde vem essa luz?

Observação da Capela

2 Está vendo...uma coincidência.

1	É... e olha que lindo.	
2	Poxa vida, essa eu nunca tinha visto.	
1	E essa luz ainda faz uma reflexão no painel de trás do presbitério, refletindo o sol também. É lindo.	
2	Bom, eu tenho os desenhos ali. Quem sabe a gente pudesse continuar ali (na biblioteca do escritório). Traz tua listinha e tuas coisas.	
1	Sim.	
2	Olha só (mostra as pranchas do projeto), isso tem mais de trinta anos (1985). Eu acho, e nessa época, ninguém fazia um projeto com tanto detalhe, entende? Então isso aqui é minha pasta de projetos. Eu tenho um arquivo lá em cima...então, a Capela da PUC. Você vê, tudo isso, todos os detalhes. E na época, não tinha computador. Era tudo a mão, no nanquim, no papel sulfurize, a lápis... olha a diagramação da fachada.	Apresentação das pranchas do projeto original
	Eu não sei se eu interrompi, se você queria dar outra ordem pela tua lista.	
1	A ordem é falar sobre o processo de projeto, que a gente tá olhando, falar sobre os materiais, e sobre... isso aqui acho que dá pra colocar ali. Acho q a gente pode continuar assim sem problemas.	Organização da conversa
2	Então Carolina, aqui está passando um filme sobre os meus trabalhos.	
1	Esse aqui é o meu trabalho. Eu trouxe para o senhor ver. Depois de falar da Capela e de tudo que aconteceu nos percursos, quais eram os percursos que eu fazia na Capela, vários painéis foram formados, sobre vários temas. O entorno...	Tema do mestrado
2	Isso aqui (aponta para o hipódromo) eu tenho um projeto que não foi executado, que transforma isso aqui no local da orquestra da PUC...eles têm uma orquestra. Então isso aqui como era um edifício tombado, eu fiz tudo com... chamei de palácio de cristal, porque era tudo de vidro e tal.	Apontamentos sobre o entorno
1	Então, foram painéis de entorno, as cores que eles tinham, as texturas que existiam, foi algo mais sensível e imaterial. O que acontece com o vento, com a luz, qual a percepção da Capela de dia e a	Reforma da Capela

	noite, a arte, a iconografia, as escalas, aproximações...e inclusive também depois o senhor participou da reforma? Em 1998 a Capela passou por uma reforma.	
2	Não me lembro.	
1	Esse era o painel (atrás do presbitério)...	
2	Ah tá, lembro.	
1	Esse era o painel, (aponta para a foto) e esse era o presbitério. Os bancos foram envernizados.	
2	Ah lembro, lembro. Agora me lembrei.	
2	E esse é o painel do reitor, prof. Euro Brandão. Ele também pintava e fez isso aí especialmente para a Capela, a via sacra.	Via sacra
1	Aqui os vitrais, lindos (aponta para a foto da Capela).	
2	Os vitrais eram aquela ideia da transparência e da luz filtrada. E você veja, com aquele efeito que você me mostrou hoje do sol, mais uma visão.	Vitrais
1	O que formei com os estudos foram as características sensíveis da Capela, além do material, além do concreto, além das texturas, o que que ela nos mostra? O que ela tenta nos apresentar? Então não tem muita sequência. A gente pode ir falando sobre.	Organização da conversa
2	Bom, eu separei... estive ontem aí, então aqui é o arquivo...e no arquivo são as pranchas da obra e de prefeitura, aí com nanquim e tal que tem que ser.	
1	E o porquê desses brises?	
2	Era a ideia de chamar as pessoas, de viver gente de todos os ângulos, de várias categorias sociais e daí vai. E aqui tinha a gárgula, também.	Concepção arquitetônica

1 Hoje eu descobri a gárgula. Eu estava em dúvida... eu já tinha visto, mas em todos os dias que eu fui não tinha chovido como chove hoje. Aí não saía água ali. E eu ficava pensando, será? Hoje cheguei lá com essa chuva e vi...sim...escoa.

2 E sabe por quê? Porque a cobertura é uma laje inclinada. E aqui o detalhe da gárgula. Então, nessa planta que eu digo, como se fossem mãos (os brises), dizendo venham a mim e tal. Aqui então aquele hall que eu falei, com a projeção do mezanino, aqui a pia batismal...aqui já teve casamento, já teve batismo, já teve um monte de coisa nessa Capela, que eu sei. Eu não sei quem é o hoje o pároco dessa...tinha uma época que era um americano, o irmão Patrick.

1 Agora são dois, padre Luciano e padre...agora não me lembro. São dois padres mais jovens.

2 Acho que eu não conheço. Então é isso, o projeto, a obra.

Vegetação

1 O que eu percebi também é que tem muito verde né, com alguns canteiros, tanto externos quanto internos.

2 Inclusive, deixa eu ver aqui... você falou e eu me lembrei, ó, era uma das soluções, com o mezanino e a floreira. Veja, as placas menores... então teve vários estudos. Isso aqui era um detalhe... detalhe do corrimão, mas, eu tinha uma perspectiva... (procura a prancha). Ó isso aqui, foi bem antes em 83 (1983), aqui era uma ideia dessa praça cívica, lá os blocos didáticos, aqui o ginásio de esportes, que foi uma das primeiras construções. O prédio da reitoria, e aqui era uma Capela, aqui a biblioteca e aqui era um grande teatro, que eles não fizeram até hoje. Eu cheguei a fazer vários projetos, onde hoje é a arena digital.

Concepção
arquitetônica e entorno

E o teatro que eles não fizeram, e depois se arrependeram quando a concorrente, a Universidade Positivo fez o maior teatro do Brasil, e a PUC foi passando, foi passando, e aí resolveram fazer o teatro aqui nessa ponta (do bloco didático), o TUCA, o Teatro da Universidade Católica, aí claro já foi uma coisa adaptada, e foi nesse que entrou água agora e a gente tá refazendo.

1 Olha, o teatro ia acompanhar o desenho da Capela...

2 Pois é. Aqui, em outro estudo, a placa já tinha essa viga...e a floreira.

1	Essa aqui com os verdes, presente né,	
2	Ah sim, esse Irmão Clemente era um cara... tudo que você vê de arvore lá foi ele que plantou.	
1	Inclusive aquele bosque ao lado?	Vegetação
2	Não, aquele bosque existia. O ruim da PUC era o terreno. Era um tipo de solo muito ruim. Na beira do rio, era um lamaçal.	
2	Olha aqui... (outro estudo) olha que coisa feia.	
1	Mas é assim que se chega no resultado né.	
2	Sim. Até que chegou naquele mais parecido com esse aqui. Porque além de tudo, lá na PUC, era tudo com muita pressa. Tudo tinha que estar pronto e tal, sabe.	Concepção arquitetônica
2	Bom, então...aqui um corte, ou os cortes né, no sentido... aqui estão as vigas, porque são uns vãos grandes. E aqui tem uns travesseiros, para sustentar a laje e aqui o mezanino.	
1	E esse forro aqui já foi pensado para a acústica?	
2	Ah sim, também. Dá uma reflexão boa. Tanto que já fui em concerto lá dentro...	
1	C. Então se formos olhar, a pessoa chega no pé direito mais baixo e se surpreende com...	Acesso
2	Exatamente. Aqui é baixinho, uns 2,40m (no hall).	
2	Olha só, aqui foi o projeto dos bancos. Os bancos ainda são os mesmos. Claro, o troço é pesado para burro. Eu descobri um cara, em São José dos Pinhais, uma marcenaria, que tinha estoque de madeira. Então isso aqui são pranchas, de madeira bruta, de madeira... peças únicas. Embora antigamente se pensasse um pouco diferente. Mas... na época era assim. Há trinta anos... Então, sempre foram umas coisas detalhadas olha só, o acabamento, o genuflexório, então tinha uma preocupação com a ergonomia.	Mobiliário
1	Então depois que o sr. definiu o projeto começaram as escolhas de materiais, layout...	Desenho

2	Sim, foi tudo direto. Aqui veja, tudo a lápis, aqui ainda tinha um pouco de tinta. Aos arquitetos de hoje as vezes eu mostro por curiosidade. Hoje os projetos estão cada vez mais simples e mais rápidos.	
2	Então aqui o layout...	
1	Essa forma (do presbitério) foi o sr. que projetou, ou houve reunião com o Pastro?	
2	Sim, teve reuniões. Mas já tinha essa coisa da parede curva.	Reuniões com Cláudio Pastro
1	Porque quando estou sentada aqui, ficou pensando... O que ele pensou primeiro, a forma? As atividades?	
2	Porque ele é um cara que fez várias Igrejas, é um cara da cúria, dos padres e freiras e tal... vivia disso.	
1	Eu percebi que os materiais são sempre naturais... a madeira, o piso de granitos, os fechamentos em concreto...	Materiais
2	Sim, sim. O granito do piso... o Irmão Clemente sempre dizia... vão nos xingar porque é caro o granito... Mas é eterno, para a vida toda.	
2	Aqui o layout principal... o detalhe dos armários. Esse aqui, ao mesmo tempo... a gente fez aquela concha acústica naquela arquibancada existente.	Layout
2	Ó, essa é a praça cívica, aqui é o prédio da reitoria, então eu estudei uma praça para a Capela, tá vendo?	
1	E aí a paginação no piso veio naquela época também?	Praça da Cultura
2	Também. Aqui já uma paginação para depois fazer os vitrais...	
2	E daí, Carolina, eu tô falando porque olha... aqui, tá vendo? (mostra o vídeo). Essa Capela do campus do Positivo, quando a gente fez, a gente foi contratado pra fazer um plano diretor. Então quando fizemos a maquete eu falei para o pessoal... vamos colocar uma capelinha ali... quem sabe, um dia...	Capela da Universidade Positivo

1	E o sr. tem um preocupação com a luz né..	
2	Ah sim, a luz natural. Aqui, por exemplo, (na Capela do Positivo) era tudo de vidro, justamente para ter essa integração com a natureza, mas calma lá, o sol e tal... e aí surgiu esse brise. E aqui, (na Capela da PUC) os brises também atenuaram um pouco.	Luz
1	Os vitrais também ajudaram.	
2	Ah, sim, pegam o sol da manhã e o poente é lá. E ela tem uma forma forte. Nunca vi uma Capela assim, com essa forma. Isso aqui é a planta do forro, de iluminação.	
2	Aqui, a praça. Isso aqui foi para a Pontifícia. Esse símbolo da PUC, fui eu que fiz também. E quando virou Pontifícia, esse Irmão Clemente veio e falou que agora esse símbolo tinha que ter o Vaticano. Aí aquele símbolo do Vaticano todo cheio de... e pensei meu Deus, como é que eu vou fazer. Aí acabou saindo isso e tá lá até hoje. Mas ainda é forte isso aqui (o símbolo anterior do livro). Simples, forte. O corpo discente, o corpo docente, um livro aberto, a cruz, a forma humana e assim vai. E aqui os aparatos do Vaticano. As chaves de São Pedro...	Símbolo da PUC
2	Então aqui era essa ideia da praça toda, ligando com a concha acústica, e aqui não tinha a biblioteca ainda. A biblioteca apareceu depois. Eu tive muita preocupação... a biblioteca teve muito <i>in loco</i> com o Irmão Clemente, com a trena na mão, porque me preocupava... eu não queria que a biblioteca passasse dessa linha da Capela, e acabou passando um pouco... ela tem um recuo, então não... eu não queria que ela ofuscasse a Capela. Queria que ela formasse o conjunto todo.	Biblioteca da PUC e sua relação com a Capela
1	E não ofusca. Os materiais são diferentes e a disposição dela é diferente. A Capela convida e a biblioteca tem essa forma de fechamento.	
2	Exatamente. A biblioteca é para dentro.	
2	Aqui a modulação daquela estrutura, a escada, os canteiros... Veja, olha a preocupação com tudo. Com o apoio desse Irmão (Clemente). Ele era bem detalhista e tal.	Detalhes da Capela

Deixa eu te contar uma curiosidade. Quando ele me pediu o projeto da biblioteca, ele me falou: puxa Coelho, você sabe né, o Parthenon, para fazer a nossa biblioteca. Ih, meu Deus do céu, logo eu fazer colunas jônicas, dóricas. E daí pensei no meu escritório: como é que eu vou fazer. Daí fiz uns rabiscos, que deve ter aí. A biblioteca fez esse ano 25 anos. E aí apresentei lá até numa exposição. Bom, pensei, então o que ele quer é um prédio que nem o Parthenon, que virou um clássico da arquitetura, e que represente uma dignidade, uma imponência... então não é a coisa material. Aí surgiram esses pórticos de granito, como se fossem umas colunatas, para marcar a grandiosidade da biblioteca.

2

Você acredita, Carolina, que vinte anos depois quando eu fui fazer a biblioteca do Positivo, o reitor chegou para mim e falou: então Coelho, você conhece a biblioteca de Nova York? (Risos) As colunas... as colunas... o frontão, os leões, falei: não, tudo bem, já tava escolado... daí tive uma saída também... Mas a UFPR foi feita numa época em que era normal as pessoas repetirem e aí em Santa Felicidade (bairro de Curitiba) tinha um restaurante que tinha umas colunas assim, uma coluna cortada no meio. Aí brinquei com o reitor do positivo: Ah, você quer que nem aquele restaurante e ele: não, não, não... e aí tirei de letra.

Relação com o cliente

Porque o arquiteto, na sua vida profissional, ele depara muito com esse tipo de coisa. A madame que vai com a revista Claudia e não sei o que... quero essa sala... essa fachada... e que não sabe como sair dessa coisa. E o arquiteto acaba entrando. Ah, a sra. quer assim? Então vou fazer. Aí pega copia e tchau, muito mais fácil de agradar. É muito mais difícil fazer isso, digamos, achar uma solução e entender qual é a intenção do cliente, da pessoa, ver o que ela realmente quer. Ela queria um prédio com a dignidade do Parthenon. Ainda me procuram muito. E a biblioteca do Positivo superou. Porque era em outro momento, vinte anos depois.

162

Mas também é isso que a gente tanto discute. A gente sempre chega na essência do ser humano. O que ele quer? Ah ele quer a coluna dórica do Parthenon, mas por quê? É a imponência. Não é o material que interessa é o imaterial e o significado que está por trás daquilo. E é bem nisso que cheguei na Capela.

1

Busca pelo significado da obra

E foi isso que foi feito naquela época, procurando isso. Um lugar importante, imponente, e dois mil anos depois a pessoa continua procurando. E vinte anos depois, no Positivo, o reitor estava procurando isso também.

2

Apesar de as biblioteca ultimamente não estarem se apegando tanto ao livro. Essa coisa da internet, a biblioteca ainda é o local do conhecimento.

1 E quando a gente não acha o q precisa, na internet, vai pro livro.

Bom, aqui tem mais algumas coisas. Isso aqui tá lá como um marco que eu fiz, e tem a placa de granito, para marcar a Pontifícia, esse totem. Pois é, não pensa que saiu assim na máquina... vai aí e sai uma placa de bronze.

2 Aqui o projeto da pia batismal, ficou muito bonito essa concha de cobre. Você olha ali e tá na cara que é a pia batismal e fica na entrada, no começo da vida.

Aqui detalhes, aqui os vitrais laterais. Tudo foi detalhado, pensado.

1 Essas foram minhas dúvidas na observação da Capela. Será que essa forma foi intencional? Os materiais foram escolhidos por serem todos naturais, ou é só coincidência?

Detalhamento da
Capela

2 Sim. Eu desenhei a estrutura para os quadros do Euro Brandão.

Aqui as floreiras e os formatos. Desenhei as luminárias para a praça...

2 Até o edital, aquele painel que tem na lateral da Capela eu desenhei, para comunicar avisos e tal, a programação...

2 Aqui a floreira interna, que ficava para dentro. A escada, o cruzeiro.

2 Eu tô, ainda ontem eu tava pensando... outro dia... tem um Irmão lá agora, não sei se você cruzou com ele, ele é o pró-reitor comunitário, se não me engano, Irmão Rogério. Esse Irmão, em uma reunião, que eu estive lá... Isso aí Carolina, foi no ano passado, aí ele falou da Capela e tal, ele falou: puxa Coelho, poderia ter um campanário, um lugar para o sino e eu fico pensando, sabe. Porque aquela cruz ali é tão marcante que o campanário não pode ser... tem aquele bosque do lado, então não tem muito lugar para... eu já cheguei a dar umas rabiscadas e tal, mas nenhum dos desenhos me empolgou muito, sabe. Mas eu fico pensando, de repente quando vir uma ideia legal eu vou levar pra ele.

Futuro campanário

1 Aquela cruz é marcante, dependendo do lugar que estamos no campus, conseguimos ver.

2 Pois é, exato... e vê da rua. Então, digamos, claro, o campanário tem um significado, de chamar as pessoas e tal, mas aquela coisa marcante já... e também porque, afinal, a Capela é da Universidade e também da comunidade. Eu vejo razão para ter. Eu fico pensando, já rabisquei algumas coisas, mas ainda não cheguei em uma solução.

1 Mas junto à cruz ou separado?

2 Não, separado. Justamente para não interferir. Eu cheguei até a pesquisar a fábrica de sinos, como funciona o equipamento, enfim. Hoje é tudo automático em computador.

2 Bom, aqui eu te mostrei então... isso aqui eu faço questão de mostrar, porque as pessoas veem uma obra daquela ali, claro que eu não preciso te dizer, mas pensam que aquilo ali saiu assim de um desenho, de meia dúzia de pranchas, uma planta, um corte, e não é bem assim né, é tudo pensado. E o escritório, sempre foi, eu sempre me preocupei muito com isso, com detalhamento e tal. Cada projeto...

Importância do projeto
arquitetônico

2 Esse aqui é um livrinho. Esse aqui é um cara, acho que ele até já faleceu. Ele é gaúcho... Xavier. Ele fez a "arquitetura moderna em Curitiba", fez em São Paulo, fez em Porto Alegre...e tem a Capela ó, tem mais uma obra minha, que é uma casa, tem o ginásio de esportes da PUC se não me engano também. Mas eu me lembrei da Capela, por isso eu separei.

164

1 Mas que registro bom.

2 Pois é, tá registrado.

2 E era então, na época, a arquitetura moderna em Curitiba. Você veja, no preto e branco, mas registrado.

Publicações

2 Bom Carolina, e o que mais?

1 Bom Sr. Manoel, é isso.

2 É isso né, acho que te mostrei tudo.

Agradecimentos

1 Sim, e era isso que eu estava procurando. Pensar na pessoa ao projetar a arquitetura, pensar em como a pessoa que vai frequentar vai se sentir...

2	É, é que a arquitetura é feita para o cidadão, para a pessoa, se não, ela não existiria. E para várias funções, várias necessidades do ser humano. Então acho que é isso que... e sem a presença da pessoa não há arquitetura.	Definição de arquitetura
2	É isso... eu fiquei muito contente com teu convite, e eu levei meio que como uma obrigação te atender, sabe. Porque eu sempre tive isso na minha vida profissional, sempre gostei muito e dei aula muito tempo, quase 30 anos, eu sempre gostei muito dos alunos, fui coordenador de curso de arquitetura da Federal (UFPR) várias vezes, fui chefe de departamento e sempre, a escola, sempre foi uma coisa... enquanto eu estava na Universidade, eu praticamente... de manhã eu vinha para o meu escritório, que era no centro, às 7h da manhã, deixava meus filhos na escola, encaminhava as coisas e as minhas aulas começavam às 9h20. E daí, naquela época você ia em 15 minutos até o centro politécnico. Hoje você não poderia fazer isso. Então eu sempre curti muito a escola. E outra, esse curso, claro que no final mudou um pouco, mas você tinha aula de projeto todo dia. Hoje você tem um dia, dois no máximo. E era das 9h20 às 12h20, eram três horas de desenho, de projeto, de discussão. E a coisa tá ficando... já tem curso à distância, uma vergonha.	Vida profissional no escritório e na docência
2	Então, eu sempre gostei desse contato e me senti na obrigação quando você me convidou, e agora fico mais contente ainda em ver o seu trabalho e a pessoa simpática que você é e eu acho que tudo isso faz parte. E teu convite era assim... convocativo. Fui convocado e eu disse, eu tenho que atender essa menina. E como te disse, eu tenho vindo pouco ao escritório e fico muito contente, tá me fazendo muito bem essa conversa que tive contigo sobre arquitetura. Veja se tem mais alguma coisa na sua relação... e isso aqui (aponta para o projeto) Carolina, se você quiser, não sei se você vai ficar mais tempo em Curitiba, se quiser fotografar, tudo aqui eu posso deixar disponível mais tempo.	
1	Ver o projeto original foi muito importante. Agradeço muito.	Agradecimentos
2	<p>Roberta, veja o livro, para essa menina simpática, investigativa. Pensei num livro pra deixar tudo... as referências, aqui tem o Éteo Leon, é um jornalista de design de São Paulo.</p> <p>Uma característica do escritório é a comunicação visual. Eu acho, que fui o primeiro arquiteto do país a definir o nome do escritório como arquitetura e design. E na verdade no começo eu não gostava dessa</p>	Apresentação do livro de 45 anos do escritório

palavra em inglês, até que uma hora definiram que design seria o nome dos cursos, na falta de uma palavra em português.

2 Isso aqui é um arquiteto daqui e tem do Hugo Segal um texto. Aqui o histórico, minha posse na coordenação do curso de arquitetura, aqui Curitiba, trabalhei desde o começo com a equipe do Jaime (Lerner) e tal... Esse aqui sou eu, estudante, no terceiro, quarto ano, entramos na bienal internacional de escolas de arquitetura. Ganhamos a medalha de prata. Pela primeira vez um painel, da construtora de um amigo meu... pintei o tapume, que participa da paisagem urbana. Aqui o símbolo da PUC, era Universidade Católica do Paraná.

Em Criciúma... o prefeito dessa época que eu fiz todo o trabalho se formou comigo. Aí ele foi eleito e eu boleei a campanha dele, e ele ganhou a eleição. A campanha era “vamos dar cor à Criciúma” ... aquela coisa do carvão, cinza... Até hoje tá lá no time de futebol.

2 Em Urussanga também fiz um trabalho. Levei os alunos pra olharem levantar a estrutura metálica do ginásio de esportes. Eu tive muito isso, levar os alunos na obra e tal. Também não se faz isso hoje. E aí vai... Aqui, no escritório dele (Oscar Niemeyer), eu e a diretora do MON. Ele tinha 95, 96 anos, por aí... e daí vai Carolina... Aqui em Curitiba, na equipe do Jaime. Fiz muita coisa pra Curitiba, a praça Ozório, boleei todas as marcas, rodoferroviária, primeira sinalização da cidade, e foi a primeira cidade do Brasil que teve projeto de sinalização. Isso é arquitetura. Depois vem a PUC, a Capela... e daí vai...

Então Carolina, foi um grande prazer pra mim, eu tinha que te atender...

1 Eu que agradeço. Essa conversa foi fundamental, essencial para entender o projeto, nada melhor que o autor para explicar. Obrigada.

Finalização



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O TCLE respeita as resoluções nº 466/2012

O Sr. está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada: **QUALIDADES SENSÍVEIS NO ESPAÇO SAGRADO – ARQUITETURA COMO EXPERIÊNCIA: ESTUDO DE CASO NA CAPELA UNIVERSITÁRIA JESUS MESTRE EM CURITIBA - PR**, que tem como objetivo interpretar qualidades sensíveis no espaço sagrado, que caracterizam a arquitetura como experiência.

A pesquisa, com término previsto para agosto de 2019, é integrada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e tem como pesquisadora principal a mestranda Carolina Bini.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está vinculado ao CEPSH, que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Sua colaboração nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista, que será gravada para posterior transcrição. Também haverá registro de atividades em imagem e vídeo. Todos os dados coletados (gravação, fotografia e vídeo) serão guardados por cinco (05) anos e posteriormente eliminados.

Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma precisa, isto é, haverá rigorosa fidelidade à transcrição de suas palavras, em qualquer fase do estudo. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Ciências Sociais Aplicadas.

O possível risco e desconforto que a pesquisa poderá trazer ao Sr. é o constrangimento de ser entrevistado ou ainda fotografado e filmado. A fim de evitar ou reduzir efeitos e condições adversas, a pesquisa garante que suas opiniões e pontos de vista serão expostos publicamente, com rigorosa fidelidade à transcrição de sua entrevista, já que o Sr. é o autor da obra estudada nessa pesquisa. As informações coletadas ficarão de posse da pesquisadora responsável, e seu acesso e solicitação dos materiais pode ser realizado a qualquer momento.

Os possíveis gastos com transporte e alimentação serão ressarcidos pela pesquisadora, de acordo com a Resolução 466/12, item IV.3.g e Resolução 510/16, ART. 17, inc. VII. Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantido seu direito de indenização ou restituição, que garante o reparo ao dano seja ele material ou imaterial devidamente comprovado da pesquisa, devendo ser pago de acordo com a legislação vigente na Resolução CNS 466/12, no item IV.3.h).

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Você será identificado em publicações que possam resultar dessa pesquisa, pois é o autor da obra estudada. A qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou interromper a

ENDEREÇO DE CONTATO DO COMITÊ DE ÉTICA (CEPSH-UFSC): Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep-pr@pesq@contato.ufsc.br

ANEXO A – TCLE ACEITO PELO ENTREVISTADO



participação e retirar seu consentimento, sem penalização alguma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora.

O Sr. receberá uma cópia deste termo onde consta o contato/e-mail da pesquisadora responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento. A pesquisadora responsável se compromete a cumprir todas as exigências contidas nas Resoluções CNS 466/2012 e CNS 510/2016.

ENDEREÇO FÍSICO DA PESQUISADORA: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Pós/ARQ). Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro Tecnológico (CTC), Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO DE CONTATO DO COMITÊ DE ÉTICA: Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis-SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone +55 (48) 3721-6094. CEP/SES-SC cepsses@saude.sc.gov.br. Telefone (48) 3212-1644 / 3212-1660.

Desde já agradecemos sua colaboração!

Florianópolis, 21 de maio de 2019.

CAROLINA BINI

Carolina Bini

CPF: 097.552.669-33

Pesquisadora Responsável (UFSC)

E-mail: arcarolinabini@gmail.com

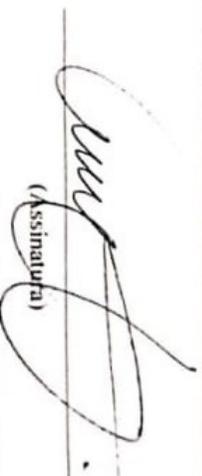
Tel.: (47) 98812-8014

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Participante da Pesquisa: MANCEL COELHO

Documento de Identidade: 370930-2 PR


(Assinatura)

ENDEREÇO DE CONTATO DO COMITÊ DE ÉTICA (CEPSH-UFSC): Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contatos: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br